

SANDRA QUAREZEMIN

A FOCALIZAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agosto de 2005

SANDRA QUAREZEMIN

A FOCALIZAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^o Dr. Carlos Miotto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agosto de 2005

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)
Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria José Foltran (UFPR)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Scher (USP)

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Figueiredo Silva (UFSC)
(suplente)

*Aos meus pais, Ari e Terezinha, que me
educaram com carinho e dedicação,
ensinando-me a viver com dignidade.*

*Aos dois grandes amores da minha vida,
minha filha Júlia e meu namorado Gustavo,
simplesmente por vocês existirem.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as maravilhas a mim concedidas e por ter colocado pessoas tão especiais em meu caminho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Miotto por ter me proporcionado uma orientação próxima e presente, pela sua paciência inesgotável e pelo exemplo de profissional. Um dia li que “um Mestre funciona como agente catalisador, cuja simples presença estimula... Ele não pode entregar a você aquilo que conhece, mas pode criar um certo campo de energia no qual suas sementes são encorajadas, em que você pode criar coragem suficiente para dar o salto no qual o milagre torna-se possível.” (Osho Zen) Este trecho sintetiza o que senti convivendo com o Prof. Miotto durante estes dois anos de orientação de Mestrado. Obrigada, Miotto, por ter acreditado em mim.

Ao Prof. Dr. Sérgio Menuzzi e à Prof.^a Dr.^a Ruth Vasconcellos Lopes, membros da Banca de Qualificação, pelos comentários e sugestões que tanto contribuíram para o aprimoramento desta dissertação. Não preciso dizer que as falhas remanescentes são de minha responsabilidade.

Às aulas da Prof.^a Ruth Vasconcellos Lopes e da Prof.^a Maria Cristina Figueiredo Silva, as quais, ainda na graduação, despertaram o meu interesse pela Teoria Gerativa e contribuíram com a minha formação acadêmica.

Aos meus pais, Ari e Terezinha, que se doaram inteiros e renunciaram os seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Obrigada por terem feito da minha filha a criança tão feliz que ela é. Agradeço o incentivo e o amparo emocional recebidos durante todo o período em que estive distante de casa.

À minha filha Júlia que, mesmo sendo tão pequena, soube compreender com muita maturidade a minha falta no seu dia-a-dia. Agradeço por me receber sempre com beijos e abraços e com um sorriso que me fortalecia em todos os sentidos. Obrigada, meu anjo, pelo amor que alimentou o meu desejo de prosseguir e que foi essencial para o meu equilíbrio na realização desta pesquisa.

Ao Guto, meu companheiro de todas as horas, que compartilhou os meus ideais e compreendeu a minha ausência e impaciência em muitos momentos. Obrigada pelas suas palavras de incentivo e amor, por me escutar sempre, mesmo não entendendo o que eu queria dizer nas muitas vezes em que lhe perguntava: “Quem telefonou?”.

Às minhas irmãs, Shayrlene e Janaina, e aos meus cunhados, Cristiano e Grégory, que me descontraíram nos momentos em que a tensão e o desânimo se fizeram presente. Obrigada por me lembrarem que “tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

À Fátima Mendes e ao seu filho Eduardo de Costa, por terem sido tão zelosos com a minha filha durante a minha ausência. Obrigada, Fá, por me receber sempre com aquele cafezinho que só você sabe fazer.

Aos meus amigos-irmãos Ronald Taveira da Cruz e Cristiane Maria da Silva que sempre estavam dispostos a ler e discutir o meu trabalho. Obrigada por ouvirem as minhas lamentações e, algumas vezes, frustrações sem pedirem nada em troca. Com certeza posso dizer que o Ronald foi o meu pai e a Cris a minha mãe durante esse período.

Às amigas que conheci no Mestrado, Lílian Coelho Pires (Docinho) e Fabiana Andrade Santolin (Florzinha), por compartilharem comigo todos os momentos difíceis desse percurso e mostrarem que após a tempestade sempre vem a calmaria. Agradeço por vocês terem sido meus anjos protetores não só dentro como fora do curso de Mestrado.

À Paula Ceryno, Isabel Raitz e Samia Barbosa que muito mais que amigas foram as minhas informantes. Obrigada por atenderem prontamente ao meu chamado, respondendo as minhas perguntas para que eu pudesse ver como vocês focalizavam o sujeito.

Ao povo do Núcleo de Estudos Gramaticais (NEG) – Luisandro, Tharen, Gabriel, João, Robson, Ana Luzia, Mariana, Priscila, Cláudio, Lucilene – pela amizade e descontração.

À Heloísa Pilati que gentilmente me enviou a sua dissertação de Mestrado.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

SUMÁRIO

Resumo	iv
Abstract	v
Introdução	01

Capítulo 1 – Foco e Tópico

1.0 Introdução	04
1.1 Foco e Pressuposição	04
1.1.1 Pressuposição	05
1.1.2 Foco	07
1.2 Foco e Prosódia	10
1.3 Tópico	14
1.4 Foco <i>versus</i> Tópico	18
1.5 Resumo do Capítulo	23

Capítulo 2 – Posição do constituinte focalizado nas sentenças

2.0 Introdução	25
2.1 Foco na periferia esquerda da sentença	25
2.1.1 Objeto-Sujeito-Verbo (OSV)	30
2.1.2 Objeto- <i>que</i> -Sujeito-Verbo (OqueSV)	33
2.2 Foco na periferia esquerda de VP	35
2.3 Sujeito – Verbo – Objeto (SVO)	41
2.4 Clivagem	44
2.4.1 Clivada (<i>Ser O que</i> SV)	44
2.4.2 Clivada Invertida (<i>O ser que</i> SV)	50
2.4.3 Pseudoclivada (<i>Wh SV ser O</i>)	51
2.4.4 Pseudoclivada Invertida (<i>Ser O Wh</i> SV)	53
2.5 Resumo do Capítulo	54

Capítulo 3 – O Sujeito pós-verbal no Português Brasileiro

3.0 Introdução	56
3.1 Parâmetro do Sujeito Nulo	56
3.1.1 Efeitos <i>that-t</i> e o Português Brasileiro	58
3.1.2 O PB como uma língua <i>pro-drop</i> parcial	61
3.2 Atribuição de Caso nominativo ao Sujeito	64
3.2.1 Atribuição sob Concordância	64
3.2.2 Atribuição sob Regência	65
3.3 O sujeito pós-verbal no Português Brasileiro	68
3.3.1 Hipótese de Caso Partitivo	68
3.3.2 Caso partitivo e o Português Brasileiro.....	70
3.3.3 Perda dos Pronomes Clíticos e a inversão sujeito-verbo	72
3.3.4 Hipótese de restrição de mono-argumentalidade	74
3.3.5 Construções com o sujeito pós-verbal	77
3.3.5.1 Fronteamento do verbo (<i>V-fronting</i>)	77
3.3.5.2 Falsa inversão (<i>Right Dislocation</i>)	78
3.3.6 O sujeito pós-verbal em sentenças com verbos transitivos	79
3.4 Resumo do Capítulo	82

Capítulo 4 – A Focalização do Sujeito no Português Brasileiro

4.0 Introdução	84
4.1 A focalização do sujeito nas línguas românicas	85
4.1.1 O sujeito focalizado no Espanhol	85
4.1.2 O sujeito focalizado no Português Europeu	88
4.1.3 O sujeito focalizado no Francês	92
4.1.4 O sujeito focalizado no Italiano	93
4.2 A focalização do sujeito no PB	98
4.2.1 Como foco de informação	100
4.2.1.1 Sujeito pré-verbal	101
4.2.1.2 Sujeito pós-verbal	106

4.2.2 Como foco contrastivo ou exaustivo	112
4.2.2.1 Sujeito pré-verbal	114
4.2.2.2 Sujeito pós-verbal	117
4.3 Resumo do Capítulo	119
Considerações Finais	121
Referências Bibliográficas	123

RESUMO

O objetivo desta dissertação é descrever e analisar o fenômeno da focalização do sujeito em português brasileiro (doravante PB), tendo como base a Teoria Gerativa. Para tanto, é estabelecida, primeiramente, a noção de foco e a sua relação com a pressuposição e a prosódia. Apresentamos as propriedades que distinguem o foco do tópico, argumentando que apenas o foco é um constituinte de natureza quantificacional, embora estes dois constituintes preencham posições de especificadores das categorias FocP e TopP, respectivamente. No que diz respeito ao sujeito no PB, mostramos que o parâmetro *pro-drop* é elaborado como contendo o seguinte conjunto de propriedades: sujeito nulo; inversão livre do sujeito; movimento longo do sujeito a partir de uma ilha-Qu; pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; aparente violação do filtro *that-t*. Uma língua que se ajusta plenamente ao parâmetro apresenta irrestritamente todas essas propriedades; o oposto complementar se aplica a uma língua não *pro-drop*. Se consideramos a propriedade da inversão livre como uma estratégia para focalizar o sujeito, podemos entender por que o italiano, o espanhol e o português europeu focalizam o sujeito em posição pós-verbal, enquanto o inglês e o francês nunca o fazem. Estudos sobre o PB apontam que é muito saliente o preenchimento da posição de sujeito por um pronome, exceto quando o sujeito é expletivo, isto é, o PB é considerado uma língua de sujeito nulo parcial. Quando se trata da focalização do sujeito, às vezes ele é focalizado antes do verbo e outras vezes depois, a focalização pós-verbal sendo a mais restrita. Este estado de coisas permite apontar uma simetria relacionando as duas propriedades em questão: o PB é parcial tanto no que diz respeito ao sujeito nulo quanto no que diz respeito à focalização do sujeito em posição pós-verbal. Argumentamos que esta correlação é previsível se o sujeito nulo e a inversão livre são duas propriedades do mesmo parâmetro.

ABSTRACT

The purpose of this study is to describe and analyze, within the Generative Grammar framework, the phenomenon of subject focalization in Brazilian Portuguese (henceforth BP). Thus, it was required a discussion of the notion of the focus and its relation to presupposition and prosody. We present the features which distinguish focus from topic by arguing that only focus is a constituent with quantificational nature, although both components fill positions of specifiers in the categories FocP and TopP respectively. Regarding subject in BP, we show that the pro-drop parameter displays the following features: null subject, free inversion of subject, long movement of subject from an Wh-island, null resumptive pronouns in embedded sentences; apparent violation of the that-t filter. A language which fits completely in the parameter must display all these features; the opposite applies to a non-pro-drop language. If we consider free inversion a strategy to focalize the subject, we may understand why Italian, Spanish and European Portuguese focalize the subject in pos-verbal position, while English and French do not. Case studies in BP suggest that position filling of subject by a pronoun is very common, except when the subject is an expletive: that is, BP is considered a language with partial null subject. Regarding subject focalization, it is focalized sometimes before and sometimes after the verb. This state of affairs points to a simetry between the two features: BP is partial both concerning null subject and concerning subject focalization in postverbal position. We argue that this correlation is predictable if null subject and free inversion are features of the same parameter.

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo descrever a focalização do sujeito no Português Brasileiro (doravante PB) e estudar as particularidades que tornam este processo diferente da focalização do sujeito em outras línguas românicas e da focalização de outro constituinte, como o objeto, por exemplo. Na presente pesquisa analisamos as construções que envolvem focalização de constituintes tendo como base a Teoria Gerativa em sua versão Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981).

O foco é definido como o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença. Não estamos tratando da dicotomia informação nova *versus* informação velha, antes, analisamos as sentenças por meio da articulação foco-pressuposição. Para que possamos deixar claro que a articulação foco-pressuposição é diferente da bipartição tópico-comentário, definimos o tópico, identificando as suas propriedades semânticas e sintáticas. Por meio dessas propriedades, mostramos que o tópico e o foco são dois constituintes distintos que ocupam diferentes posições na sentença. A identificação de um constituinte focalizado pode ocorrer na sintaxe, como no caso das sentenças clivadas e pseudoclivadas, ou através de um contexto prévio que indique qual é o foco da sentença.

A relação foco-prosódia é relevante para a compreensão da correlação estrita entre o acento principal, chamado de acento nuclear, e o foco da sentença. O foco sempre recebe o acento nuclear da sentença, enquanto a pressuposição não pode ser acentuada. Dessa forma, em um par pergunta-resposta a proeminência prosódica da sentença estará sobre a sílaba ou a vogal mais encaixada dentro do constituinte focalizado (ou um membro deste) na resposta.

O problema de focalizar o sujeito vem à tona quando o PB, que focaliza o sujeito em posição pré-verbal, é comparado com outras línguas românicas que o focalizam em posição pós-verbal exibindo o fenômeno da inversão livre. Podemos dizer que uma língua que focaliza o sujeito em posição pós-verbal reflete a atuação de algum processo desencadeado para fazer com que ele receba o acento nuclear. Como a inversão não é natural no PB, observamos que outra coisa tem que ser dita para explicar o fenômeno da focalização do sujeito.

Buscando alcançar a melhor forma de expor e analisar o fenômeno da focalização do sujeito em PB, dividimos a dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos como se dá da interpretação semântica das sentenças que apresentam a articulação foco-suposição e tópico-comentário. Pretendemos, assim, mostrar que foco e tópico são dois constituintes que conduzem informações distintas e que, por isso, não podem ser confundidos um com o outro. Para compreender melhor a relação entre foco e prosódia, tratamos de algumas regras relacionadas à acentuação dos constituintes na sentença, descrevendo a maneira como as línguas românicas resolvem quaisquer conflitos gerados pela relação foco-prosódia.

O segundo capítulo é destinado ao tratamento da focalização do objeto. O objetivo deste capítulo é analisar todas as construções em que o objeto pode ser focalizado em PB e mostrar que quando o foco é o objeto, a sentença reflete claramente se houve movimento ou não desse constituinte. Para tanto, apresentamos duas análises: a proposta de Rizzi (1997) e a proposta de Belletti (2001). A primeira trata da expansão do sistema CP, o qual passa a ser composto por várias categorias funcionais, estruturadas de maneira ordenada na periferia esquerda da sentença. Entre estas categorias encontramos FocP e TopP responsáveis por codificar informações do tipo foco-suposição e tópico-comentário.

A segunda proposta versa sobre a parte baixa da estrutura. Assim como ocorre com o CP, a área interna ao IP passa a alojar constituintes com funções de tópico e foco que não aparecem deslocados na parte alta da estrutura. Seguindo a análise sintática desses dois autores, assumimos que um constituinte é interpretado como foco somente se é movido para o especificador de FocP, portanto, o movimento do foco é obrigatório e não opcional. A nossa hipótese é que há duas áreas onde a categoria FocP é projetada em PB, uma vez que nesta língua encontramos constituintes focalizados deslocados e *in situ*.

No terceiro capítulo abordamos algumas propostas sobre o sujeito pós-verbal em PB. O objetivo é mostrar como a posposição do sujeito é analisada na literatura. A nossa hipótese é que a ordem VS (verbo-sujeito) não é tão restrita nessa língua, como considera a grande maioria dos estudiosos deste assunto, mas, também não deve ser vista como um caso de inversão livre. Ainda postulamos que outro fator que não número de argumentos do verbo e definitude do mesmo está em jogo nos contextos em que o sujeito pós-verbal é

licenciado. Para nós, a focalização deve ser vista como o fenômeno que desencadeia a posposição do sujeito nos contextos em que ocorre VS em PB.

Após percorrermos um trajeto no qual mostramos como o foco é definido e interpretado, as propriedades sintáticas e semânticas que o diferenciam do tópico, o modo como o objeto é focalizado, as posições em que o constituinte focalizado pode ocupar na sentença e um panorama do comportamento do sujeito pós-verbal em PB, passamos a tratar especificamente da focalização do sujeito.

As línguas românicas apresentam comportamentos diferentes em relação ao processo de focalizar o sujeito. Em virtude disso, iniciamos o quarto capítulo mostrando como este constituinte é focalizado no espanhol, italiano, português europeu (doravante PE) e francês. O nosso objetivo é verificar até que ponto a sintaxe do PB distancia-se ou aproxima-se das línguas-irmãs. A hipótese que norteia a pesquisa é que o PB interpreta o sujeito pré-verbal tanto como foco de informação quanto como foco contrastivo. E, nos casos em que ocorre inversão do sujeito, esse constituinte não é apenas interpretado como foco de informação, dependendo da situação, ele também pode ser associado aos traços [contrastivo/exaustivo], sendo interpretado como foco contrastivo. Isto nos leva a crer que o PB não é uma língua rígida, como o italiano, o espanhol e o PE que sempre mantêm o sujeito depois do verbo quando ele deve ser interpretado como foco de informação.

Capítulo 1 – Foco e Tópico

1.0 Introdução

Neste capítulo apresentamos como se dá da interpretação semântica das sentenças que apresentam a articulação foco-suposição e tópico-comentário. Pretendemos, assim, mostrar que foco e tópico são dois constituintes que conduzem informações distintas e que, por isso, não podem ser confundidos um com o outro. O conceito foco se aplica ao constituinte que veicula a informação não suposta, enquanto o conceito tópico se aplica ao constituinte que corresponde à informação compartilhada pelos participantes do discurso.

Para compreender melhor a relação entre foco e prosódia na sentença, apresentamos uma seção referente ao assunto tratando de algumas regras relacionadas à acentuação dos constituintes na frase. Também descrevemos o modo como o italiano, espanhol, francês e inglês resolvem quaisquer conflitos gerados pela relação foco-prosódia nas sentenças. Na última seção mostramos as propriedades estruturais que distinguem o foco do tópico no Português Brasileiro. Seguindo estas propriedades, verificamos que, embora as construções envolvendo tópico e foco tenham um esquema configuracional semelhante, elas diferem em alguns aspectos.

1.1 Foco e Suposição

Foco está sendo definido como o constituinte que veicula a informação não-suposta na sentença. Não estamos tratando da dicotomia informação nova *versus* informação velha, antes, analisamos as sentenças por meio da articulação foco-suposição.¹

¹ Como Zubizarreta (1998:160-161) já mostrou, não é seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha da sentença, pois a informação velha também pode ser focalizada. O exemplo fornecido pela autora segue abaixo:

(i) A: João comeu um hambúrguer ou um cachorro-quente?

1.1.1 Pressuposição

A pressuposição é a informação que é considerada o ‘pano de fundo’ da sentença e que se supõe partilhada pelos falantes. Chierchia (2003:186) afirma que “A pressupõe B sse B é dada como certa em todo contexto no qual A é usada”. Podemos recorrer ao par de sentenças em (1) para estabelecer o que é o foco e o que é a pressuposição:

- (1) a. Foi o João que parou de fumar.
b. Alguém parou de fumar.

(1a) é uma sentença clivada que pressupõe (1b) já que esta tem que ser dada como verdadeira quando aquela é usada. Então, o que se afirma a respeito das sentenças de (1) é que a verdade de (1b) é tratada como não-controvertida quando (1a) é verdadeiro. No caso de não existir alguém que tenha parado de fumar, o uso de (1a) é completamente descabido.

Uma forma de identificar o pressuposto é isolar a proposição que se mantém como certa no que se chama a “família pressuposicional” (P-família) da sentença. A P-família de (1a) é o conjunto de sentenças em (2):

- (2) a. Não foi o João que parou de fumar.
b. Foi o João que parou de fumar?
c. Se foi o João que parou de fumar, então ele será admirado.

O pressuposto (1b) se mantém inalterado em toda P-família de (1a) que é composta por sua contraparte negativa (2a), por sua contraparte interrogativa (2b) e por sua contraparte hipotética (2c).

É possível identificar com segurança o pressuposto de uma sentença clivada, como (1a), porque este tipo de sentença é sintaticamente designada para focalizar um constituinte (ver Miotto, 2005): o constituinte focalizado é o que aparece entre a cópula e o complementizador *que*, o lugar ocupado por *o João* em (1a). Uma vez que se consegue

isolar o foco, sabe-se que o que resta da sentença constitui a pressuposição.² Entretanto, já não é tão seguro estabelecer a pressuposição (e conseqüentemente o foco) de uma sentença como (3):

(3) João parou de fumar.

Para realizar tal tarefa, temos que recorrer ao contexto em que a sentença é usada.

Considere as proposições em (4):

- (4)
- a. Alguém fumava.
 - b. Alguém parou de fazer alguma coisa.
 - c. Alguém parou de fumar.
 - d. O João fazia alguma coisa.
 - e. João parou de fazer alguma coisa.

De acordo com Zubizarreta (1998), cada uma delas pode ser o pressuposto de (3) dependendo do contexto de uso. (4a), (4b) e (4c) são pressupostas de (3) se esta sentença responde a uma pergunta como (5a):

- (5)
- a. Quem parou de fumar?
 - b. O João parou de fazer o quê?

Se, por outro lado, a sentença em (3) é usada para responder a pergunta (5b), as proposições de (4) que são pressupostas serão (4b), (4d) e (4e). Para identificar o pressuposto de uma

² Estamos trabalhando com a noção de pressuposição focal que é identificada quando destacamos o foco de uma sentença e substituímos esse constituinte por uma variável quantificada existencialmente. É importante ressaltar que não estamos tratando de um outro tipo de pressuposição, a chamada pressuposição lexical. A pressuposição lexical é a aquela que está associada a itens lexicais como *saber* em (i)

(i) a. Maria sabe [_F que Pedro fala inglês].

b. O que Maria sabe?

Se analisamos uma sentença como (i), verificamos que a verdade do que está entre colchetes é induzida pelo verbo *saber*, como deduzido do teste da P-família da sentença. Entretanto, pressuposição induzida por um item lexical não pode ser confundida com pressuposição focal, que deriva da pragmática da sentença, porque o pressuposto lexical entre colchetes pode ser focalizado quando a sentença em (i) é usada para responder uma pergunta como (ib).

sentença que não é sintaticamente designada para focalizar, é preciso então ter em mente um contexto, pois em um contexto neutro (*out of the blue*) não é possível determiná-lo.

1.1.2 Foco

O contexto desempenha também um papel fundamental na identificação do foco de uma sentença, a não ser que a sintaxe dela explicita que houve uma operação de focalização, como o que acontece com as clivadas. Como vimos, a operação se processa de tal forma que a estrutura resultante tem uma posição destinada para o constituinte focalizado. De fato, se aplicamos o processo de clivagem a (3) obteremos (6):

- (6) a. Foi o João que parou de fumar.
- b. Foi parar de fumar que o João fez.
- c. Foi de fumar que o João parou.

O que é o foco de cada uma das sentenças de (6) é o constituinte situado entre a cópula *foi* e o complementizador *que*. Isto pode ser assegurado sem que precisemos recorrer a contextos previamente estabelecidos.

Entretanto, se não é construída na sintaxe uma estrutura que indique qual é o foco, precisamos recorrer ao contexto para identificar o constituinte focalizado. É o que faz Zubizarreta (1998). Tendo em vista dois tipos de foco e o traço semântico [contrastivo], esta autora fixa uma interrogativa-Wh como um contexto para o foco não-contrastivo, entendido como a informação que a pergunta solicita; e uma afirmação prévia como um contexto apropriado para o foco contrastivo, entendido como uma correção da afirmação prévia.

Consideremos (7):

- (7) a. O que o João comeu?

b. O João comeu [_F a torta].³

O constituinte *a torta*, que responde a pergunta (7a) substituindo a expressão-Wh, é o foco da sentença (7b). A pergunta além de estabelecer o foco da sentença, pois solicita ao ouvinte que ele forneça uma informação desconhecida por parte do falante, também determina qual é a pressuposição. Substituindo a expressão-Wh da pergunta por um indefinido, como em (8), temos a pressuposição:

(8) O João comeu *alguma coisa*.

O foco contrastivo é identificado em um contexto como (9):

- (9) a. O João comeu um pastel.
b. O João comeu [_F **uma torta**] (não um pastel).

O constituinte focalizado em (9b), além de veicular a informação que funciona como uma correção, apresenta um contraste em relação a outro constituinte, a expressão entre parênteses. Este foco nega o valor da variável da afirmação contextual, para, em seguida, atribuir um novo valor a ela. Assim, em (9b) o falante nega o valor estabelecido para a variável *x* (*um pastel*) e introduz um novo valor para ela (*uma torta*).

Zubizarreta também propõe que a interpretação de um constituinte focalizado pode ser representada por duas asserções as quais formam a Estrutura de Asserção (AS) da sentença. A AS se constrói após a LF e contém duas asserções ordenadas, A_1 e A_2 . No caso da sentença (7b), a AS seria como (10):

- (10) A_1 : Existe um *x* tal que o João comeu *x*.
 A_2 : O *x* tal que o João comeu *x* = [_F a torta].

³ Estou utilizando F subscrito para marcar o foco nas sentenças. O foco de informação (não-contrastivo) não vai ser marcado por nenhum recurso gráfico; o foco contrastivo vai aparecer em negrito; e o foco de identificação, que vai aparecer adiante, será marcado com letras maiúsculas.

A asserção A_2 , denominada asserção principal, é uma sentença equativa cujo predicado é o elemento focalizado.

A interpretação do foco contrastivo é representada como na AS abaixo:

(11) A_1 : Existe um x tal que o João comeu x .

A_2 : Não é o caso que o x (tal que o João comeu x) = um pastel & o x (tal que o João comeu x) = [_F **uma torta**].

A A_1 em (11) é constituída pela pressuposição existencial, tal como a A_1 em (10). A A_2 apresenta duas asserções. Na primeira verificamos a negação de um valor previamente atribuído à variável x (*um pastel*) e na segunda a atribuição de um novo valor para essa variável (*uma torta*).

Kiss (1998) considera o traço [exaustivo] um traço semântico relevante para distinguir dois tipos de foco. O constituinte focalizado que é marcado pelo valor positivo do traço [exaustivo] deve ser lido como [*x e apenas x*]. Analisemos a sentença (12):

(12) Foi [_F UM CARRO] que a Maria ganhou.

Verificamos que esta sentença apresenta um foco deslocado da posição de objeto (*um carro*) indicando identificação exaustiva: dentre um conjunto de presentes que a Maria poderia ter ganhado foi somente *um carro* que ela ganhou. Assim, o único valor para a variável x é *um carro*. Este é justamente o papel semântico-comunicativo do foco de identificação apontado pela autora.⁴

Segundo Mioto & Negrão (2005), o foco de identificação no PB também pode ser interpretado em uma estrutura de asserção (AS). Assim, temos para a sentença (12) a AS abaixo:

(13) A_1 : Existe x tal que a Maria ganhou x .

⁴ Kiss (1998:245) atribui ao foco de identificação o seguinte papel semântico-comunicativo em uma sentença: “um foco de identificação representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente, para os quais o predicado pode se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica”.

A₂: Para todo y, foi y que a Maria ganhou se e somente se $y=x$ & o x (tal que foi x que a Maria ganhou) = [F UM CARRO].

A A₂ do foco de identificação, como em (13), contém uma fórmula de unicidade que traduz a exaustividade da sentença. A propriedade de exaustividade se realiza como identificação por exclusão. Deste modo, o único valor possível para a variável x é *um carro*.

O elemento que veicula a informação não pressuposta sem expressar identificação exaustiva sobre um conjunto de elementos dados situacionalmente ou contextualmente não pode ser caracterizado como um foco de identificação. Kiss (1998) chama este constituinte de foco de informação, o qual se comporta como o foco não-contrastivo de Zubizarreta. Na sentença (14), o elemento focalizado apenas fornece a informação solicitada pela pergunta, supondo que esta sentença responde a pergunta *O que a Maria ganhou?*.

(14) A Maria ganhou [F um carro].

Tendo por base os traços [contrastivo] e [exaustivo], Mito (2003:175) monta um quadro com os tipos de foco possíveis, como se vê em (15):

(15)

a. [-contrastivo, -exaustivo]	de informação (K) ⁵ , não-contrastivo (Z)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (K)
c. [+contrastivo, -exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Z) e (K)

Observamos que o que diferencia a proposta de Kiss (1998) e Zubizarreta (1998) é o foco de identificação, que não é considerado por Zubizarreta.

⁵ A letra K corresponde a Kiss (1998) e Z a Zubizarreta (1998), o sinal * significa que não há nenhum tipo de foco que tenha esta combinação de traços.

1.2 Foco e Prosódia

A relação foco-prosódia é relevante para a compreensão da correlação estrita entre o acento principal e o foco da sentença. O foco ou um membro do sintagma focalizado sempre recebe o acento principal da sentença, enquanto o pressuposto não pode ser acentuado nos mesmos níveis. O acento principal é atribuído segundo as regras de acentuação da língua em questão. Se assumimos para o PB a Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule - NSR*) de Chomsky & Halle (1968)⁶, devemos atribuir o acento principal à sílaba mais encaixada do constituinte que está mais à direita na sentença. Dessa forma, em um par pergunta-resposta a proeminência prosódica da sentença estará sobre a sílaba ou a vogal mais encaixada dentro do constituinte focalizado (ou um membro deste) na resposta.

Consideremos (16) e (17):

- (16) a. O que o Pedro comprou?
b. O Pedro comprou [_F um caSAco].⁷
c. O Pedro comprou [_F um casaco amaRElo].
- (17) a. O que aconteceu?
b. [_F O Pedro comprou um casaco amaRElo].

Em (16c), não é permitido acentuar todo o constituinte focalizado *um casaco amarelo*, pois a NSR obriga o pico entonacional recair sobre uma sílaba, ou ainda, uma vogal em um único constituinte da sentença. Até quando toda sentença é focalizada, como em (17b), o elemento que recebe o acento nuclear é somente o último constituinte.

Zubizarreta (1998) assume que a variação na ordem dos constituintes ocorre como uma forma de o foco de informação receber acento principal via NSR. A autora explica a variação da atribuição de acento principal nas línguas germânicas e românicas revisando a NSR.

⁶ Chomsky & Halle (1968) definem a Regra de Acento Nuclear (NSR) como segue:

NSR: o acento é atribuído à vogal mais à direita em um constituinte maior, por exemplo, [*the [black bird]*]. A NSR é uma regra cíclica, a qual pode ser aplicada recursivamente.

⁷ As letras maiúsculas indicam o acento principal.

(18) NSR revisada:

S-NSR: Dadas duas categorias irmãs C_i e C_j , se C_i e C_j são ordenadas seletivamente, a mais baixa na ordem de seleção é a mais proeminente.

C-NSR: Dadas duas categorias irmãs C_i e C_j , a mais baixa na ordem de c-comando assimétrico é a mais proeminente.

Em (18), a NSR é subdividida em duas partes: uma fundamentada na ordenação de argumentos selecionados por um predicado (S-NSR), e outra baseada na ordem de constituintes por meio de c-comando assimétrico⁸ (C-NSR). A relação de c-comando assimétrico ocorre entre dois constituintes que não estão no mesmo nível hierárquico na estrutura.

Vejamos a aplicação da relação de c-comando assimétrico em (19):

(19) O João beijou a Maria.

Na derivação dessa sentença observamos que o constituinte *o João* e o constituinte *a Maria* não estão no mesmo nível hierárquico, e que o objeto *a Maria* é dominado por I, que é o irmão de *João* na estrutura hierárquica. Assim, podemos afirmar que em (19) *o João* c-comanda assimetricamente *a Maria*.

Quanto à aplicação da NSR revisada, consideremos (20):

(20) A boy has danced.

(Um garoto dançou)

Se a proeminência desta sentença é atribuída via S-NSR o elemento acentuado é *bOy*, pois verificando a ordem de seleção da sentença ele é o último argumento selecionado. Se a proeminência é atribuída por meio da C-NSR o elemento que recebe o acento é *dAnced*, uma vez que aplicando a noção de c-comando assimétrico à sentença (20) ele é identificado como o último constituinte da sentença.

⁸ Mito et alli (2004:52) fornecem a seguinte definição de c-comando assimétrico:
 α c-comanda assimetricamente β sse β é dominado pelo irmão de α .

A diferença entre as línguas germânicas e as românicas reside no fato de que nas primeiras tanto a S-NSR quanto a C-NSR se aplicam, enquanto a atribuição do acento principal nas últimas se baseia somente na noção de c-comando, e não em propriedades seletivas do verbo. Assim sendo, em uma sentença do PB, o constituinte mais baixo em ordem de c-comando assimétrico recebe o acento principal. Em (16b), o objeto *um casaco* é o constituinte mais baixo em ordem de c-comando assimétrico e é o foco da sentença. Por isso, nenhum recurso especial precisa ser aplicado à sentença para que o foco receba o acento principal.

Quando o constituinte interpretado como foco de informação não figura como o último elemento em ordem de c-comando assimétrico na sentença, as línguas românicas devem apresentar uma solução para que este elemento ainda assim receba o acento principal. Esta situação se verifica quando o sujeito é focalizado.

A solução para o italiano e espanhol é empregar a ordem verbo-sujeito (VS) para focalizar o sujeito com interpretação de foco de informação e deixá-lo em uma posição mais à direita na sentença, como em (21b) e (22b), respectivamente:

(21) a. Chi ha partito?

(Quem tem saído?)

b. Ha partito [_F GiANNi].

(Tem saído o João)

(22) a. ¿Quién ha comido una manzana?

(Quem tem comido uma maçã?)

b. Ha comido una manzana [_F JuAN].

(Tem comido uma maçã o João)

Verificamos que o sujeito *Gianni*, em (21b), e *Juan*, em (22b), recebem o acento principal no final da sentença, não ocasionando uma falta de correlação entre o foco e o acento principal da sentença.

Para explicar como algumas línguas românicas permitem a atribuição do acento principal ao elemento interpretado como foco de informação que não está mais à direita na

sentença, Zubizarreta (1998) faz uma distinção entre *visibilidade* e *invisibilidade métricas*. A NSR se aplica apenas a constituintes que são metricamente visíveis. Em línguas como o italiano e espanhol todos os constituintes são visíveis para a atribuição de acento principal. Por isso, o foco de informação deve estar em uma posição mais encaixada na sentença (conforme observamos em (21b) e (22b)). Em outras línguas, como o francês, os constituintes não focalizados são invisíveis para a computação do acento principal. Nestas línguas, são possíveis sentenças com o acento principal sobre o constituinte focalizado que está mais à esquerda na sentença, como em (23):

- (23) a. Qui a mangé une pomme?
(Quem tem comido uma maçã?)
b. [_F JeAN] *a mangé une pomme*.⁹
(João tem comido uma maçã)

Em (23b), o sujeito *Jean* recebe o acento principal e a pressuposição que é metricamente invisível para a atribuição do acento sofre um processo de desacentuação.

Quanto à acentuação do foco contrastivo, Zubizarreta propõe que o constituinte focalizado contrastivamente recebe um acento contrastivo que independe da NSR. Este acento é mais intenso que o acento principal. Vejamos o exemplo abaixo:

- (24) [_F **Pedro**] comprou um casaco amarelo (não Paulo).

A pressuposição da sentença (24) - *comprou um casaco amarelo* - também sofre um processo de desacentuação. A acentuação desta sentença é diferente da acentuação verificada em (16) e (17). O acento que incide sobre *Pedro*, em (24), está relacionado à função do foco contrastivo de negar parte da pressuposição da sentença e de introduzir um outro constituinte focalizado nessa mesma sentença. Dessa forma, o acento contrastivo não deve ser confundido com o acento principal atribuído via NSR. Esse último acento está relacionado apenas à informação não pressuposta da sentença.

⁹ Os constituintes em itálico representam a invisibilidade métrica.

1.3 Tópico

Nas seções anteriores vimos que o foco tem determinada função informacional e é um constituinte destacado na sentença por um determinado tipo de acentuação. Nesta seção, apresentamos uma outra forma de destacar um constituinte do resto da sentença: por uma pausa. O constituinte assim destacado tem outra função informacional, que é a de tópico. O domínio de onde este constituinte é destacado constitui o comentário.

As sentenças podem ser, assim, estruturadas em tópico-comentário. O tópico normalmente é definido como o constituinte que veicula informação partilhada pelos interlocutores de uma determinada situação discursiva. Em situações da fala o constituinte topicalizado é marcado por uma pausa. O comentário é a predicação que se aplica ao tópico devendo veicular a informação não pressuposta e podendo veicular também informações já referidas no discurso.

Alguns autores, como Reinhart (1982), são contra a definição de tópico apenas como a informação dada, argumentando que informação velha não é condição suficiente para topicalidade. Estes autores observam que em um enunciado pode haver outros elementos, os quais não exercem a função de tópico, que também veiculam a informação dada.

Zubizarreta (1998), assim como Reinhart (1995), assume que a articulação tópico-comentário é representada em termos de predicação, em que o comentário é uma sentença aberta que predica sobre o tópico:

- (25) a. O meu pai, ele trabalha nos feriados.
b. Nos feriados, o meu pai trabalha.

Esta predicação supõe que o tópico se encontra em posição A', sendo retomado na conexão com a posição aberta do comentário, por um pronome, como em (25a), ou uma categoria vazia, como em (25b).

Zubizarreta supõe, ainda, que a bipartição tópico-comentário é representada na AS da sentença. A proposta da autora é ilustrada com o exemplo em (26).

- (26) a. E a pizza? Quem comeu ela?
b. A pizza, o Pedro comeu ela.

Por meio da pergunta-contexto em (26a), verificamos que *Pedro* é o foco e *a pizza* é o constituinte topicalizado da sentença (26b). A AS de (26b) é como (27):

- (27) A_1 : a pizza / existe um x , tal que x comeu y .
 A_2 : a pizza _{y} / o x (tal que x comeu y) = Pedro.

Seguindo a leitura das duas asserções ordenadas, encontramos na A_1 o tópico *a pizza* e uma quantificação existencial similar à pressuposição. A A_2 é composta pelo tópico e pela asserção principal de uma sentença com foco. Zubizarreta ressalta que a representação de uma sentença contendo tópico na AS mostra que o tópico não pode ser identificado com o foco, visto que o tópico é o sujeito de um predicado proposicional e o foco está contido dentro deste predicado.

Reinhart (1995), além de assumir que a estrutura de tópico-comentário é representada em termos de predicação, trabalha com a noção de conjunto de Asserções Pragmaticamente Possíveis (*Possible Pragmatic Assertions – PPA*). A cada sentença é associado um conjunto PPA que pode variar de acordo com o tipo de sentença. Assim, uma sentença SVO, como (28), tem quatro membros em seu conjunto PPA, como se vê em (29):

- (28) Maria beijou o João.

- (29) a. A Maria beijou o João.
b. A Maria, ela beijou o João.
c. O João, a Maria beijou ele.
d. Beijar o João, a Maria beijou ele.

O PPA de (28) é composto por uma sentença SVO (29a), uma sentença com sujeito topicalizado e no comentário a estrutura SVO (S/SVO – 29b), uma sentença com o objeto topicalizado e a estrutura SVO no comentário (O/SVO – 29c) e uma sentença com o verbo e o objeto topicalizados (VO/SVO – 29d).

As sentenças inacusativas do tipo *there* não podem apresentar o sujeito indefinido como tópico, por isso, não têm a sentença S/SVO em seu PPA, como mostra a agramaticalidade de (30b). Nas sentenças com deslocamento à esquerda, o constituinte que aparece deslocado é o único elemento topicalizado da sentença. O PPA de uma sentença desse tipo é composto por um membro apenas. No caso de (31), este membro é a sentença O/SVO.

- (30) a. Existem dinossauros no jardim.
b. * Dinossauros, eles existem no jardim.

- (31) Os livros, a Maria guardou eles.

Reinhart afirma que o conjunto PPA é relevante para julgamentos de valor de verdade de sentenças. O valor de verdade de uma sentença depende do elemento que é o tópico da sentença. Se uma sentença é acessada via o PPA S/SVO é preciso verificar se o conjunto definido pelo sujeito tem as propriedades definidas pelo predicado para saber o valor de verdade dessa sentença. E, se a sentença é acessada via o PPA O/SVO deve-se verificar se o conjunto definido pelo objeto tem as propriedades definidas pelo predicado.

Consideremos as sentenças em (32) fornecidas por Reinhart:

- (32) a. Two American kings lived in New York.
(Dois reis americanos viveram em Nova Iorque)
- b. There were two American kings in New York.
(Havia dois reis americanos em Nova Iorque)

Aplicando a noção de conjunto PPA a estas sentenças observamos que (32a) pode ser considerada falsa ou indefinida, enquanto (32b) só pode ser considerada falsa. Os conjuntos PPAs em (33) e em (34) representam a AS das sentenças (32a) e (32b), respectivamente:

- (33) a. Dois reis americanos viveram em Nova Iorque.
b. Dois reis americanos (x)/ x viveram em Nova Iorque.
c. Nova Iorque (y)/ Dois reis americanos viveram em y.
- (34) a. Havia dois reis americanos em Nova Iorque.
b. Nova Iorque (x)/ Havia dois reis americanos em x.

Segundo Reinhart, a sentença (32a) é julgada indefinida se a sentença é acessada via o membro (33b) do conjunto PPA em (33). Zubizarreta (1998) ressalta que (33b) é uma asserção que começa com um elemento sem referência no mundo real, “dois reis americanos”. Assim, não há como manter uma relação de predicação. (32a) é considerada falsa se a sentença é acessada via o membro (32c) do conjunto PPA em (33), uma vez que o locativo topicalizado *Nova Iorque* tem referência no mundo real e o predicado *dois reis americanos* não se aplica a nenhum residente desta cidade.

A não variação no julgamento do valor de verdade de (32b) pode ser explicada pelo fato de o sujeito indefinido não funcionar como tópico em uma sentença do tipo *there*. Por isso, uma representação comparável a (33b) não está disponível para a sentença (32b). Somente (34b), com o elemento *Nova Iorque* topicalizado, está disponível para (32b). E, nesse caso, o conjunto definido pelo locativo *Nova Iorque* não tem as propriedades definidas pelo predicado *dois reis americanos*.

Deste modo, verificamos que esses exemplos mostram que o tópico não possui apenas uma função discursiva, além desta estratégia, ele desempenha uma função relevante no julgamento do valor de verdade da asserção a que pertence.

4. Foco *versus* Tópico

O foco é o constituinte que veicula a informação não pressuposta e é destacado na sentença por um determinado tipo de acentuação. O tópico é o constituinte que veicula a informação conhecida pelos participantes do discurso e é destacado na sentença por uma pausa. Estes dois constituintes são interpretativamente diferentes, apesar de se estruturarem de forma parecida quando aparecem na periferia esquerda da sentença. Rizzi (1997) aponta cinco propriedades sintáticas que diferem o tópico do foco. Nesta seção, apresentamos como essas diferenças se manifestam no PB.

A primeira diferença está relacionada à retomada do constituinte na periferia esquerda da sentença. O foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo, como em (35b):

- (35) a. A MARIA¹⁰ t comprou um carro.
b. *A MARIA ela comprou um carro.

Enquanto uma sentença que apresenta o tópico retomado por um pronome no comentário é gramatical, como em (36):

- (36) A Maria, ela comprou um carro.

O elemento focalizado, ao contrário do topicalizado, deve ser retomado por uma categoria vazia (cv). O foco não pode ser retomado por um pronome resumptivo porque é um elemento quantificacional. Assim sendo, precisa vincular uma variável que é [-pronominal] em posição-A. Em (35b), *a Maria* é um constituinte quantificacional e não há uma variável para que a vinculação possa ser estabelecida.

¹⁰ Nesta seção, não usamos F subscripto para manter a notação de Rizzi (1997) que marca o constituinte focalizado com letras maiúsculas e o topicalizado não.

Outra diferença entre o tópico e o foco aparece quando verificamos o efeito de cruzamento fraco (*Weak Cross-Over - WCO*). O foco sofre os efeitos deste cruzamento, enquanto o tópico não reage a tais efeitos.

- (37) a. *A MARIA_i o pai dela_i conhece t_i bem (não o João)
b. A Maria_i, o pai dela_i conhece ela_i bem.

(37a) é agramatical porque o foco vincula uma variável por cima de um pronome (*dela*) que não c-comanda essa variável. A variável t_i deve estar vinculada diretamente ao foco *a Maria*. Em (37b), o tópico *A Maria* é um constituinte não-quantificacional em posição-A' que vincula um pronome *ela* mesmo existindo o pronome *dela* entre eles. Por isso, a sentença é bem formada.

Rizzi segue Lasnik e Stowell (1991) e afirma que WCO é uma característica distintiva das relações A' envolvendo quantificação genuína. As relações A' são de dois tipos: há as relações envolvendo um quantificador que vincula uma variável e há as relações que envolvem uma vinculação A' não-quantificacional. Nesta última, um constituinte não-quantificacional vincula uma categoria vazia que não é uma variável, é chamada de constante nula (*nc – null constant*). Estas duas relações são ilustradas pela sentença interrogativa em (38a) e pela relativa apositiva em (38b):

- (38) a. ?*Who does his mother really like t?
(De quem a mãe dele realmente gosta t?)

b. John, who his mother really like t.
(O João, que a mãe dele realmente gosta t)

Em (38a), a categoria vazia é uma variável que deve ser vinculada ao operador *who* em posição A'. Isso não ocorre porque há um elemento intermediário *his* impedindo a vinculação. A categoria vazia em (38b) é uma constante nula e não uma variável. Essa constante nula é licenciada pelo operador *who* que tem sua referência determinada pelo antecedente *John*. Dessa forma, *who* é um operador anafórico sem propriedades

quantificacionais, diferentemente do operador em (38a). De acordo com Rizzi, somente a sentença interrogativa em (38a) é sensível aos efeitos de WCO.

Analisando o contraste entre as sentenças em (37a) e (37b) verificamos que apenas a sentença com foco (37a) sofre os efeitos de WCO, o que indica que esta sentença envolve uma relação A' quantificacional. Como a sentença com tópico (37b) não reage aos efeitos de WCO, observamos que esta sentença envolve uma relação A' não-quantificacional. Se o foco é um constituinte quantificacional, ele sempre deve vincular uma categoria vazia do tipo variável em posição A, satisfazendo o princípio de Interpretação Plena (*FI – Full Interpretation*) que diz que quantificadores devem vincular variáveis. Isso explica porque o foco não pode ser retomado por um pronome (clítico ou não), como vimos em (35). O tópico é um constituinte de natureza não-quantificacional que pode ser retomado por um elemento pronominal (clítico ou não), como vimos em (36).

Outra propriedade que distingue tópico de foco é a compatibilidade com elementos quantificacionais nus (*bare quantificational elements*). O foco é compatível com elementos quantificacionais nus, como vemos pela gramaticalidade de (39), enquanto o mesmo não se verifica com o tópico, como vemos pela agramaticalidade de (40):

(39) TUDO_i a Maria limpa t_i dentro de casa.

(40) *Tudo_i, a Maria limpa cv_i dentro de casa.

Os quantificadores nus não podem ser topicalizados porque são operadores inerentes. Um operador deve vincular uma categoria vazia do tipo variável em posição A. Como a relação entre o tópico e a categoria vazia não é de natureza quantificacional, não há variável no comentário para ser vinculada pelo operador.

As sentenças que envolvem quantificadores com restrição lexical em posição de tópico são gramaticais, como em (41):

(41) Algumas meninas, a Maria viu elas na festa.

Segundo Rizzi, o quantificador com restrição lexical *alguma meninas* é diferente do quantificador nu *tudo* em (40). O primeiro pode ser topicalizado porque há uma forma de criar uma variável para ele vincular. A sentença (41) tem a seguinte estrutura:

(42) [Algumas_j [t_j as meninas]],_i a Maria viu elas_i na festa.

Em (42), o quantificador *algumas* é extraído do DP, deixando uma variável no seu lugar para ele possa vincular. A relação entre o tópico *alguma meninas* e o pronome tônico *elas* continua sendo de natureza não-quantificacional.

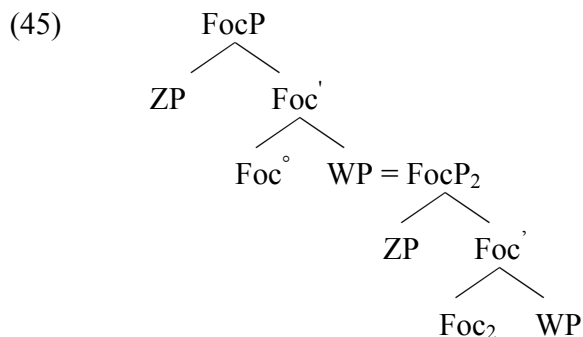
Outra propriedade apontada por Rizzi (1997) é a unicidade do foco. Uma sentença pode ter mais de um tópico, como em (43), mas apenas um foco, como ilustra (44).

(43) A bolsa, amanhã, com certeza, eu comprarei ela.

(44) *PARA O PEDRO MARIA entregou os livros.

A gramaticalidade de (43) mostra que os tópicos *a bolsa*, *amanhã* e *com certeza* podem ocorrer na mesma sentença. Já a agramaticalidade de (44) indica que não há possibilidade de os focos *para o Pedro* e *Maria* estarem na mesma sentença.

As propriedades interpretativas destas construções podem responder porque o tópico é recursivo e o foco não. A categoria FocP tem apenas uma posição para alojar o constituinte focalizado, o Spec de FocP. Se a sentença apresenta mais de um foco, como em (44), é preciso incluir na estrutura arbórea outra categoria FocP, como fazemos em (45):



A categoria FocP₂ é o complemento da outra categoria FocP. Isso não é possível porque o complemento de FocP veicula a pressuposição e o foco é o constituinte que veicula a informação não pressuposta. A recursão de FocP é impedida para que não seja gerado um conflito interpretativo na sentença. Não há problemas quanto ao aparecimento de mais de um tópico na sentença porque o comentário pode ter informação já referida no discurso e também informação não pressuposta.

A quinta propriedade do foco está relacionada à incompatibilidade com as expressões-Wh. O tópico é compatível com um elemento-Wh em uma ordem fixa (Top Wh), já o foco não.

Zubizarreta (1998) assume que o constituinte focalizado em um par pergunta-resposta é aquele que está no lugar da expressão-Wh da interrogativa matriz. Dessa forma, tanto o foco da resposta quanto o elemento-Wh da pergunta ocupam a mesma posição na configuração sintática, o especificador de FocP. Na sentença abaixo, a expressão-Wh *que livro* e o foco *o João* não podem co-ocorrer.

(46) * Que livro O JOÃO comprou?

Como a categoria FocP não pode se projetar mais de uma vez na sentença, os dois constituintes mencionados acima disputariam a mesma posição se houvesse compatibilidade entre eles.

5. Resumo do Capítulo

Foco foi identificado como o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença, enquanto a pressuposição veicula a informação partilhada pelos interlocutores em uma situação discursiva. Compatibilizando as propostas de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998), podemos encontrar três tipos de foco: o de informação, o contrastivo e o de identificação. Estes focos podem ser representados em uma Estrutura de Asserção, após LF, esta é composta de duas asserções A₁ e A₂. A₁ representa a pressuposição existencial e

A₂ apresenta uma relação de igualdade e um valor para uma variável, assim, identifica o foco da sentença.

Quanto à relação estabelecida entre foco e prosódia, vimos que o foco não-contrastivo/de informação recebe o acento via a NSR, enquanto o foco contrastivo/de identificação é acentuado por meio da regra de acento contrastivo. Por isso, os acentos relacionados a estes focos devem ser diferenciados. Segundo Zubizarreta (1998), para que um constituinte que está mais à esquerda na sentença receba o acento via a NSR no inglês e francês, os constituintes defocalizados são considerados metricamente invisíveis para o cálculo de proeminência prosódica. Dessa forma, não há espaço para que ocorra um conflito prosódico entre a NSR e a FPR. Em italiano e espanhol não há o recurso da invisibilidade métrica. Quando o elemento que está no início da oração tem a interpretação de foco contrastivo não há quaisquer problemas para que ele receba o acento, uma vez que a atribuição do acento contrastivo é livre.

Na seção referente à definição de tópico, verificamos que uma sentença pode estar articulada em tópico-comentário. O tópico é o constituinte que representa a informação já compartilhada pelos interlocutores em uma cena enunciativa. O comentário é uma predicação que se faz a respeito do tópico. De acordo com Zubizarreta, o tópico, assim como o foco, pode ser representado em uma Estrutura de Asserção. Seguindo a análise de Reinhart (1995) sobre o conjunto de asserções pragmaticamente possíveis (PPA), observamos que o tópico além de possuir uma função discursiva, desempenha um papel relevante no julgamento do valor de verdade da sentença a qual ele pertence.

Segundo as propriedades que diferenciam o foco do tópico, o constituinte focalizado não pode ser retomado por um pronome resumptivo, sofre os efeitos do cruzamento fraco e é compatível com um quantificador universal. Tais propriedades estão ligadas à natureza quantificacional do foco. O tópico geralmente é retomado por um pronome, não sofre os efeitos de cruzamento fraco e é incompatível com um quantificador universal. O foco ainda apresenta a propriedade de não ser recursivo e ser incompatível com as expressões-Wh, enquanto podemos encontrar mais de um tópico por sentença e, também, elementos topicalizados em contextos em que há expressões-Wh.

Capítulo 2 – Posição do constituinte focalizado nas sentenças

2.0 Introdução

Neste capítulo, abordamos a sintaxe da focalização, apresentando duas análises: a proposta de Rizzi (1997) e a proposta de Belletti (2001). A primeira trata da expansão do sistema CP, o qual passa a ser composto por várias categorias funcionais, estruturadas de maneira ordenada na periferia esquerda da sentença. Entre estas categorias encontramos FocP e TopP responsáveis por codificar informações do tipo foco-suposição e tópico-comentário.

A segunda proposta versa sobre a parte baixa da estrutura. Assim como ocorre com o CP, a área interna ao IP passa a alojar constituintes com funções de tópico e foco que não aparecem deslocados na parte alta da estrutura. Dessa forma, assumimos que um constituinte é interpretado como foco somente se é movido para o especificador de FocP, portanto, o movimento do foco é obrigatório e não opcional. A nossa hipótese é a de que há duas áreas onde a categoria FocP é projetada no PB, uma vez que nesta língua encontramos constituintes focalizados deslocados e *in situ*.

Partindo das análises de Rizzi (1997) e Belletti (2001), mostramos os casos em que o constituinte focalizado no PB pode aparecer deslocado ou *in situ* na sentença. Optamos pela focalização do objeto direto porque, neste caso, a sentença reflete claramente se houve movimento ou não desse constituinte. Para tanto, analisamos as seguintes construções: OSV, OqueSV, SVO, clivadas e pseudoclivadas.

2.1 Foco na periferia esquerda da sentença

O sistema CP é uma área que articula o conteúdo proposicional expresso pelo IP e a estrutura superior que pode ser a sentença matriz ou o discurso. Rizzi (1997) postula uma série de categorias funcionais na periferia esquerda da sentença tornando o sistema CP uma estrutura complexa. A explosão do CP ocorre para acomodar certos constituintes com

propriedades discursivas e de escopo e derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. O resultado do enriquecimento do CP são dois subsistemas.

O primeiro subsistema é formado por ForceP e FinP. A categoria ForceP é responsável pelo tipo de sentença (interrogativa, declarativa, etc.) e pela relação desta com a estrutura superior, que no caso das encaixadas é a sentença matriz, e no caso das matrizes é o discurso prévio. O papel estrutural de FinP é conectar o domínio CP com o IP, bem como codificar informações que expressam a finitude da sentença. ForceP e FinP são categorias que aparecem na estrutura por necessidades de seleção de um determinado núcleo. Consideremos (1) e (2)¹¹:

- (1) a. O João perguntou [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].
b. * O João perguntou [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
- (2) a. O João acha [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].
b. * O João acha [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

O verbo perguntar em (1) subcategoriza um ForceP interrogativo. (1a) atende essa condição, enquanto (1b) apresenta um ForceP declarativo. Já o verbo *achar* em (2) subcategoriza um ForceP declarativo, condição que é satisfeita em (2a) e não em (2b) que contém um ForceP interrogativo.

O tipo de FinP selecionado vai depender do tipo de ForceP que está presente na sentença. Vejamos as sentenças em (3):

- (3) a. O João acha que os cachorros fugiram.
b. O que fazer com esses alunos?
c. Não sentar no corredor do ônibus.

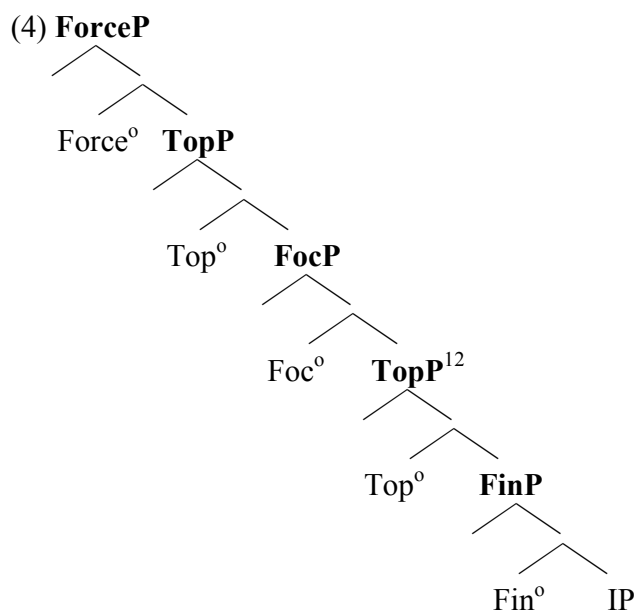
A partir destes exemplos, verificamos que uma sentença matriz finita é licenciada por um ForceP declarativo (3a). E, uma matriz infinitiva pode ser licenciada por um ForceP interrogativo (3b) ou imperativo (3c). Um FinP finito pode ter o núcleo C preenchido por

¹¹ Exemplos extraídos de Miotto 2001.

um complementizador (*que*), como em (3a), enquanto um FinP infinitivo é determinado por núcleos C não preenchidos, como em (3b,c).

O segundo subsistema é composto de TopP e FocP. O subsistema TopP-FocP aloja constituintes como tópico e foco que estão na periferia esquerda da sentença. Os elementos topicalizados e focalizados não aparecem na sentença por necessidades de seleção dos núcleos, como ForceP e FinP. Por isso, estes constituintes eram tratados como adjuntos a IP ou a CP. Com a expansão do CP, eles passam a ter posições de especificadores nas quais se constroem suas interpretações.

O sistema CP passa a ser composto por quatro categorias funcionais que constituem dois subsistemas: ForceP-FinP e TopP-FocP. Estas categorias se estruturam conforme o modelo X-barra, cada uma projeta o seu especificador e complemento. O CP adquire a seguinte configuração:



Nessa representação, observamos que todas as categorias são nomeadas e seguem uma ordem específica. As categorias ForceP e FinP aparecem no início e no fim do domínio CP. Os sistemas TopP e FocP aparecem na estrutura somente se existir constituintes com funções de tópico e foco que precisam estar em relação Spec-núcleo.

¹² Verificamos por meio desta representação que a categoria TopP é recursiva, enquanto FocP aparece uma única vez na estrutura.

Quando as categorias TopP e FocP são ativadas, elas aparecem encaixadas entre ForceP e FinP.

As articulações que envolvem a periferia esquerda da sentença como as de tópico-comentário e de foco-suposição são capturadas por TopP e FocP, respectivamente. A articulação tópico-comentário é representada no exemplo (5):

- (5) Your book, you should give t to Paul (not to Bill)
(Seu livro, você deveria dar t para Paulo (não para Bill))

O tópico é o constituinte preposto *your book* que aparece separado do resto da sentença por uma pausa e veicula a informação já conhecida pelos participantes do discurso. O comentário é um tipo de predicado complexo que se aplica ao tópico. Na sentença (5), o comentário é tudo aquilo que está expresso após a vírgula. O DP topicalizado *your book* é gerado no especificador de TopP na periferia esquerda da sentença.

A articulação de foco-suposição difere da bipartição de tópico-comentário em termos de interpretação. Consideremos (6):

- (6) YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine)
(SEU LIVRO você deveria dar t a Paulo (não o meu))

O elemento *your book* é destacado por um acento proeminente e expressa a informação do discurso não pressuposta pelo ouvinte, enquanto a suposição (*you should give t to Paul*) representa o conhecimento compartilhado pelos interlocutores. O contraste *not mine* que aparece entre parênteses garante que o que está sendo focalizado na sentença é o constituinte *your book*. Em (6), o elemento focalizado sofre movimento para a periferia esquerda da sentença.

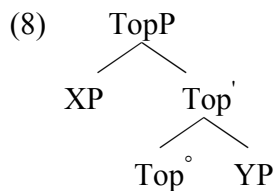
Uma evidência em favor de que o foco é movido para Spec de FocP e de que o tópico é gerado no Spec de TopP é fornecida por meio das construções envolvendo ilhas, como aquelas em (7):

- (7) a. *_[FocP] **O caderno**_i eu conheço a menina [_{ilha} que comprou t_i].

b. [_{TopP} O caderno], eu conheço a menina [_{ilha} que comprou ele].

(7a) é uma sentença agramatical porque o constituinte *o caderno* não pode se deslocar para a periferia esquerda da sentença passando por cima de uma ilha relativa. Em (7b) o constituinte *o caderno* é o tópico e não está na periferia esquerda da sentença por movimento. Dessa forma, a sentença (7b) não sofre os efeitos de ilha e é gramatical.

Tanto a articulação de tópico-comentário quanto a de foco-pressuposição são representadas sintaticamente de acordo como modelo X-barra. A primeira articulação segue a seguinte estrutura:

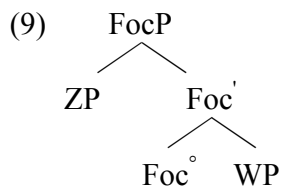


XP= Tópico

YP= Comentário

O núcleo funcional Top° projeta seu próprio especificador e seu complemento. O tópico preenche o especificador e o comentário preenche o complemento. Top° define uma predicação dentro do sistema CP. A sua função é paralela a que AgrS desempenha dentro do sistema IP. A predicação que ocorre em Top° é diferente da que ocorre em AgrS°. A primeira é uma predicação alta que envolve um especificador em posição A-barra, enquanto AgrS conecta um sujeito e um predicado dentro do sistema IP e esta conexão tem a ver com razões gramaticais, como caso.

O núcleo Foc° também projeta seu próprio modelo X-barra. Dessa forma, Foc° articula o elemento focalizado que preenche o especificador de FocP e a pressuposição que é o seu complemento. A representação da bipartição foco-pressuposição é como (9):



ZP = Foco
WP = Pressuposição

O movimento sintático de elementos focalizados é visto como uma operação de “último recurso” que é motivada para satisfazer requerimentos do núcleo Foc^o. Tais requerimentos são tratados como critério foco¹³, remanescente ao critério Wh (Rizzi, 1996), o qual assegura que o elemento focalizado esteja em configuração Spec-núcleo com Foc^o. Um elemento somente recebe a interpretação de foco quando preenche o especificador de FocP. A justificativa conceitual de Rizzi relacionada a sua proposta de expansão do sistema CP é que nenhum tipo de adjunção e anteposição livre ao IP é possível.

De acordo com a teoria de critérios, quando o constituinte focalizado que satisfaz o critério Foco encontra a categoria FocP na estrutura, ele é congelado ali. A cadeia formada por ele e o seu vestígio não pode mais se estender. Isto é o que Rizzi (2004) denomina de congelamento criterial (*Criterial Freezing*). Segundo o autor, no momento em que o elemento focalizado é congelado no especificador de FocP na periferia esquerda da sentença, o sistema interpretativo recebe a informação de que o constituinte que preenche aquele Spec é para ser interpretado como foco.

2.1.1 Objeto-Sujeito-Verbo (OSV)

Na construção OSV o objeto está na periferia esquerda da sentença e recebe o acento contrastivo. Por esta razão, ele é associado aos traços [+contraste e/ou +exaustividade].

(10) [_F **Este livro**] a Maria leu.

Esta sentença é adequada em um contexto de contraste/correção, como em (11):

(11) a. A Maria leu uma revista.

¹³ Critério Foc:

- (i) Um operador [Foc] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um X^o [+Foc].
- (ii) Um X^o [+Foc] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um operador [Foc].

b. [_F **Este livro**] a Maria leu (não uma revista).

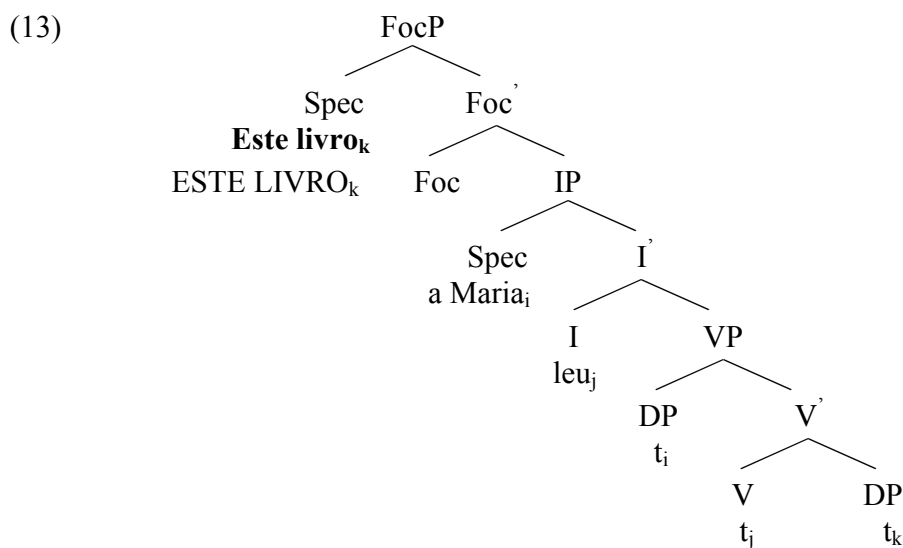
A sentença (10) não responde apropriadamente uma pergunta como *O que Maria leu?*. Segundo Zubizarreta (1998), as sentenças interrogativas servem como contexto prévio para que se identifique apenas o foco de informação. A sentença (10) fornece mais informações do que a pergunta está solicitando. Neste caso, o objeto deslocado está associado aos traços [+contrastivo/+exaustivo]. Como o contraste que aparece entre parênteses já indica, em (11b) o objeto é interpretado como foco contrastivo.

O constituinte deslocado em (11b) também pode ser interpretado como foco de identificação. O contexto para que essa interpretação ocorra deve ser aquele em que a sentença esgota qualquer possibilidade de que a Maria tenha lido outra coisa que não *este livro*.

(12) [_F ESTE LIVRO] a Maria leu.

Em (12), o objeto deslocado está associado aos traços [-contraste/+exaustividade]. De acordo com a situação, não há espaço para que haja um contraste entre *este livro* e outro material lido por Maria.

Na configuração sintática o objeto deslocado, tanto em (11b) quanto em (12), ocupa o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença, como na derivação que segue:



Seguindo o sistema de critérios¹⁴, formulado por Rizzi (1996, 1997), verificamos que não há nenhuma violação do critério Foco. O especificador de FocP é preenchido pelo objeto focalizado que entra em relação com o núcleo Foc, que é marcado [+Foc] por *concordância dinâmica*, mantendo a configuração Spec-núcleo.

A estrutura OSV também pode se realizar nas sentenças encaixadas. Consideremos a sentença encaixada declarativa em (14) e a interrogativa sim/não em (15):

(14) a. O Pedro disse que **este livro** a Maria leu (não a revista).

b. **Este livro** o Pedro disse que a Maria leu (não a revista).

(15) a. O Pedro perguntou *se* **este livro** a Maria leu (não a revista).

b. **Este livro** o Pedro perguntou *se* a Maria leu (não a revista).

Em (14a) e (15a) o objeto focalizado está no Spec de FocP na periferia esquerda da sentença encaixada, enquanto em (14b) e (15b) ele ocupa esta mesma posição mas na periferia esquerda da matriz.

O complementizador *se* das interrogativas sim/não encaixadas é compatível com um constituinte focalizado. Este tipo de sentença não apresenta nenhuma expressão-Wh figurando como operador. No entanto, quando analisamos uma interrogativa-Wh encaixada, como em (16), encontramos outra situação.

(16) a. O Pedro perguntou *o que* a Maria leu.

b. * O Pedro perguntou **este livro** a Maria leu (não a revista).

O objeto *este livro* não é um elemento-Wh e, por isso, não pode satisfazer os requerimentos de seleção do verbo *perguntar*. Este verbo seleciona um CP encaixado [+Wh], como mostra a gramaticalidade de (16a) contendo a expressão *o que*. (16b) é uma sentença agramatical porque o CP encaixado é [-Wh].

¹⁴ Segundo Mioto (2003), o Critério Foco torna obrigatório o movimento do elemento focalizado para o especificador de FocP. Este sistema de critérios pode ainda ser convertido no sistema de checagem de traços (Chomsky, 2001) de forma que um ou mais traços não-interpretáveis presentes no núcleo C (=Foc) são apagados pelo movimento de um constituinte para o Spec de CP.

As sentenças encaixadas nas quais o verbo lexical seleciona um CP [+Wh], como em (16a), não permitem que a expressão-Wh esteja *in situ*. Consideremos (17):

(17) * O Pedro perguntou (que) a Maria leu o quê.

Em (17), a expressão-Wh *o quê* não marca o escopo da pergunta e o CP encaixado em (17) não é marcado como interrogativo. Para que essa sentença fosse gramatical, a expressão-Wh deveria estar no especificador de CP encaixado, como ocorre em (16a).

Nas encaixadas em que o CP selecionado é [-Wh], como ilustra (18), o constituinte focalizado pode permanecer *in situ* (18a) ou deslocado (18b,c), mas, neste último caso, ele não pode estacionar no Spec do CP encaixado (18d):

- (18) a. O Pedro disse que a Maria leu [_F **este livro**] (não a revista).
b. O Pedro disse que [_F **este livro**] a Maria leu (não a revista).
c. [_F **Este livro**] o Pedro disse que a Maria leu (não a revista).
d. * O Pedro disse [_F **este livro**] que a Maria leu (não a revista).

(18d) é uma sentença agramatical porque se prevê que o complementizador *que* ocupa a categoria mais alta do sistema CP (ForceP) e o constituinte focalizado *este livro* não pode estar acima dele.

2.1.1.2 Objeto-*que*-Sujeito-Verbo (OqueSV)

Este tipo de construção difere da sentença OSV por apresentar o complementizador *que* entre o objeto e o sujeito:

(19) [_F **Este livro**] que a Maria leu.

O contorno prosódico de (19) continua o mesmo da sentença (10), onde o foco recebe a maior proeminência. Com relação à semântica, verificamos que a construção OqueSV também não responde adequadamente uma simples interrogativa como *O que a Maria leu?*.

O objeto focalizado é associado ao valor positivo de um ou ambos os traços [contraste/exaustividade].

Como o elemento focalizado está deslocado, ele só pode ocupar o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença. A diferença entre a derivação (13) e a de (19) é que esta última apresenta um complementizador. Neste caso, estamos assumindo que o *que* preenche o núcleo Foc^o do mesmo modo que ele preenche o núcleo de CP nas interrogativas-Wh. O critério Foco é satisfeito pela relação que se verifica entre o operador *este livro* e o *que*. Assim, não é preciso que o núcleo adquira o traço foco por meio da *concordância dinâmica*.

Se o objeto em (20) não for deslocado para a periferia esquerda da sentença, temos a construção queSVO que é agramatical:

(20) * Que a Maria leu este livro.

O objeto não pode ficar *in situ* porque o complementizador, que preenche o núcleo Foc^o, requer a presença de um operador no especificador da categoria FocP para que a relação Spec-núcleo possa se realizar. De acordo com Miotto (2003), a interdependência verificada entre um foco e o complementizador constitui um argumento em favor de que a focalização ocorre na relação Spec-núcleo, mais especificamente, em FocP, contra a focalização em adjunção a IP.

A construção OqueSV, assim como a OSV, pode figurar como uma sentença encaixada. E, apenas se realiza quando o verbo lexical seleciona um CP [-Wh], como em (21), ou em interrogativa sim/não, como em (22).

(21) a. O Pedro disse que [_F **este livro**] que a Maria leu.
b. *_F **Este livro**] o Pedro disse que que a Maria leu.

(22) a. O Pedro perguntou se [_F **este livro**] que a Maria leu.
b. *_F **Este livro**] o Pedro perguntou se que a Maria leu.

Diferentemente do que verificamos em (14b) e (15b), o objeto não pode se mover para o especificador de FocP da sentença matriz em (21b) e (22b). Isto ocorre porque na construção OqueSV o complementizador *que* preenche o núcleo Foc^o. Se este núcleo está preenchido, o constituinte focalizado deve necessariamente estar no especificador de FocP para que a relação Spec-núcleo se configure, e o critério Foco seja respeitado. Por isso, o único movimento permitido ao objeto é para o especificador de FocP da sentença encaixada, como em (21a) e (22a).

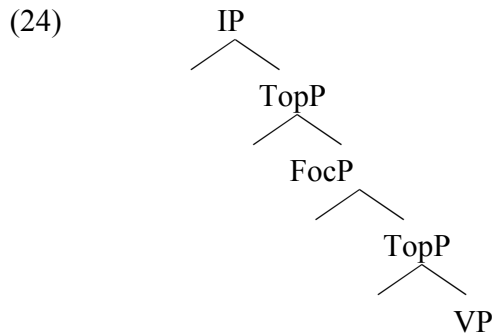
A sentença OqueSV encaixada não se realiza quando a matriz é uma interrogativa-Wh que seleciona um CP [+Wh].

- (23) a. O Pedro perguntou *o que* que a Maria leu.
b. * O Pedro perguntou [_F **este livro**] que a Maria leu.

O verbo *perguntar* em (23) seleciona um elemento-Wh, como ilustra (23a), e não um constituinte focalizado [-Wh], como em (23b).

2.2 Foco na periferia esquerda do VP

Belletti (2001) analisa sentenças com a ordem verbo-sujeito (VS) e postula uma área acima de VP para constituintes com funções discursivas de tópico e foco. Segundo a autora, a relação entre a sintaxe e a interface interpretativa (LF), bem como entre a sintaxe e a interface fonológica (PF), é lida da configuração sintática. Dessa forma, os constituintes focalizados e topicalizados *in situ* devem preencher uma posição específica de Foco e Tópico, respectivamente, para que possam ser devidamente interpretados. As interpretações destes constituintes vêm da relação estabelecida entre o núcleo Foc^o/Top^o e seu especificador. A área acima de VP passa a ter disponível a projeção FocP e a projeção TopP. De acordo com essa proposta, a periferia esquerda do VP tem a seguinte estrutura:



Verificamos que a área acima de VP é semelhante à área periférica do CP proposta por Rizzi (1997). Como ocorre no CP, na área acima de VP há mais de uma posição disponível para tópico e somente uma posição para o foco. Contudo, o elemento que preenche a posição FocP interna ao IP recebe entonação e veicula interpretação diferente daquela associada a esta mesma posição na periferia esquerda da sentença. Na periferia esquerda de VP, o constituinte focalizado, por exemplo, recebe o acento nuclear, por estar em uma posição mais encaixada, e apenas veicula a informação não pressuposta, diferentemente do que ocorre com o constituinte focalizado na periferia esquerda da sentença.

Nas construções VS do italiano, o sujeito pode ser interpretado como foco de informação, como mostram os pares de pergunta-resposta em (25).

- (25) a. Chi è partito/ha parlato?
 (Quem saiu/tem falado?)
 b. È partito/ha parlato Gianni.
 (Saiu/tem falado João)
 c. # Gianni è partito/ha parlato.
 (João saiu/tem falado)

(25b) responde adequadamente a pergunta em (25a) que requer apenas uma resposta que veicule informação não-pressuposta. *Gianni* em (25b) é interpretado como foco, pois é o valor atribuído a variável vinculada pela expressão-Wh *chi* em (25a). A sentença (25c) não responde adequadamente a interrogativa em (25a). O contraste entre (25b) e (25c) indica que o sujeito pós-verbal e o pré-verbal veiculam informações diferentes. O primeiro veicula

apenas a informação não-suposta, como em (25b), já o segundo não serve para foco de informação, pois implica contraste, como ilustra (25c).

Devido a esses contrastes, Belletti propõe que o sujeito pós-verbal em (25b) ocupa uma posição baixa de foco, preenchendo especificador de FocP interna ao IP¹⁵. Este constituinte não deve preencher a posição de foco na periferia esquerda da sentença, uma vez que esta posição aloja somente constituintes com interpretação contrastiva e/ou exaustiva.

Em contextos específicos, como em (26), o sujeito pós-verbal em estruturas VS também pode ser interpretado como tópico:

- (26) a. Che cosa ha poi fatto Gianni?
(O que tem finalmente feito João?)
b. Ha (poi) parlato, Gianni.
(Tem finalmente falado, João)

O sujeito *Gianni* em (26b) faz parte da informação já mencionada na pergunta (26a) e é destacado por uma pausa na sentença, por esta razão, é interpretado como tópico. Belletti assume que, nesse caso, o sujeito *Gianni* preenche o Spec de TopP na área acima de VP.

O fato de o sujeito aparecer em uma posição baixa de tópico ou de foco nas construções VS do italiano está relacionado a uma propriedade comum das línguas românicas de sujeito nulo (*pro-dro*): a inversão do sujeito. As línguas românicas de sujeito nulo apresentam um fenômeno conhecido como Inversão Livre do Sujeito (*Free Inversion – FI*) que permite que a posição do sujeito pré-verbal não seja preenchida, como em (27). As línguas românicas que não apresentam a propriedade do sujeito nulo, como o francês, podem exibir um outro tipo de inversão, chamada de Inversão Estilística (*Stylistic Inversion – SI*). Este tipo de inversão requer um elemento que a desencadeie. Quando o

¹⁵ Para Belletti, não há como adotar a proposta de Cardinaletti (2001) que mantém o sujeito pós-verbal na sua posição canônica interna ao VP, pois a entonação e a interpretação devem ser lidas diretamente da configuração sintática. Caso o sujeito pós-verbal seja focalizado e permaneça no especificador de VP, ele não será interpretado corretamente.

desencadeador não está presente, a sentença com sujeito pós-verbal no francês é agramatical, como ilustra (28).

(27) Ha parlato Gianni.
(Tem falado João)

(28) *A parlé Jean.
(Tem falado João)

As sentenças (27) e (28) mostram que as estruturas de SI apresentam propriedades diferentes das estruturas de FI. A primeira requer um elemento que desencadeie a inversão do sujeito que, no caso do francês, pode ser o verbo no subjuntivo, como em (29a), ou o pronome relativo, como em (29b).

(29) a. Il faut que parle/parte Jean.
(É necessário que fale/saia João)
b. Le jour où a parlé/est parti Jean.
(O dia em que falou/partiu João)

O processo de inversão que ocorre no italiano é diferente do processo de inversão que ocorre nas línguas que apresentam SI. Segundo Kayne & Pollock (1999), o sujeito é elevado até a periferia esquerda da sentença em SI e, em seguida, ocorre o movimento do IP remanescente para uma posição ainda mais alta no CP, produzindo a ordem VS. Dessa forma, o sujeito em SI assume uma posição alta na estrutura.

A ordem VS está relacionada a dois processos de inversão distintos: SI e FI. O primeiro envolve o movimento do sujeito para uma posição no domínio CP e, em seguida, o movimento do IP remanescente para uma posição ainda mais alta na periferia esquerda da sentença, enquanto o segundo envolve o movimento do verbo para I.

Belletti (2001) argumenta em favor da posição baixa do sujeito pós-verbal baseando-se na distribuição dos advérbios baixos nas sentenças, como em (30):

- (30) a. ?Capirà completamente Maria.
 (Compreenderá completamente Maria)
- b. ?Capirà/spiegherà bene Maria (al direttore).
 (Compreenderá/explicará bem Maria (ao diretor))
- c. * Capirà/spiegherà Maria completamente (al direttore).
 (Compreenderá/explicará Maria completamente (ao diretor))
- d. * Capirà/spiegherà Maria bene (al direttore).
 (Compreenderá/explicará Maria bem (ao diretor))

Nas sentenças (30a, b) os advérbios *completamente* e *bene* estão ocupando posições baixas e o sujeito *Maria* segue estes advérbios produzindo sentenças relativamente bem-formadas¹⁶. Em (30c,d) o sujeito *Maria* antecede os advérbios *completamente* e *bene* e as sentenças são agramaticais. O contraste entre (30a,b) e (30c,d) revela que o sujeito deve preencher uma posição baixa em FI.

A autora mostra que o sujeito pós-verbal não pode estar em uma posição alta de foco e, sim, em uma posição baixa, apresentando construções com item de polaridade negativa (IPN), como ilustram as sentenças que seguem:

- (31) a. Non parlerà alcun linguista.
 (Não falará nenhum lingüista)
- b. *Alcun linguista non parlerà.
 (Nenhum lingüista não falará)

O sujeito pós-verbal em (31a) *alcun lingüista* é um IPN que precisa de um marcador negativo (*non*) para ser licenciado. Este licenciamento ocorre por meio de c-comando. A agramaticalidade de (31b) ocorre justamente porque a expressão *alcun linguista* não está sendo c-comandada pelo *non*. Se o sujeito em (31a) ocupasse uma posição alta de foco e ocorresse o movimento do IP remanescente, teríamos uma representação como (32) para (31a):

¹⁶ Belletti ressalta que a marginalidade dos exemplos (30a,b) pode estar relacionada ao fato de o advérbio causar uma certa interferência entre o sujeito e o verbo.

(32) [_{TopP} [_{IP} Non parlerà] [_{FocP} alcun linguista [t_{IP}]]].

Em (32), o sujeito *alcun linguista* é movido para o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença e, em seguida, o IP remanescente é movido para uma posição mais alta do que a do foco, o Spec de TopP. Caso o sujeito estivesse alto em (31a), a relação de c-comando entre o marcador negativo *non* e o item de polaridade negativa *alcun* não seria estabelecida.

A sentença (31a) segue uma estrutura como (33), ao invés de (32):

(33) [_{IP} [_I Non parlerà] [_{FocP} alcun linguista...]].

O sujeito *alcun linguista* em (33) está em uma posição baixa de foco e o constituinte *non parlerà* é movido para I. Seguindo essa representação, verificamos que o IPN *alcun lingüista* é dominado pelo irmão do marcador negativo *non* e, por isso, a relação de c-comando é mantida.

Segundo Belletti, o sujeito pós-verbal preenche uma posição baixa de foco ou tópico e não permanece no especificador de VP por questões relacionadas ao conceito de economia proposto por Chomsky (2000). Nas sentenças com sujeito pós-verbal há um *pro* expletivo não visível antes do verbo, enquanto nas sentenças em que o sujeito aparece na posição pré-verbal isso não pode ocorrer. Levando em consideração o conceito de economia, a sentença com *pro* possui um elemento a mais do que a sentença com sujeito pré-verbal realizado. Neste caso, um Arranjo Lexical (*Lexical Array*) maior apenas é escolhido devido algum propósito. A autora propõe que o processo da focalização pode ser responsável por essa escolha, pois, em determinados contextos, os falantes preferem a sentença com o sujeito pós-verbal porque este constituinte é interpretado como foco de informação¹⁷.

¹⁷ As sentenças do italiano que parecem violar o filtro *that-t*, conforme veremos no terceiro capítulo, corroboram com o fato de que a posição de especificador de IP é preenchida por um expletivo nulo nos contextos em que o sujeito está em uma posição pós-verbal. Como esse *pro* não é visível parece que o vestígio do sujeito está no Spec de IP criando a configuração *that-t*. Mas, isso não ocorre porque o vestígio do sujeito aparece depois do verbo, o que segue o complementizador é o *pro*. Por isso, a aparente configuração *that-t*.

2.3 Sujeito – Verbo – Objeto (SVO)

Nas seções anteriores, referentes ao foco na periferia esquerda da sentença e ao foco na periferia esquerda de VP, afirmamos que um constituinte é interpretado como foco quando ele está em configuração Spec-núcleo com Foc. Se for focalizado contrastivamente/exaustivamente aparece no especificador de FocP no domínio CP (cf. Rizzi 1997). Mas, se for interpretado como foco de informação preenche o especificador de FocP logo acima de VP (cf. Belletti 2001).

Quando o constituinte está deslocado, como no caso do objeto nas sentenças OSV e OqueSV, ele deve ser interpretado como foco contrastivo ou de identificação. E, quando o constituinte não aparece deslocado, ele pode ser interpretado de acordo com os três tipos de foco. Dessa forma, verificamos que se o objeto é focalizado em uma sentença SVO ele pode ser interpretado como foco de informação, contrastivo ou de identificação, o que indica que o foco *in situ* é ambíguo.

Tradicionalmente denomina-se foco *in situ* ao constituinte focalizado que está na posição em que recebe o seu papel temático. No entanto, para tirar a ambigüidade deste foco, abrimos mão da noção tradicional de foco *in situ* e passamos a considerar que existe foco *in situ* quando o constituinte veicula a informação não pressuposta e não é associado aos traços [contraste/exaustividade].

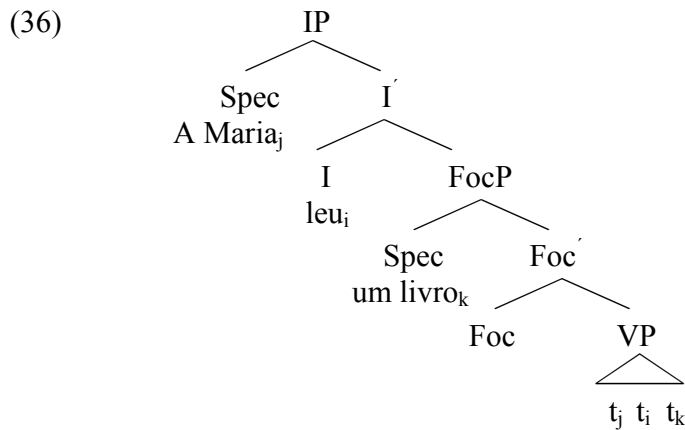
A sentença SVO é considerada ambígua porque, diferentemente das construções OSV e OqueSV, pode ser empregada para responder uma pergunta ordinária, como ocorre (34), ou para corrigir uma afirmação proferida anteriormente, como ilustra (35).

- (34) a. O que a Maria leu?
b. A Maria leu [_F um livro].

- (35) a. A Maria leu uma revista.
b. Não, a Maria leu [_F **um livro**].

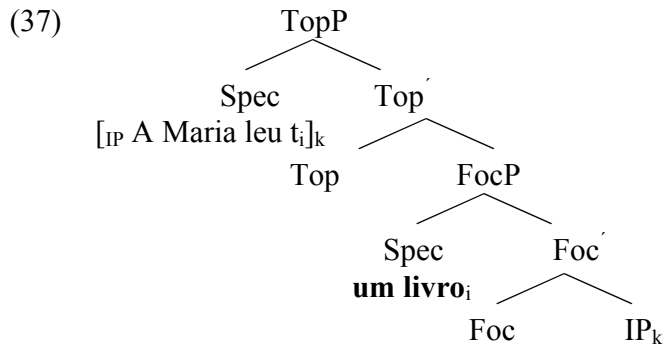
Em (34b), o objeto expressa apenas a informação não pressuposta e recebe o acento nuclear da sentença. Por isso, é interpretado como foco de informação. Em (35b), o objeto além de veicular a informação não pressuposta, nega que o que a Maria leu foi uma revista e atribui um novo valor para o foco. Neste caso, o objeto está associado aos traços [contraste/exaustividade] e recebe o acento contrastivo, sendo interpretado como foco contrastivo.

A derivação de (34b) e (35b) não pode ser a mesma, pois somente no primeiro caso temos foco *in situ*. Na estrutura de (34b) o objeto está na categoria FocP interna ao IP, como vemos na derivação (36).



O sujeito *a Maria* se moveu para o especificador de IP para checar seu Caso nominativo, o verbo *ler* vai para I, onde junta-se à flexão e verifica os traços de tempo, e o objeto *um livro* preenche o especificador de FocP acima de VP, assegurando a sua interpretação de foco de informação.

Na sentença (35b) o objeto focalizado não está *in situ*, pois, como afirmamos anteriormente, apenas o constituinte interpretado como foco de informação está *in situ*. Se o objeto é focalizado contrastivamente em (35b), ele deve estar na categoria FocP que é projetada no domínio CP, como ilustra (37).



Em (37), o constituinte focalizado se move para o Spec de FocP e depois todo o IP (sujeito, o verbo e o vestígio do objeto) é movido para o Spec de TopP. De acordo com Miotto (2003), assumimos o movimento do IP remanescente (*remnant movement*, proposto por Kayne (1994)) para derivar uma sentença com elemento focalizado *in situ* e interpretado como foco contrastivo. O objeto em (35b) não pode estar na categoria FocP interna ao IP, uma vez que esta somente os constituintes com a interpretação de foco de informação estão nessa posição.

A sentença SVO com o objeto focalizado pode, ainda, apresentar um adjunto que faz com que o objeto não seja o único constituinte à direita do verbo. Quando isso ocorre o objeto tende a ficar depois do adjunto, como em (38b), mas nada exclui que ele apareça logo atrás do verbo, como em (38c):

- (38) a. O que a Maria leu completamente?
 b. A Maria leu completamente [_F o livro].
 c. A Maria leu [_F o livro] completamente.

O objeto *um livro* é interpretado como foco de informação e preenche o especificador de FocP na periferia esquerda de VP tanto em (38b) quanto em (38c). O advérbio *completamente* ocupa o especificador de TopP: em (38b) está acima de FocP e em (38c) abaixo de FocP. Em (38c) não é necessário que o advérbio esteja em Spec de TopP.

2.4 Clivagem

2.4.1 Clivada (*Ser O que SV*)

As clivadas, assim como as pseudoclivadas, são sentenças designadas para focalizar. Estas sentenças destacam sintaticamente o foco e constituem-se por apresentar a cópula, o constituinte focalizado e um complementizador, como vemos em (39):

(39) Foi [_F UM LIVRO] que a Maria leu.

Para que uma sentença seja caracterizada como uma clivada o XP que segue a cópula deve ser interpretado como foco. Quando uma sentença apresenta a estrutura [*ser* + XP + *que* [_{IP} ec...]] e o constituinte focalizado não é o XP, a mesma não será classificada como uma clivada. Por exemplo, podemos imaginar uma situação em que algumas pessoas conversam sobre um livro que sumiu da biblioteca. Um dos participantes do discurso pergunta – *Qual foi o livro que sumiu da biblioteca?* – em seguida, outra pessoa responde a sentença (39). Neste contexto, o constituinte pós-cópula é a informação velha e a interpretação focal recai sobre a relativa *que a Maria leu*. (39) também não seria classificada como uma sentença clivada quando ela responde uma pergunta do tipo *O que aconteceu?*.

Quanto à interpretação do constituinte clivado, o foco, Kiss (1998) assume que o elemento focalizado deslocado à esquerda no húngaro e o constituinte clivado no inglês constituem exemplos de foco identificacional, pois apresentam identificação exaustiva. A autora menciona dois testes para identificar este tipo de foco, um realizado por Szabolcsi e outro por Donka Farkas. Como os testes são aplicados nas sentenças com elemento frontado do húngaro e nas clivadas do inglês, podemos empregá-los para as clivadas do PB e verificar se o foco nestas sentenças é interpretado como foco exaustivo.

O teste de Szabolcsi envolve um par de sentenças com DPs coordenados, a primeira contém dois DPs coordenados e a segunda apenas um deles. O elemento focalizado só vai expressar identificação exaustiva se a segunda sentença não for uma consequência lógica da primeira.

- (40) a. Foi UM LIVRO E UMA REVISTA que a Maria leu.
b. Foi UM LIVRO que a Maria leu.

- (41) a. A Maria leu UM LIVRO E UMA REVISTA.
b. A Maria leu UM LIVRO.

Como (40b) não é uma consequência lógica de (40a), o foco apresenta identificação exaustiva. Por outro lado, (41b) é uma consequência lógica de (41a) e, por isso, o foco não é realizado como exaustivo.

O teste de Donka Farkas apresenta um diálogo no qual a segunda sentença envolve a negação da primeira: quando a segunda sentença é aceita pelos falantes é porque realiza a negação da exaustividade.

- (42) a. Foi UM LIVRO que a Maria leu.
b. Não, ela leu uma revista também.

Para que se inclua um novo material de leitura no subconjunto do conjunto de materiais lidos por Maria é preciso que a sentença que apresenta identificação exaustiva, no caso a clivada (42a), seja negada. Vejamos o que ocorre com uma sentença que não apresenta o constituinte interpretado como foco de identificação.

- (43) a. A Maria leu um livro.
b. % Não, ela leu uma revista também.

(43a) não precisa ser negada para que um novo elemento seja incluído no conjunto de matérias lidos por Maria, uma vez que esta sentença não envolve identificação exaustiva.

Assumimos, por meio dos testes propostos por Szabolcsi e Donka Farkas, que o foco da sentença clivada no PB também pode estar associado ao traço [exaustivo]. O constituinte clivado não pode ser interpretado como foco de informação, diferentemente do

foco das sentenças pseudoclivadas. Uma sentença como (39) não responde adequadamente uma interrogativa ordinária como (44).

(44) O que a Maria leu?

Neste caso, observamos que a sentença clivada fornece mais informações do que a pergunta solicita. (39) é uma resposta pragmaticamente adequada quando o contexto é formado por uma pergunta também clivada, como em (45). Neste caso, a pergunta requer uma resposta exaustiva.

(45) O que foi que a Maria leu?

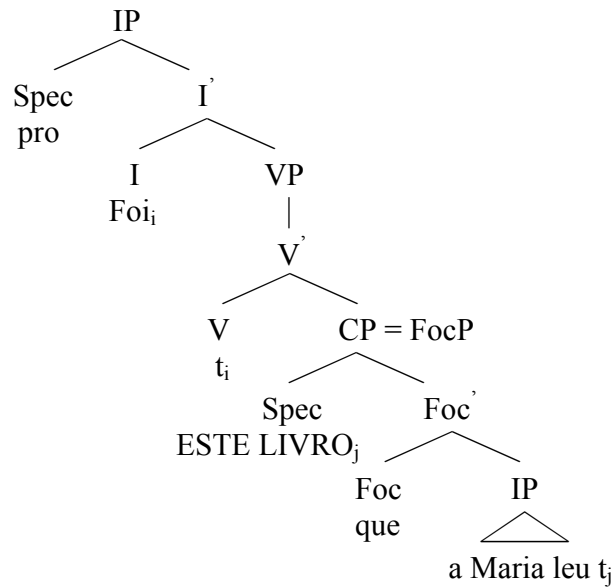
Esta pergunta tem a mesma estrutura da sentença clivada, o que a diferencia é que a expressão-Wh em (45) não está entre a cópula e o complementizador. Isto ocorre devido a propriedades seletivas, o verbo *ser* não seleciona um CP interrogativo, como verificamos pela marginalidade de (46).

(46) ??Foi o que que a Maria leu?

O especificador do CP encaixado está destinado às expressões focalizadas, não aos constituintes [+Wh]. De acordo com Miotto (2001), as expressões-Wh no PB podem permanecer *in situ* ou deslocadas, mas não podem se acomodar em posições intermediárias que não têm traços [+Wh]. Quando um constituinte Wh sai da posição A para ir para uma posição A', ele deve se alojar no Spec de uma categoria definida como [+Wh].

Nas sentenças clivadas, como em (39), o verbo *ser* seleciona um CP marcado com o traço [+foco], o Spec de CP deve ser preenchido pelo constituinte focalizado e o seu núcleo pelo complementizador *que*. Dessa forma, a derivação da clivada (39) é como segue (cf. Miotto 2001):

(47)



Se derivamos a sentença clivada via movimento A' do constituinte focalizado não há como considerar o CP encaixado como relativo, uma vez que não podemos extrair nada de dentro de um CP relativo porque é uma ilha forte para a extração.

Mioto & Negrão (2005) fornecem argumentos relacionados à prosódia, sintaxe e semântica em favor de que as sentenças clivadas não contêm uma relativa, diferentemente das pseudoclivadas. Quanto à prosódia, os autores verificaram que o local do *pitch* mais proeminente da sentença muda quando ela é uma clivada e quando é uma relativa¹⁸. Dessa forma, assumem que se a prosódia das duas sentenças é diferente, a estrutura sintática das mesmas também deve ser diferenciada.

Com relação à sintaxe, os autores afirmam que se o CP encaixado da clivada fosse relativo, ele não poderia estar separado do pivô, neste caso, o foco. Fato que não parece ocorrer.

(48) [F UM LIVRO] foi t_i que a Maria leu (não uma revista).

Quando a sentença é uma relativa verdadeira, como (49a) quando responde (49b), a separação entre o pivô e o CP encaixado de fato não acontece:

¹⁸ Ver Mioto & Negrão (2005) para conferir o resultado do teste prosódico aplicado pelos autores.

- (49) a. Foi um livro que a Maria leu.
b. Qual foi o livro que sumiu da biblioteca?

Outro fator que também é apontado pelos autores como um argumento contra a postulação de que as clivadas contêm uma relativa é a função sintática e temática exercida pelo pivô (ou o foco das clivadas), externo ao CP encaixado, e pela categoria vazia, interna ao CP. Nas sentenças clivadas o Caso e o papel- θ do foco e da categoria vazia devem ser o mesmo. Vejamos o que acontece na sentença (42) repetida abaixo:

- (50) Foi [_F UM LIVRO]_i que a Maria leu t_i .

Em (50), o foco *um livro* e o seu vestígio t_i recebem papel- θ (tema) do verbo *ler* e os dois são marcados pelo Caso acusativo.

Quando temos uma relativa verdadeira, como em (51), há uma independência verificada entre o Caso e o papel- θ do pivô e da categoria vazia.

- (51) Eu encontrei o rapaz que *ec* beijou a Maria.

Em (51), o pivô *o rapaz* recebe papel- θ (tema) e o Caso acusativo do verbo *encontrar*, enquanto a *ec* recebe papel- θ (agente) atribuído por *beijar* e Caso nominativo também deste verbo.

A partir da independência entre o pivô e a *ec* nas relativas e a não independência entre o constituinte clivado e o seu vestígio nas clivadas, verificamos que o foco ocupa uma posição A' a qual não tem quaisquer funções gramaticais, ao passo que o pivô das relativas está em uma posição argumental.

Quanto ao aspecto semântico, Miotto & Negrão ressaltam que as sentenças clivadas, por apresentarem identificação exaustiva, não aceitam (ou são fortemente degradadas) quantificadores distributivo-universais, elementos introduzidos por *também* e *até*, e quantificadores existenciais preenchendo a posição de foco.

- (52) a. *Foi cada livro/todo livro que a Maria leu¹⁹.
b. ??Foi também um livro que a Maria leu.
c. *Foi até um livro que a Maria leu.
d. ??Foi algum livro que a Maria leu.

Tais constituintes não devem ocupar a posição do elemento clivado porque não realizam identificação por exclusão, propriedade fundamental do foco exaustivo das clivadas. Esta mesma restrição não se aplica às sentenças relativas, como verificamos pela gramaticalidade dos exemplos abaixo²⁰:

- (53) a. O jornalista entrevistou cada/todo artista que participou do evento.
b. O jornalista entrevistou também o segurança que participou do evento.
c. O jornalista entrevistou até o segurança que participou do evento.
d. O jornalista entrevistou alguém que participou do evento.

Os argumentos expostos por Miotto & Negrão corroboram com o fato de que as clivadas não contêm uma relativa, uma vez que não há como associar à posição ocupada pelo foco de uma clivada e a sua relação com o CP encaixado com a posição ocupada pelo pivô da relativa e a sua relação com o CP encaixado.

As clivadas e pseudoclivadas têm em comum a propriedade de focalizar o constituinte que aparece depois da cópula. A estrutura das duas é diferente. A clivada tem um complementizador preenchendo o CP encaixado, enquanto a pseudoclivada apresenta uma expressão-Wh. O foco veiculado por elas também não é o mesmo. A pseudoclivada pode veicular o foco de informação, contrastivo e de identificação, já a clivada não pode veicular um mero foco de informação.

¹⁹ Cabe ressaltar que uma sentença gramatical é aquela que, além de ser aceita pelos falantes, é produzida na língua sem quaisquer restrições. A sentença marginal, marcada pelo sinal ?, é aceita pelos falantes, conquanto não seja muito produzida. A sentença marcada por ?? é fortemente degradada, menos aceita pelos falantes do que aquela marcada apenas por ?, mas ainda não é agramatical. A sentença agramatical, sinalizada por um *, não é aceita nem produzida pelos falantes.

²⁰ Estes exemplos foram extraídos de Miotto & Negrão (2005).

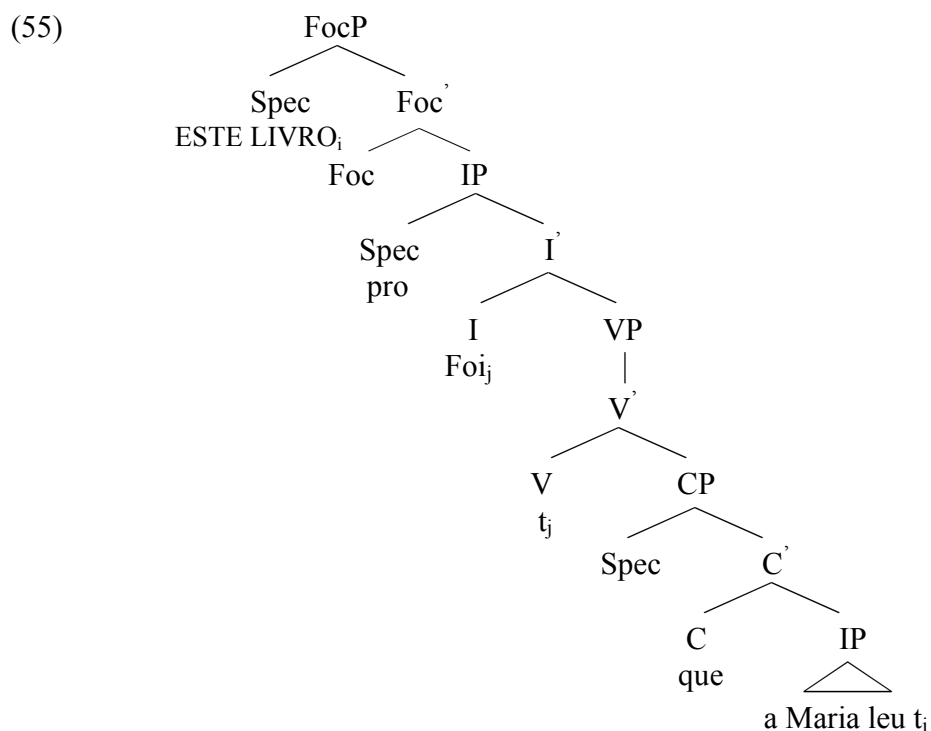
2.4.2 Clivada Invertida (O ser que SV)

A clivada invertida recebe este nome porque o constituinte focalizado antecede a cópula, como em (54):

(54) [_FESTE LIVRO] foi que a Maria leu.

O constituinte focalizado em (54) não fornece apenas a informação não pressuposta, pode estar associado a uma interpretação contrastiva ou a uma interpretação exaustiva.

A representação de (54) é semelhante à de (47), porém, ao invés de o constituinte focalizado permanecer no Spec de FocP da sentença encaixada ele se dirige até o da matriz, como verificamos em (55):



Em se tratando das clivadas invertidas, podemos traçar o mesmo paralelo presente nas interrogativas *Wh que – Wh é que* (56) para as sentenças *Foco que – Foco é que* (57):

(56) a. O que que a Maria leu?

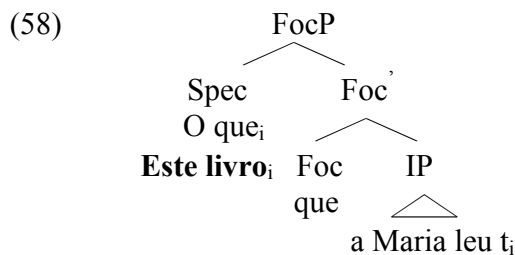
b. O que é que a Maria leu?

(57) a. [_F **Este livro**] que a Maria leu.

b. [_F ESTE LIVRO] foi (é) que a Maria leu.

Para Kato e Raposo (1994), Modesto (s/d) e Lopes-Rossi (1996), as sentenças em (56) possuem a mesma estrutura sintática, o que acontece é que a cópula que está presente em (56b) sofreu um apagamento fonológico em (56a). Segundo estes autores, a adjacência entre a expressão-Wh (56a) ou foco (57a) e o *que* é aparente, pois a derivação destas sentenças contaria no mínimo com categorias vazias entre eles.²¹

Mioto (1996), buscando argumentos que colaborem com a hipótese de que a adjacência entre *Wh/Foco que* é real e diverge da estrutura *Wh/Foco é que*, assume que a estrutura das sentenças (55a) e (57a) deve ser (58):



A adjacência verificada nesta derivação é resultante da relação Spec-núcleo que satisfaz tanto o critério Wh (O que – que) em (56a), quanto o critério Foc (este livro – que) em (57a).

2.4.3 Pseudoclivada (Wh SV ser O)

A pseudoclivada é uma sentença que destaca o foco sintaticamente. É uma sentença copular que tem como sujeito uma relativa livre introduzida por uma expressão-Wh e como predicado a cópula e o constituinte focalizado, como em (59):

²¹ Mioto (2001:117) representa esta aparente adjacência da seguinte forma:

[_{FocP} Wh_i [_{IP} ... [_{XP} que [_{IP} ... t_i ...]]]]

(59) O que a Maria leu foi [F um livro].

Segundo Krug de Assis (2001), esta sentença responde naturalmente uma pergunta como *o que a Maria leu?*, o que permite supor que o elemento focalizado é interpretado como foco de informação. Miotto (2003) aponta que uma pseudoclivada ordinária, como (59), tem a mesma estrutura da A₂ da AS do foco de informação, o que nos leva a concluir que o foco da pseudoclivada se encontra *in situ*.

A derivação de (59) é como (60):

(60) [IP O que a Maria leu foi [FocP um livro]]

Mas, se a sentença (59) é empregada em um contexto de correção, como na situação discursiva em (61), a derivação não vai ser a mesma de (60).

- (61) a. O que a Maria leu foi uma revista.
b. Não, o que a Maria leu foi [F **um livro**].

Na sentença (61b) o objeto focalizado ocupa uma posição na periferia esquerda da sentença, como ilustra a derivação (62).

(62) [TopP [IP O que a Maria leu foi t_i]_k [FocP um livro_i [IP IP_k]]]

Neste caso, temos o movimento do objeto focalizado para FocP na periferia esquerda da sentença e, em seguida, a relativa livre *o que a Maria leu*, a cópula *foi* e o vestígio do objeto t_i sofrem movimento remanescente para o especificador de TopP.

A sentença pseudoclivada (63a) pode sofrer um processo de redução como em (63b-e):

- (63) a. O que a Maria leu foi [F um livro].
b. A Maria leu foi [F um livro].
c. Leu foi [F um livro].

d. Foi [_F um livro].

e. [_F Um livro].

O que este conjunto de sentenças mostra é que a pressuposição vai sendo progressivamente apagada, começando pelo constituinte mais externo até restar apenas o elemento que não pode ser apagado, o foco.

2.4.4 Pseudoclivada Invertida (*Ser O Wh SV*)

A pseudoclivada invertida, diferentemente da pseudoclivada ordinária, apresenta o constituinte focalizado ensanduichado entre a cópula e a expressão-Wh, como em (64).

(64) Foi [_F **um livro**] o que a Maria leu.

O que diferencia do ponto de vista sintático a clivada de uma pseudoclivada é o preenchimento do CP. Nesta última a expressão-Wh é que introduz a sentença encaixada, enquanto na clivada é o complementizador. O foco da clivada sempre é interpretado como contrastivo ou de identificação porque está antes do complementizador, neste caso, no domínio CP. No caso da pseudoclivada invertida, o foco veicula uma interpretação de contraste/correção porque aparece antes da cópula. A sentença (64) não responde adequadamente uma pergunta como (65).

(65) O que a Maria leu?

Mas, a sentença (64) não deve ter a mesma derivação de uma clivada. A derivação de (64) é como (66):

(66) [_{TopP} [_{t_j} foi t_i]_{IP} [_{FocP} **um livro**_i [_{TopP} [o que a Maria leu]_j [_{IP} t_{IP}]]]]

Em (66), o objeto focalizado vai para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença, a relativa livre *o que a Maria leu* sai do VP e vai para o especificador da categoria TopP

abaixo de FocP, e o que sobrou do IP sofre movimento remanescente para o Spec de TopP acima de FocP.

Na pseudoclivada invertida o foco também pode aparecer antes da cópula, como ilustra (67).

(67) [_F **Um livro**] foi o que a Maria leu (não uma revista).

Quando o objeto aparece antes da cópula na pseudoclivada invertida ele também é interpretado como foco contrastivo e a sentença não pode ser empregada como resposta a uma pergunta-Wh. A derivação de (67), representada em (68), não é igual a derivação de uma clivada invertida, como aquela representada em (55).

(68) [_{FocP} **Um livro**_i [_{IP} foi t_i o que a Maria leu]]]

Estamos considerando a pseudoclivada invertida como uma sentença predicacional/especificacional, na qual o constituinte focalizado é o predicado de uma *small clause* (SC) que sofre movimento para a periferia esquerda da sentença.

2.5 Resumo do Capítulo

Rizzi (1997) propõe uma estrutura mais articulada para o sistema CP, deste modo, a periferia esquerda da sentença projeta categorias específicas para os constituintes com funções discursivas de tópico e foco. Estas categorias têm nome próprio e estão hierarquicamente organizadas. Belletti (2001), verificando que os elementos focalizados podem estar *in situ* e não deslocados, expande a área interna a IP também agregando nesta parte da estrutura elementos com funções discursivas de tópico e foco.

No PB, assim como no italiano, os constituintes focalizados que estão associados a pelo menos um dos valores positivos dos traços [contraste/exaustividade] sempre preenchem o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença. Já os elementos

focalizados que veiculam apenas a interpretação de foco de informação aparecem *in situ* na posição destinada ao foco na periferia esquerda de VP.

Dessa forma, assumimos que a interpretação de um elemento como foco no PB é construída por meio da relação Spec-núcleo, dentro da categoria funcional FocP. Como estamos tratando de constituintes focalizados que ora aparecem deslocados e ora *in situ*, postulamos que há duas áreas onde a categoria FocP é projetada: uma na periferia esquerda da sentença e outra na periferia esquerda de VP. Uma das razões que não nos permite analisar a focalização como um processo de adjunção foi a interdependência encontrada entre o foco e o complementizador. Outro argumento em favor da projeção de FocP nas duas áreas da sentença é o fato de que o foco contrastivo e de identificação não pode estar na posição FocP na parte baixa da sentença, enquanto o elemento com interpretação de foco de informação somente ocupa esta posição.

Capítulo 3 – O Sujeito pós-verbal no Português Brasileiro

3.0 Introdução

Neste capítulo abordamos algumas propostas sobre o sujeito pós-verbal no PB. O objetivo é mostrar como a posposição do sujeito é analisada na literatura. A nossa hipótese é que a ordem VS no PB não é tão restrita, como considera a grande maioria dos estudiosos deste assunto, mas, também não deve ser vista como um caso de inversão livre. Ainda, postulamos que outro fator que não número de argumentos do verbo e definitude do mesmo está em jogo nos contextos em que o sujeito pós-verbal é licenciado.

Iniciamos o capítulo verificando como o PB se comporta em relação ao parâmetro *pro-drop* e, em seguida, apontamos as formas de atribuição de Caso nominativo ao sujeito. Na terceira seção, apresentamos a hipótese do Caso partitivo e a de restrição de mono-argumentalidade, analisando-as com base nos dados encontrados no PB. A última seção apresenta as sentenças com sujeito pós-verbal, tanto com verbos mono-argumentais quanto com verbos transitivos, nas quais observamos que as sentenças com verbos transitivos e ordem VS são aceitas em determinados contextos no PB.

3.1 Parâmetro do Sujeito Nulo

A teoria gerativa postula a existência de uma Gramática Universal (GU) geneticamente determinada que é formada por um conjunto de princípios e parâmetros lingüísticos (Chomsky, 1981). Os princípios são invariantes através das línguas, são universais, enquanto os parâmetros têm os seus valores (+/- ou 1/0) fixados no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua. Por isso, os parâmetros podem variar de uma língua para outra.

Um dos princípios estudados pela teoria gerativa foi o Princípio de Projeção Estendido (EPP - *Extended Projection Principle*) que afirma que toda sentença deve ter sujeito. As línguas românicas que apresentam a possibilidade de sujeito nulo estariam, em

princípio, violando o EPP. Dessa forma, foi postulado um sujeito nulo pronominal (*pro*), cuja identificação é feita por meio da concordância verbal.

O parâmetro *pro-drop* foi proposto para explicar as diferenças entre as línguas que permitem sujeito nulo e as que não permitem. As línguas que fixaram um valor positivo para este parâmetro, como o caso do italiano, apresentam um conjunto de propriedades estabelecidas por Chomsky (1981:240):

I) Sujeito nulo:

- (1) a. Ha telefonato.
b. *Has phoned.
(Tem telefonado)

II) Inversão livre do sujeito em sentenças matrizes:

- (2) a. Ha telefonato Gianni.²²
b. *Phoned John.
(Tem telefonado João)

III) Movimento longo do sujeito saindo de uma ilha QU-:

- (3) a. L'uomo [che mi domando [chi *t* abbia visto]].
b. *The man [that I ask myself [whom *t* has seem]].
(O homem que me pergunto quem *t* tenha visto)

IV) Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas:

- (4) a. Ecco la ragazza_i [che mi domando [chi crede [che *t_i* possa fare questo]]].
b. *So the girl_i [that I ask myself [that believe [that *t_i* can do this]]].
(Eis a menina que eu me pergunto que acredita que (ela) possa fazer isto)

²² Os exemplos do italiano foram extraídos de Figueiredo Silva (1996).

V) Aparente violação do filtro *that-t*:²³

- (5) a. Chi_i credi [che t_i partirà]?
b. *Who_i do you think [that t_i will leave]?
(Quem você pensa que partirá?)

Partindo destas propriedades, verificamos que as línguas que não apresentam sujeito nulo, como o inglês, não aceitam a inversão livre do sujeito, não realizam movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-, não permitem a presença de um resumptivo nulo nas sentenças encaixadas e não apresentam violação do filtro *that-t*.

À parte este conjunto de propriedades, o elemento da concordância (Agr) era visto como o fator principal na distinção das línguas de sujeito nulo das línguas de sujeito obrigatório. Nas línguas com um paradigma verbal rico, como o italiano, a concordância possibilita a recuperação do sujeito nulo, uma vez que é capaz de identificá-lo. Com a publicação do trabalho de Huang (1984), que apresenta o chinês como uma língua de sujeito nulo, mesmo tendo um sistema flexional simplificado, a concordância, como um elemento identificador das línguas de sujeito nulo, deixa de ser o fator determinante para a marcação do parâmetro.

3.1.1 Efeitos *that-t* e o Português Brasileiro

A partir das cinco propriedades relacionadas ao parâmetro *pro-drop*, verificamos que as línguas de sujeito nulo (LSNs) permitem a inversão livre do sujeito e não sofrem os efeitos *that-t*. O PB é visto como uma LSN parcial e não sofre os efeitos do filtro *that-t*. Contudo, a inversão livre do sujeito não é permitida nesta língua. Nos casos em que a inversão sujeito-verbo ocorre, ela está condicionada a fatores de natureza sintática, semântica e prosódica.

²³ Chomsky & Lasnik (1977) formulam o filtro *that-t* com o propósito de impedir o movimento do sujeito sobre um complementizador lexicalmente realizado.

Segundo Rizzi (1982a), é a propriedade de inversão livre das LSNs, como o italiano e o espanhol, que possibilita a extração do sujeito de uma posição pós-verbal. Se o sujeito é extraído de uma posição pós-verbal, não há nenhum vestígio dele na posição que segue o complementizador *que*. Neste caso, a configuração *that-t* não aparece na sentença, pois a posição que segue o complementizador está preenchida por um expletivo nulo. Por meio da extração do sujeito de uma posição pós-verbal, o autor explica a aparente violação do filtro *that-t* no italiano e nas demais línguas que apresentam a inversão livre do sujeito.

De acordo com a generalização de Rizzi, o PB deveria sofrer os efeitos *that-t*, uma vez que a inversão do sujeito não é livre nessa língua. Para mostrar que o PB também não viola o filtro *that-t*, Menuzzi (2000) estuda a distribuição de quantificadores flutuantes (QFs) e revela que o sujeito também é extraído de uma posição pós-verbal nas sentenças em que ocorre a aparente configuração *that-t*²⁴ no PB.

Segundo Sportiche (1988), os quantificadores do tipo *todo(s)* e *cada* quando se juntam com um NP formam um constituinte com a estrutura [NP Q [NP ...]]. Este tipo de quantificador pode se mover junto com o NP, como em (6a), ou o movimento pode se aplicar apenas ao NP, como em (6b), restando uma estrutura [NP Q t] em qualquer das posições-A intermediárias que o NP completo (quantificador + NP) tenha ocupado ao longo da derivação.

- (6) a. [IP [NP Todos [NP OS meninos]]_i têm [VP t_i saído]]²⁵.
 b. [IP [NP Os meninos]_i têm [VP [NP todos t_i] saído]].

Quando apenas o NP é movido e o quantificador permanece em alguma posição-A ocupada pelo NP completo, como vimos em (6b), temos um QF presente na sentença.

O QF funciona como uma evidência em favor do fato de que o sujeito é extraído de uma posição pós-verbal em contextos que apresentam a configuração *that-t* no PB. Consideremos os pares mínimos em (7):

²⁴ O PB não dispõe de uma regra do tipo da regra *que*→*qui* do francês nem da estratégia do inglês de usar um complementizador nulo, como vemos nas sentenças abaixo:

- (i) Qui crois-tu (qui/*que) a fait ce bruit?
 (ii) Who do you believe (Ø/*that) made that noise?
 (Quem você acredita que fez aquele barulho?)

²⁵ Exemplos extraídos de Menuzzi (2000) e traduzidos para o português.

- (7) a. Os rapazes_i o Paulo desconfia que *ec* gostem [todos t_i] de Maria.²⁶
 *Os rapazes_i o Paulo desconfia que [todos t_i] gostem t_i de Maria.
- b. Os rapazes_i o Paulo desconfia que *ec* tenham beijado [todos t_i] a Maria.
 Os rapazes_i o Paulo desconfia que *ec* tenham [todos t_i] beijado t_i a Maria.
 *Os rapazes_i o Paulo desconfia que [todos t_i] tenham t_i beijado t_i a Maria.
- c. Os rapazes_i o Paulo disse que *ec* parecem ter beijado [todos t_i] a Maria.
 Os rapazes_i o Paulo disse que *ec* parecem ter [todos t_i] beijado t_i a Maria.
 Os rapazes_i o Paulo disse que *ec* parecem [todos t_i] ter t_i beijado t_i a Maria.
 *Os rapazes_i o Paulo disse que [todos t_i] parecem t_i ter t_i beijado t_i a Maria.

Nestas sentenças, o QF *todos* só é interpretado como anaforicamente relacionado ao NP sujeito *os rapazes* quando ocupa uma posição pós-verbal, como ocorre nas sentenças gramaticais. Quando *todos* segue o complementizador e vem antes do verbo flexionado, como ocorre nas sentenças agramaticais, ele é interpretado como *todo mundo (everybody)* e não como um QF.

A partir das sentenças em (7), verificamos que se o sujeito *os rapazes* estiver topicalizado o QF *todos* pode ser focalizado, como ilustra (8a), mas se o constituinte *os rapazes* for interpretado como o foco da sentença, como em (8b), o QF não mais deve ser lido como o foco da sentença.

- (8) a. Os rapazes_i, o Paulo desconfia que *ec* tenham beijado [_F **todos** t_i] a Maria.
 b. [_F **Os rapazes**]_i o Paulo desconfia que *ec* tenham beijado [todos t_i] a Maria.

De acordo com Menuzzi (2000), a agramaticalidade de algumas das sentenças em (7) não decorre do fato de os QFs serem incompatíveis com a posição nominativa Spec de

²⁶ Menuzzi (2000) apresenta os pares mínimos em (7) empregando interrogativas-Wh contendo a expressão-Wh *D-linked* “*que rapazes*” no lugar do constituinte *os rapazes*. Alteramos as sentenças apresentadas pelo autor porque parece que não existe um constituinte Wh que contenha *todos*: *[Que rapazes todos], *[Que todos rapazes], *[Todos que rapazes]. Mito (em comunicação pessoal) verifica que se trocamos o Wh por foco, o argumento de Menuzzi fica melhor (sob a assunção que o foco também sofre movimento Wh).

IP encaixada. Se essa posição é precedida e regida por um antecedente apropriado como uma forma verbal, ao invés do complementizador *que*, o QF pode ocupar esta posição. A configuração ideal para que o QF ocupe o especificador de IP ocorre quando o verbo+flexão é movido para COMP, como em (8).

(9) Os rapazes_i o Manuel recorda [_{CP} terem_k [_{IP} [_{NP} todos t_i] [_{I'} t_k comprado um presente pr'a Maria]]].

Levando em consideração que um QF pode preencher a posição Spec de IP encaixada, verificamos que a má formação de algumas das sentenças em (7) ocorre porque elas sofrem os efeitos do filtro *that-t*.

O PB evita a configuração *that-t* extraíndo o sujeito de uma posição pós-verbal. A aparente violação do filtro *that-t* ocorre nas LSNs porque elas apresentam um expletivo nulo preenchendo o Spec de IP. Assim, parece que nenhum elemento está nessa posição. Este fato contribui para que se pense que o sujeito foi extraído da posição pré-verbal e não da pós-verbal.

3.1.2 O Português Brasileiro como uma língua *pro-drop* parcial

Nas seções anteriores mostramos as propriedades que constituem as línguas de sujeito nulo e como o PB evita os efeitos da configuração *that-t*. As línguas de sujeito nulo permitem que a posição destinada ao sujeito não seja preenchida e, assim, dispõem da inversão livre do sujeito. Segundo Roberts (1996), o italiano permite sujeito nulo porque os sufixos flexionais do verbo recuperam a especificação de pessoa e número do pronome sujeito. O inglês não apresenta uma morfologia verbal que recupere o conteúdo do sujeito como a do italiano, portanto, não licencia sujeito nulo.

O paradigma flexional do PB, ao contrário do do italiano e do português europeu (PE)²⁷, encontra-se simplificado. Este paradigma, que no início do século XIX apresentava

²⁷ Paradigma verbal do italiano e do PE apresenta seis formas:

Italiano: io parl-o
 tu parl-i

PE: eu fál-o
 tu fál-as

seis formas distintivas (cf. Duarte 1996), como em (10a), atualmente apresenta apenas três formas de concordância, como em (10b):

(10)	a. eu fal-o	b. eu fal-o
	tu fal-as	você fal-a
	ele(a) fal-a	ele(a) fal-a
	nós fal-amos	a gente fal-a
	vós fal-ais	vocês fal-am
	eles(as) fal-am	eles(as) fal-am

A substituição da segunda pessoa do singular *tu* e do plural *vós* pela segunda pessoa indireta *você(s)*, e a substituição do pronome de primeira pessoa do plural *nós* pela expressão *a gente*, enfraquece o sistema flexional do PB. Com um paradigma flexional reduzido, o sujeito passa a ser cada vez mais pleno nesta língua, pois, caso a sua posição não seja preenchida, a concordância verbal pode não recuperá-lo na sentença.

Segundo Galves (1996), o enfraquecimento da flexão no PB é responsável pela falta de oposição entre 1^a, 2^a e 3^a pessoas. A concordância nesta língua apresenta apenas uma oposição binária, pessoa (1^a)/não-pessoa (3^a), articulada a uma oposição singular/plural. Partindo desta consideração, Duarte (1996:110) associa a distinção pessoa/não-pessoa ao traço de número, e apresenta quatro combinações possíveis para o paradigma flexional do PB, como ilustra (11).

- (11) + pessoa / - plural > -o
+ pessoa / + plural > -mos
- pessoa / + plural > -m
- pessoa / - plural > -0

lui parl-a	ele fal-a
noi parl-iamo	nós fal-amos
voi parl-ate	vós fal-ais
loro parl-ano	eles fal-am

Duarte verifica que, devido ao enfraquecimento do sistema flexional e pronominal no PB, o sujeito nulo apenas ocorre com a 3ª pessoa na modalidade escrita (cf. o gráfico 4, p. 116). Os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas são representados cada vez mais pelo pronome lexical e um nome (cf. os gráficos 2 (p. 113) e 3 (p. 115))²⁸. A redução do paradigma flexional não mais possibilita a identificação do pronome nulo *pro* em posição de sujeito. Desta forma, a possibilidade de sujeito nulo na 3ª pessoa não é livre, uma vez que deve haver no contexto um referente que possa identificar o *pro*.

Na modalidade oral, há uma queda do sujeito nulo com 3ª pessoa e um aumento expressivo no uso do sujeito pleno. Na peça analisada pela autora, referente ao ano de 1992, os sujeitos nos casos de 3ª pessoa eram todos nulos no texto escrito. A análise da gravação desta peça mostra uma diminuição de 13% do sujeito nulo de 3ª pessoa. Nos casos de 1ª pessoa a queda foi de 10% e nos casos de 2ª nenhuma diferença significativa ocorreu.

Kato & Tarallo (1993) também atestaram a presença do sujeito nulo na modalidade escrita do PB nos casos em que a concordância (12a) ou o contexto (12b) permite que possamos identificar o sujeito.

- (12) a. No Brasil, *cv* vivemos no futuro, não no presente.
b. Eu pensava que *cv* sabia matemática.

E, na modalidade falada, a tendência é um uso do sujeito redundante, como ilustra (13):

- (13) a. No Brasil, nós vivemos no futuro, não no presente.
b. Eu pensava que eu sabia matemática.

Considerando os dados relativos à baixa frequência do sujeito nulo, apresentados nos trabalhos de Duarte (1996) e de Galves (1996), e a existência cada vez mais expressiva de um sujeito redundante na modalidade oral, verificamos que atualmente a tendência é que

²⁸ O sujeito nulo na 1ª e 2ª pessoas encontrados atualmente correspondem a sentenças independentes com verbos simples no presente e no passado, para os casos de 1ª pessoa, como em (ia), e a algumas interrogativas, para os casos de 2ª, como (ib).

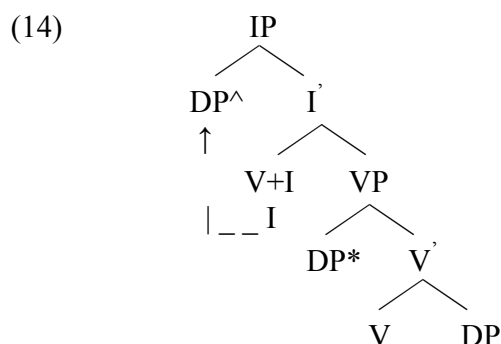
- (i) a. *pro* Não posso mais ficar aqui a tarde toda, não. *pro* tirei quatro notas vermelhas. *pro* Preciso dar um jeito na minha vida.
b. *pro* já se esqueceu?
pro falou com ele? (cf. Duarte 1996, p. 119-120)

o sujeito seja preenchido ao invés de ser nulo. O PB hoje está passando por uma fase de transição de uma língua *pro-drop* para não *pro-drop*. De acordo com Duarte (1996:123), a simplificação no paradigma flexional alterou as características de língua *pro-drop* que o PB apresentava no início do século XIX. Atualmente é visto como uma língua *pro-drop* parcial, na qual o sujeito nulo ainda se mantém apenas na escrita.

3.2 Atribuição de Caso nominativo ao Sujeito

3.2.1 Atribuição sob Concordância

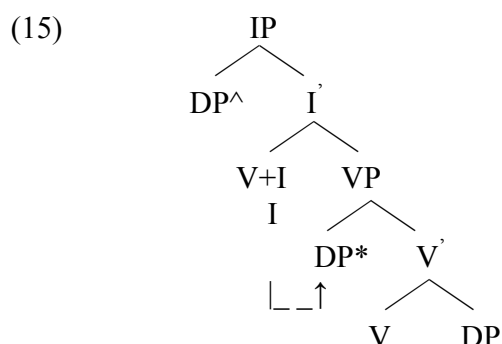
O Filtro de Caso requer que todo DP pronunciado pertença a uma cadeia com Caso para que a sentença seja gramatical. Segundo este princípio, o DP sujeito deve receber nominativo da flexão INFL. Uma das maneiras de isso ocorrer é quando o verbo se move para I unindo-se a flexão e o sujeito se desloca para o especificador de IP para receber Caso nominativo de INFL, neste caso, o sujeito deixa um vestígio na sua posição de base, formando uma cadeia. Esta atribuição de Caso é chamada de atribuição sob concordância, segundo a denominação de Koopman & Sportiche (1991), e está representada em (14):



De acordo com esta representação, a flexão está em uma relação de concordância especificador-núcleo com o sujeito (DP^). Esta atribuição ocorre em um contexto no qual o sujeito está em posição pré-verbal.

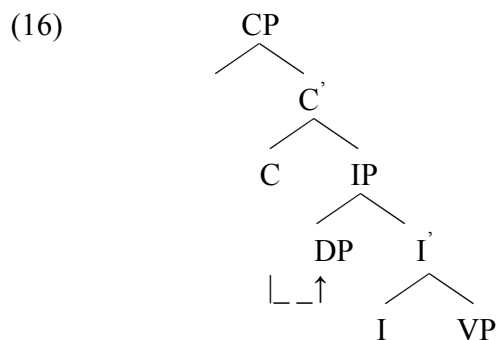
3.2.2 Atribuição sob Regência

Koopman & Sportiche (1991) denominam atribuição de Caso nominativo sob regência para o tipo de configuração em que o sujeito está posposto ao verbo. Nesta forma de atribuição, a flexão está em uma posição mais alta na estrutura em relação ao sujeito (DP*), como se vê abaixo:



Seguindo esta representação, verificamos que o sujeito permanece *in situ* dentro do VP e o Caso é atribuído pela flexão ao especificador mais baixo (DP*), não por uma relação de concordância, e sim por regência.

Nas línguas, como o alemão, em que ocorre o movimento de I para C, o Caso nominativo pode ser atribuído sob regência ao constituinte que está no especificador de IP, como na configuração em (16):



Segundo Torres Moraes (1996), o Caso nominativo sob regência não está mais disponível no português atual. Na investigação da autora sobre a perda da ordem verbo-sujeito nas

declarativas, os dados mostram que houve uma mudança paramétrica na atribuição de nominativo. No português antigo, no qual ocorria com frequência a inversão sujeito-verbo, o sistema possibilitava nominativo em configuração de regência. No português contemporâneo, conforme atestam os dados da autora, o sujeito apenas recebe Caso nominativo mediante a relação de concordância especificador-núcleo.

Figueiredo Silva (1996:91-93), estudando o sujeito pós-verbal no PB, compara esta língua com o italiano e propõe que a única forma de atribuir Caso nominativo no PB é sob a configuração de concordância. Entre as evidências fornecidas pela autora em favor da sua hipótese estão as interrogativas sim/não, como em (17), e interrogativas QU-, como em (18).

- (17) a. *Tinha telefonado o João?
b. *Tinha o João telefonado?
c. O João tinha telefonado?

- (18) a. *O que (é) que tinha comprado o João nesse mercado?
b. *O que (é) que tinha o João comprado nesse mercado?
c. O que (é) que o João tinha comprado nesse mercado?²⁹

Partindo destes exemplos, a autora verifica que o PB não possui construções do tipo Aux-to-Comp. As sentenças (17a,b) e (18a,b) exemplificam este tipo de construção, ou seja, o auxiliar se move para C e atribui nominativo sob regência ao sujeito que está no especificador de IP, e mostram-nos que quando isso ocorre a sentença é agramatical.

Figueiredo Silva assinala ainda outras três evidências que corroboram a sua hipótese. Primeiro a autora observa que o PB não permite a inversão sujeito-auxiliar nas construções condicionais, como mostra a agramaticalidade dos exemplos (20d). Isso é possível no italiano, como vemos em (19d).

²⁹ Pilati (2002:14) discorda da generalização de que o PB não permite sujeito posposto em interrogativas QU-. A autora menciona os exemplos abaixo como ocorrências de sujeitos pós-verbais em interrogativas QU-, os quais são aceitáveis nesta língua.

- (i) Onde (que) trabalha a Ana?
(ii) O que (que) pensa uma pessoa dessa?

- (19) a. Se lui avesse capito al volo, tutto sarebbe andato bene.
b. *Lui avesse capito al volo, ...
c. *Se avesse lui capito al volo, ...
d. Avesse lui capito al volo, ...
- (20) a. Se ele tivesse compreendido rápido, tudo teria dado certo.
b. *Ele tivesse compreendido rápido, ...
c. *Se tivesse ele compreendido rápido, ...
d. *Tivesse ele compreendido rápido, ...

O verbo auxiliar no italiano sobe para C, ocupando o lugar do complementizador *se*, de onde é capaz de reger o sujeito em Spec de IP e atribuir nominativo a ele, isto é o que ocorre em (19d). A agramaticalidade de (19b) vem do fato de o verbo não ter subido para C, portanto, não consegue reger o sujeito. (19c) também é agramatical porque o complementizador *se* e o verbo *avesse* não podem ocorrer simultaneamente em C, uma vez que estão disputando a mesma posição.

Outro argumento apontado pela autora diz respeito às construções no subjuntivo. O italiano permite que o complementizador *que* seja opcionalmente apagado, como em (21a), este apagamento se torna obrigatório se o auxiliar precede o sujeito, como em (21b):

- (21) a. Speravo (che) tu fosse disposto ad aiutarci.
b. Speravo (*che) fossi tu disposto ad aiutarci.

Mesmo em construções com complementos no subjuntivo, o complementizador *que* no PB nunca pode ser apagado (22a), por isso, ainda que o auxiliar preceda o sujeito da oração subordinada (22b) o complementizador deve ocorrer na sentença.

- (22) a. Eu esperava *(que) você estivesse disposto a ajudar a gente.
b. *Eu esperava (que) estivesse você disposto a ajudar a gente.

(22b) é agramatical porque o *que* impede que o auxiliar suba para C e atribua nominativo ao sujeito.

Por fim, Figueiredo Silva compara o PB com o inglês em relação às construções com um elemento negativo inicial. No inglês este tipo de construção ocasiona a inversão sujeito-auxiliar (23a), mas no PB mesmo com a presença desse elemento negativo iniciando a sentença encaixada, a sentença não é bem formada (23b). A única opção possível é (23c).

- (23) a. John Said that under no circumstances woul he do that.
b. *O João disse que de jeito nenhum ia ele fazer uma coisa dessas.
c. O João disse que de jeito nenhum (que) (ele) ia fazer uma coisa dessas.

Partindo dos contrastes entre o italiano e o PB e entre o inglês e o PB, a autora conclui que o PB não permite posposição do sujeito, uma vez que esta língua perdeu a possibilidade de atribuição de Caso nominativo sob regência aos DPs pós-verbais. Figueiredo Silva admite apenas que o sujeito esteja posposto nos contextos em que o verbo é inacusativo e indefinido. Neste caso, o sujeito é marcado pelo Caso partitivo proposto por Belletti (1988).

3.3 O sujeito pós-verbal no PB

3.3.1 Hipótese de Caso Partitivo

Belletti (1988) discorda da proposta de Burzio (1986) de atribuição de Caso nominativo ao sujeito pós-verbal por Cadeia, por meio da co-indexação do sujeito pós-verbal com um pro expletivo em posição de especificador de IP. A autora argumenta que na atribuição de Caso ao sujeito de um verbo inacusativo, o VP constitui uma barreira que impede que a flexão reja o DP pós-verbal, não havendo, assim, transmissão de Caso a este constituinte.

Dessa forma, Belletti propõe que o argumento interno do verbo inacusativo, embora não possa receber caso acusativo, pode ser marcado pelo Caso partitivo. Este caso é um

Caso inerente, pois é atribuído junto com a função temática do constituinte na DS. Os outros Casos, nominativo e acusativo, são atribuídos em SS e não concomitantemente com o papel temático.

Para Belletti a postulação do Caso partitivo pode solucionar problemas relacionados ao Efeito de Definitude (DE). Este Caso só pode ser atribuído aos constituintes indefinidos que podem ser interpretados como parte de um conjunto. Deste modo, estão excluídos da posição marcada por este Caso os quantificadores universais e os constituintes definidos. A autora ressalta que quando um DP [+ definido] é interpretado como membro de um conjunto, ocorrendo uma leitura de lista, ele também pode receber o Caso partitivo.

As sentenças existenciais do inglês formadas pelo expletivo *there* não aceitam que o sujeito seja um DP definido (24b) ou um DP modificado por um quantificador universal (24c):

- (24) a. There is a man in the garden.
(Há um homem no jardim)
b. *There is the man in the garden.
(Há o homem no jardim)
c. *There is every man in the garden.
(Há todo homem no jardim)

O argumento interno das sentenças acima não pode receber acusativo. Nestes exemplos, tal argumento é marcado pelo Caso partitivo. O contraste entre (24a) e (24b,c) corrobora a hipótese de Belletti de que o sintagma que recebe Caso partitivo sofre DE. Por isso, nas sentenças existenciais do inglês e naquelas formadas por verbos incapazes de atribuir Caso acusativo a seus argumentos internos, estes devem ter uma leitura indefinida.

Belletti (1988) apresenta uma estrutura como (25) para mostrar as possíveis posições de um DP na sentença:

- (25) DP₁ [VP [VP V DP₂ [PP P DP₃]] DP₄]

No caso da atribuição de Caso partitivo, a única posição disponível para o argumento interno é DP₂. Nas línguas de sujeito nulo, como o italiano, quando a sentença apresenta um verbo inacusativo e um sujeito definido, o constituinte pós-verbal não é marcado pelo Caso partitivo, pois recebe Caso nominativo sob regência. Consideremos (26):

(26) È arrivato Gianni.

Segundo Belletti (2001), em (26), *Gianni* não ocupa a posição DP₂, ele preenche o especificador de FocP acima de VP. Neste caso, o sujeito pós-verbal é interpretado como o foco da sentença e ocupa a posição à direita do verbo para receber o acento nuclear.

3.3.2 Caso partitivo e o PB

Figueiredo Silva (1996) adota a proposta de Belletti (1988) para explicar os casos de inversão no PB, por julgar agramaticais todas as sentenças com verbos inacusativos nas quais o sujeito pós-verbal é um DP definido.

Consideremos as sentenças em (27-29):

(27) a. Tem um homem no jardim.
b. *Tem o homem no jardim.

(28) a. Desapareceu um livro.
b. *Desapareceu o livro.

(29) a. Foi morto um homem.
b. *Foi morto o homem.

De acordo com Figueiredo Silva, as sentenças com verbos existenciais (27a,b), verbos inacusativos (28a,b) e verbos na voz passiva (29a,b) somente permitem o licenciamento do sujeito pós-verbal sob a forma indefinida. A única posição disponível para os argumentos

internos das sentenças (27-29) é a interna ao VP, pois, assim, o DP pós-verbal é marcado pelo Caso partitivo.

Embora adotando a proposta de Caso partitivo, o qual é atribuído apenas aos argumentos internos de verbos inacusativos e existenciais, Figueiredo Silva aceita algumas sentenças com verbos intransitivos e sujeito pós-verbal, como em (30a,b).

- (30) a. Telefonou um cara aí pra você.
b. Viajou uma mulher supergorda do meu lado.

A explicação fornecida pela autora referente à aceitabilidade dessas sentenças é que alguns verbos intransitivos do PB estão passando por um processo de “ergativização”. Nestes exemplos, os argumentos recebem Caso partitivo e são licenciados sob a forma de DPs indefinidos. Para mostrar que somente certos tipos de verbos intransitivos sofrem este processo, Figueiredo Silva mostra algumas sentenças agramaticais (31a,b) com verbos intransitivos e DPs indefinidos pospostos (exemplos (20c,d) da autora).

- (31) a. *Tossiu/Estava tossindo um cara atrás de mim.
b. *Espirrou/Estava espirrando um cara durante o filme.

A autora conclui que o PB permite que o sujeito ocupe uma posição pós-verbal à condição de que ele seja interpretado como objeto profundo, isto é, apenas nos casos de verbos inacusativos e alguns intransitivos sofrendo “ergativização”. Nestes contextos, os DPs recebem Caso partitivo e devem ocupar posições de argumentos internos.

Seguindo Pilati (2002), propomos que a hipótese do Caso partitivo não é adequada para o PB. Nesta língua é possível que o sujeito esteja em uma posição pós-verbal com verbos inacusativos e intransitivos sem ser licenciado sob a forma indefinida. Quando o verbo seleciona apenas um argumento, como em (32a), ou a sentença contém um operador foco, como no caso do operador *só* em (32b), as orações são perfeitamente gramaticais, mesmo que o sujeito pós-verbal seja definido.

- (32) a. Ali moram os meninos.

b. Só não responderam a chamada os alunos do fundão.

Em (32a), temos um verbo mono-argumental e um sujeito posposto definido, e em (32b), temos uma construção transitiva com um operador foco presente e sujeito pós-verbal também definido. A autora contraria a proposta de Figueiredo Silva de que alguns verbos intransitivos podem sofrer uma “reanálise ergativa” e outros não. Pilati (2002:27-28) constrói um contexto no qual as sentenças (32a,b) são aceitáveis, como no caso de o falante narrar um acontecimento que tenha vivido ou presenciado com a finalidade de enfatizar a ação praticada por um personagem da narrativa. A situação é a seguinte: um grupo de amigos está comentando na saída do cinema que havia muitas pessoas resfriadas na sala em que eles estavam assistindo ao filme.

(33) A: Nossa! Tinha muita gente resfriada no cinema. 'Tava todo mundo espirrando.³⁰

B: Graças a Deus, atrás de mim, só espirrou a sua prima.

C: Eu mudei de lugar depois que tossiu um cara atrás de mim. Não quero pegar gripe de ninguém.

Como o objetivo é ressaltar a ação do personagem, o falante inicia a sentença com o verbo deixando o sujeito posposto. Os DPs pós-verbais em (33A,B) aparecem, respectivamente, junto do quantificador *todo* e sob a forma definida, assim, não há espaço para o Caso partitivo.

3.3.3 Perda dos Pronomes Clíticos e a inversão sujeito-verbo

O PB é uma língua que está perdendo o sistema de clíticos, substituindo-os por pronomes tônicos. Segundo os dados de Omena (1978), os clíticos objetos com função anafórica estão sendo trocados por pronomes tônicos (24%) ou por uma categoria vazia (76%). A mudança no sistema de clíticos do PB afetou principalmente o acusativo de 3ª pessoa *o/a*. O exemplo (34a) dificilmente é empregado por falantes desta língua, salvo na

³⁰ Os grifos são da autora.

escrita formal e por pessoas com alto grau de escolaridade, enquanto (34b) e (34c) são sentenças tipicamente empregadas pelos falantes.

- (34) a. Os livros, guardei-os na estante.
b. Os livros, guardei eles na estante.
c. Os livros, guardei cv na estante.

Pagotto (1992) mostra, a partir dos dados colhidos em cartas pelo autor, uma queda drástica no número de clíticos no século XIX, apenas 31 ocorrências, enquanto nos três séculos anteriores este número era de 239 ocorrências. O clítico de 3ª pessoa, por exemplo, passou de 62 ocorrências nos séculos XVI a XVIII para somente 3 no século XIX.

Mesmo com toda a indicação de que o sistema de clíticos está sofrendo uma mudança, Kato (1991) ressalta que esta mudança atinge apenas o clítico de 3ª pessoa, mas não os clíticos de 1ª e 2ª pessoas, *me* e *te*, respectivamente. Dessa forma, a autora expõe um paradigma uniforme de clíticos no PB com um clítico nulo para a 3ª pessoa estando em variação com o pronome tônico *ele(a)/eles(as)*.

(35) Pronomes Tônicos	Clíticos
eu	me-
você	te-
ele/ela	Ø

O clítico nulo é representado pelo pronome tônico *ele/ela/eles/elas*. Os clíticos *me* e *te* quando são empregados em uma sentença aparecem antes do verbo no PB. Nas sentenças com verbo auxiliar e verbo principal, o clítico aparece anteposto ao segundo verbo, como ilustra (36a). Se o clítico está posposto ao verbo auxiliar, como em (36b), a sentença é agramatical em PB.

- (36) a. Maria pode *me* emprestar o livro.
b. *Maria pode-*me* emprestar o livro.

Segundo Galves (1996:400), a flexão também afeta a perda dos clíticos à medida que “um verdadeiro sistema de clíticos, ou seja de pronomes cuja caracterização lexical é serem núcleos – e não sintagmas – que se movem para a flexão na derivação sintática, implica uma concordância rica”. Para a autora, os clíticos que ainda ocorrem no PB, embora com pouca frequência, foram reinterpretados como pronomes plenos (sintagmas), os quais são deslocados por uma regra de adjunção, e não mais como núcleos movendo-se para Agr. O pronome aparece nas locuções verbais sempre anteposto ao verbo principal devido a uma restrição de localidade sobre essa adjunção, uma vez que o clítico deve estar adjungido à primeira projeção funcional que contém o verbo em SS.

De acordo com Decat (1989:127), os clíticos permitiam às sentenças maior liberdade quanto à ordem dos sintagmas. Com o seu desaparecimento, a ordem dos constituintes foi se tornando mais rígida, chegando a ponto de ser, ela própria, um marcador de função sintática.

3.3.4 Hipótese de restrição de mono-argumentalidade

As línguas românicas classificadas como *pro-drop* apresentam, conforme as propriedades do parâmetro de sujeito nulo, a possibilidade de manter o sujeito em posição pós-verbal, originando as construções conhecidas por *inversão livre*, como no caso do italiano (37a), do PE (37b) e do espanhol (37c).

- (37) a. Ha telefonato Gianni.
b. Telefonou João.
c. Ha llamado Juan.

O PB parece se afastar destas línguas românicas no que diz respeito às construções de inversão livre. Seguindo o conjunto de propriedades proposto por Chomsky (1981) como característico das línguas de sujeito nulo, verificamos que o PB não se comporta como uma língua *pro-drop* prototípica, sendo considerado por alguns autores uma língua *pro-drop* parcial (Duarte 1996, Kato 1999). Esta parcialidade resulta da alta frequência de sujeito preenchido e do baixo número de sujeito nulo na modalidade falada.

A partir das sentenças abaixo, Kato & Tarallo (1993) constatam que a inversão livre não funciona em uma língua como o PB ou, pelo menos, que ela deve obedecer algumas restrições (os exemplos que seguem correspondem aos exemplos (5a,b) do texto dos autores).

- (38) a. *Tomaram muitas cervejas os professores.
b. *Enviou-lhe muitos beijos o Romeu.

Os autores verificam que o PB apresenta a restrição de mono-argumentalidade que possibilita que o sujeito esteja posposto ao verbo³¹ apenas com verbos de um argumento, como os inacusativos e os intransitivos, exemplos (39a) e (39b), respectivamente.

- (39) a. Chegou um telegrama pra você.
b. Viajou atrás de mim uma pequena criança.

Berlinck (1989) aponta que o sujeito posposto não deve ocorrer com verbos de mais de um argumento por uma questão de ambigüidade. As construções transitivas com sujeito pós-verbal podem atribuir uma interpretação equívoca ao sujeito, uma vez que este pode vir a ser interpretado como objeto.

O sistema de clíticos possibilita que as construções transitivas sejam fonologicamente mono-argumentais, podendo, assim, apresentar a inversão do sujeito. De acordo com Berlinck, o clítico guardaria o seu caráter referencial, permitindo a recuperação do sentido transitivo do verbo e das relações que este mantivesse com os seus argumentos. Dessa forma, impediria a ambigüidade das construções. Um sistema de clíticos enfraquecido impede este jogo de compensações e, conseqüentemente, colabora com a diminuição do uso de sujeito pós-verbal com verbos transitivos.

Para Kato & Tarallo (1993:16), a perda do clítico reflete na ausência de sujeito pós-verbal. Os autores afirmam que a inversão do espanhol não deveria ser considerada livre, pois funciona com verbo transitivo apenas quando o objeto está cliticizado, como se vê em

³¹ Para Pontes (1987) a ordem VS somente ocorre no PB atual em contextos bem especiais, sendo pouco freqüente nesta língua.

(40a). Em contextos com verbos de três argumentos todos os objetos devem ser clíticos, como em (40b).

- (40) a. Lo instalo Esteban.
(Instalou-o Esteban)
b. Se lo iba a decir el estudiante.
(Ia dizê-lo o estudante)

Se o clítico funciona como um redutor de argumentos, o espanhol também possui a restrição mono-argumental. O mesmo pode ser dito para o italiano, uma vez que as construções com inversão do sujeito são mais aceitáveis se o objeto for um clítico.

- (41) a. L'ha mangiata la mamma.
b. ?Ha mangiato la torta la mamma.³²
(Comeu o bolo a mãe)

Kato & Tarallo (1993) interpretam a restrição mono-argumental como uma restrição sensível ao material fonológico pronunciado e não ao número de argumentos selecionados pelo verbo. Por isso, a má formação da ordem VS com verbos transitivos está relacionada à PF.

Para alguns estudiosos a falta de um sistema rico de clíticos, torna o PB uma língua menos produtiva em processos de inversão. Isto acontece porque o uso frequente de um pronome lexical não favorece a posposição do sujeito. Segundo Kato & Tarallo (1993:17), a ordem VS pode ocorrer no PB quando o objeto é o clítico *me* e *te*, como vemos abaixo:

- (42) a. Me surpreendeu a notícia.
b. A notícia me surpreendeu.

³² Para Salvi (1988, apud Kato & Tarallo 1993) as sentenças com verbo transitivo, objeto não cliticizado e sujeito indefinido são perfeitamente aceitáveis.

(i) Ha magiatto la torta um gato.
(Comeu o bolo um gato)

- (43) a. Te surpreendeu a notícia?
b. A notícia te surpreendeu?
- (44) a. A notícia surpreendeu você?
b. A notícia surpreendeu ele.
c. A notícia surpreendeu a gente.

Em (42a) e (43a), o objeto cliticizado *me* e *te* permite que o sujeito *a notícia* apareça posposto ao verbo *surpreendeu*. Já nas sentenças em (44), inversão não ocorre porque não há mais ocorrências de clítico acusativo de 3ª pessoa, assim, os pronomes *você*, *ele* e *a gente* não podem ser cliticizados.

3.3.5 Construções com o sujeito pós-verbal

Em estudo sobre a posposição do sujeito, Kato & Tarallo (1993) propõem que há dois tipos de estruturas que descrevem a ocorrência da sintaxe VS do PB: *V-fronting* e *Right Dislocation*. E, que essas duas estruturas são sensíveis à restrição de monargumentalidade. Ressaltamos que os autores que tratam da posição do sujeito em PB não abordam em seus estudos a questão da focalização do sujeito. Este fenômeno tem conseqüências diretas no estudo da posição do sujeito nas sentenças, conforme mostraremos mais adiante. A proposta desta dissertação é justamente investigar como a focalização do sujeito contribui para inversão de uma sentença. Apresentamos abaixo os tipos de estruturas propostas por Kato & Tarallo para a ordem VS e, na seção seguinte, mostramos sentenças com verbos transitivos e sujeito pós-verbal, nas quais a focalização desencadeia a inversão.

3.3.5.1 Fronteamento do verbo (*V-fronting*)

O fronteamento do verbo ocorre quando este constituinte se move para I e o sujeito permanece no especificador de VP. Normalmente, o movimento do verbo é desencadeado

por algum constituinte que aparece no início da sentença, como as expressões interrogativas (45a) e advérbios dêiticos (45b).

- (45) a. Onde moravam os meninos?
b. Ali moravam os meninos.

Na derivação dessas sentenças, as palavras que aparecem em posição inicial se movem para uma posição fora do IP, na periferia esquerda da sentença, o verbo se une à flexão e o sujeito permanece no Spec de VP. Como ilustra a derivação de (45b):

- (46) [CP Ali_k [IP [I' moravam_i [VP os meninos [V' t_i t_k]]]]]

Nas sentenças em (45a,b), o verbo seleciona mais do que um argumento. O conceito de “argumento”, para Kato & Tarallo (1993:11), diz respeito à qualquer tipo de elemento selecionado, seja nominal ou adverbial. Segundo os autores, essas sentenças são possíveis porque os vestígios do argumento não contam para a restrição de mono-argumentalidade. Esta restrição tem uma natureza fonética ou rítmica e os vestígios não são visíveis para a interface fonética.

3.3.5.2 Falsa inversão (*Right Dislocation*)

A falsa inversão se caracteriza por apresentar o sujeito deslocado à direita e um pronome expletivo (*pro*), como em (47b), ou referencial, como ilustra (47c), na posição de sujeito. O emprego do *pro* ou do pronome referencial em posição inicial possibilita a falsa inversão. Esta denominação decorre do fato de que tais construções, mesmo apresentando o sujeito pós-verbal, não devem ser confundidas com as construções das línguas de sujeito nulo que apresentam inversão livre.

- (47) a. O vestido azul tá pronto.
b. *pro* Tá pronto o vestido azul.
c. Ele tá pronto, o vestido azul.

Os autores propõem que nas sentenças (47b,c) o sujeito pós-verbal está deslocado à direita em uma posição não-argumental, semelhante aquela ocupada por um elemento em adjunção. Esta construção possibilita a presença de um pronome na posição do sujeito, este pronome pode ser um *pro* expletivo (47b) ou referencial (47c).

A estrutura proposta para o sujeito pós-verbal é a seguinte:

(48) [[IP *pro/ele*_k [I' (es)tá_i [VP t_k [V' t_i pronto]]]] o vestido azul_k]

Seguindo esta representação, verificamos que o antitópico está em adjunção ao IP. Kato & Tarallo (1993) afirmam que o antitópico não precisa de Caso porque é um predicativo do sujeito *pro/ele*. Além disso, os autores observam que as construções com sujeito deslocado à direita não sofrem os efeitos de definitude, normalmente NPs deslocados são definidos.

3.3.6 O sujeito pós-verbal em sentenças com verbos transitivos

A maioria das pessoas que pesquisa o comportamento do sujeito no PB, segue a restrição de mono-argumentalidade e aceita que o sujeito apareça em uma posição pós-verbal somente nos contextos em que o verbo é inacusativo ou intransitivo. Contudo, Pilati (2002) fornece exemplos em que o verbo apresenta um argumento interno realizado e um sujeito pós-verbal, revelando a ordem VOS.

De acordo com a autora, a seqüência VOS deve ser dividida em três grupos: o primeiro contém sentenças com verbo transitivo e o sujeito não é modificado por um operador foco, como em (49); o segundo apresenta sentenças com verbo transitivo e o sujeito modificado por um operador foco *só*, como em (50); o terceiro engloba sentenças contendo verbo-*leve*, como em (51).

- (49) a. Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena.
b. Merece destaque a nova seção deste jornal.
c. Pega fogo a disputa eleitoral no São Paulo Futebol Clube.

d. Vence a partida quem permanecer em jogo depois que os demais forem desclassificados.

(50) Só responderam a chamada os alunos do fundão.

(51) a. Tomou posse o Ministro da Agricultura.

b. Também faz parte do programa a professora Renata Silva.

Os dados de Pilati são exemplos de sentenças apresentativas as quais revelam que a restrição de mono-argumentalidade não deve ser vista como o único fator capaz de permitir a inversão do sujeito no PB. Conquanto, ressaltamos que realmente ocorre com mais frequência na língua a inversão do sujeito com verbos mono-argumentais.

Para Figueiredo Silva (1996:104) nos casos em que a inversão sujeito-verbo com verbos intransitivos (52a) e com transitivos (52b) ocorre no PB, estamos diante de construções de falsa inversão, conforme aquelas propostas por Kato & Tarallo (1993). O sujeito é interpretado como tópico estando à direita do VP e há possibilidade de um pronome estar em Spec IP retomando o sujeito posposto. Assim, mesmo em construções transitivas o sujeito posposto não causa nenhum efeito de interferência com o objeto, como ocorre no italiano.

(52) a. (Eles) correram, os meninos.

b. (Elas) comeram o bolo, as crianças.

Partindo desta proposta, a autora afirma que a posição ocupada pelo sujeito pós-verbal nas construções não-inacusativas no PB não deve ser a mesma daquela ocupada pelo sujeito invertido nestas mesmas construções no italiano. Independente de qual for a posição à direita, admitida para os sujeitos pós-verbais do italiano, ela não ocorre no PB por questões que dizem respeito à atribuição de Caso. Em nota, Figueiredo Silva (p.108, nota 14) aponta que a diferença entre o PB e o italiano pode estar relacionada à falta da categoria FocP à direita em PB, estando esta categoria presente em italiano. No entanto, veremos no próximo capítulo que a periferia esquerda de VP tem um efeito sintático em PB, como no

caso das sentenças copulares em que o especificador de IP não está disponível para o sujeito pré-verbal lido como foco de informação.

Pilati (2002) questiona o fato de o sujeito pós-verbal estar topicalizado e em adjunção nas construções em que ele aparece à direita do verbo, como no exemplo (52b), pois, em muitos contextos, o sujeito não é interpretado como tópico e está interno à sentença, não em adjunção. A autora (p.38-39) cria uma situação discursiva na qual uma moça pergunta à sua costureira se as roupas que ela encomendou estão prontas, como em (53A), e a costureira responde com (53B):

(53) A: Quais as minhas roupas que estão prontas?

B: Só tá pronto o vestido azul. (as outras peças não estão prontas)

Em (53B), o operador foco *só* tem escopo sobre o sujeito pós-verbal, por isso, não há como afirmar que o sujeito esteja deslocado à direita nem que ele tenha a interpretação de tópico. Até mesmo porque neste contexto o sujeito é a informação não pressuposta, o foco. Dessa forma, a única posição disponível para o sujeito posposto é o especificador de FocP acima de VP.

O contrário ocorre se mudarmos o contexto discursivo. Como no caso de a moça perguntar à costureira se já pode levar seu vestido para casa (54A) e a costureira responde (54B):

(54) A: Já posso levar pra casa?

B: Não. Ele_i só tá pronto, o vestido azul_i. (mas ainda não está passado, nem engomado)

Em (54B), o operador foco *só* não tem mais escopo sobre o sujeito pós-verbal, mas sobre o predicativo *pronto*. Neste caso específico, o sujeito não é mais a informação não pressuposta, podendo ser interpretado como tópico.

Nos contextos de sentenças apresentativas a inversão ocorre sem restrições quanto ao tipo de verbo e definitude do DP posposto. Isto pode ser visto em (55), onde temos um locativo iniciando a sentença, e em narrativas de jogo de futebol, como ilustra (56).

- (55) a. Para São Paulo, viajou o João.
b. Naquela praça, estão as crianças.
c. No shopping da Trindade, comem os universitários.

- (56) a. Abre o placar o time do Palmeiras.
b. Ergue o braço o juiz.
c. Chegam no estádio Heriberto Hülse os jogadores do Criciúma.

A discussão a respeito do sujeito pós-verbal no PB, bem como os dados avaliados, revela que contrário ao que a maioria das propostas teóricas gerativas defendem, a ocorrência de sujeitos pós-verbais não está restrita aos verbos mono-argumentais. Além disso, parece que o tipo de verbo está deixando de ser o fator principal nos casos de inversão. Dependendo da função semântica e sintática e do acento fonológico do sujeito em uma determinada sentença, ele pode ser licenciado em posição pós-verbal, independentemente de ser definido ou não, e de o verbo apresentar um ou mais argumentos realizados fonologicamente.

3.4 Resumo do Capítulo

O PB é considerado uma língua de sujeito nulo parcial. Por isso, difere das línguas que se ajustam irrestritamente a todas as propriedades do parâmetro *pro-drop*. Verificamos que, mesmo não tendo a propriedade de inversão livre, esta língua segue o italiano no que diz respeito a aparente violação do filtro *that-t*, uma vez que extraí o sujeito em sentenças encaixadas da posição pós-verbal e não pré-verbal.

Quanto à atribuição de Caso nominativo ao sujeito, assumimos que o sujeito pós-verbal é licenciado à direita do verbo por motivos outros que não Caso. Esse licenciamento ocorre devido ao fato de esse constituinte ter uma função apresentativa, sendo interpretado como o foco da sentença, e pelo fato de a sentença apresentar um locativo ou um operador foco em posição inicial.

Com relação à hipótese do Caso partitivo de Belletti (1988), assumida por Figueiredo Silva (1996), parece que a mesma não funciona perfeitamente com os dados encontrados no PB. Mostramos, neste capítulo, contextos em que a inversão ocorre sem que o verbo seja inacusativo e indefinido. E, ainda, que dependendo do contexto discursivo o sujeito pós-verbal não é tópico e nem está em adjunção com um pronome co-referente a ele no especificador de IP.

Como o PB é uma língua de sujeito nulo parcial, o esperado é que a inversão também seja parcial, isto é, não é um caso de inversão livre, mas ocorre em contextos específicos. Contudo, não se realiza apenas com determinados tipos de verbos e NPs indefinidos. O trabalho de Pilati (2002) contribui para fortalecer a nossa hipótese de que a posposição do sujeito no PB não é tão restrita, como considera a grande maioria dos estudiosos deste assunto, e que a focalização está em jogo nos contextos em que o sujeito pós-verbal não pode ser licenciado.

Capítulo 4 – A Focalização do Sujeito no Português Brasileiro

4.0 Introdução

As línguas românicas apresentam comportamentos diferentes em relação ao processo de focalizar o sujeito. Por esta razão, iniciamos o capítulo mostrando como este constituinte é focalizado no espanhol, italiano, português europeu (doravante PE) e francês. O nosso objetivo é verificar até que ponto a sintaxe do PB se distancia ou se aproxima das línguas-irmãs. A hipótese que norteia a pesquisa é que o PB interpreta o sujeito pré-verbal tanto como foco de informação quanto como foco contrastivo. E, nos casos em que ocorre inversão do sujeito, esse constituinte não é apenas interpretado como foco de informação, dependendo da situação, ele também pode ser associado aos traços [contrastivo/exaustivo], sendo interpretado como foco contrastivo. Isto nos leva a crer que o PB não é uma língua rígida, como o italiano, o espanhol e o PE que sempre deixa o sujeito depois do verbo quando ele deve ser interpretado como foco de informação.

O italiano e espanhol se aproximam na medida em que apresentam o mesmo processo de focalizar o sujeito: se ele é interpretado como foco contrastivo pode aparecer antes ou depois do verbo, se é interpretado como foco de informação aparece em posição pós-verbal. O PE também emprega a posposição do sujeito nos casos em que ele é foco de informação. Se for foco contrastivo, o sujeito pode vir antes ou depois do verbo. Entre essas línguas românicas, o francês é a única que apenas interpreta o sujeito pós-verbal como foco em contextos específicos que apresentem um elemento desencadeador da inversão. O sujeito interpretado como foco contrastivo ou como foco de informação está em posição pré-verbal em francês.

Após apresentar a focalização do sujeito nas línguas românicas, abordamos o modo como o sujeito é focalizado no PB, mostrando as particularidades que tornam este processo diferente do que ocorre nas línguas românicas em geral. A seção que trata da focalização do sujeito no PB está organizada da seguinte forma: primeiramente, apresentamos como acontece a focalização do sujeito quando ele é interpretado como foco de informação, tratamos separadamente as sentenças que têm sujeito pré-verbal focalizado das que têm

sujeito pós-verbal focalizado, em seguida, mostramos o que ocorre quando o sujeito é interpretado como foco contrastivo/exaustivo, aqui também separamos o sujeito pré-verbal focalizado do pós-verbal.

4.1 A focalização do sujeito nas línguas românicas

4.1.1 O sujeito focalizado no Espanhol

No terceiro capítulo vimos que o espanhol é uma língua *pro-drop* que permite a inversão do sujeito. Por isso, quando esse constituinte é interpretado como foco de informação, ele deve estar em posição pós-verbal, como ilustram as sentenças abaixo.

- (1) a. Ha llamado [_F Juan].
(Quién ha llamado?)
(Telefonou João)
- b. Me regaló la botella de vino [_F María].³³
(Quién te regaló la botella de vino?)
(Me presenteou com uma garrafa de vinho Maria)

A sentença (1a) apresenta a ordem VS e o verbo intransitivo *llamado*, enquanto (1b) é uma sentença VOS com verbo transitivo *regaló*. O sujeito posposto dessas sentenças recebe o acento nuclear e veicula a informação não pressuposta.

³³ Para Kato & Tarallo (1993), a inversão do sujeito em sentenças com verbo transitivo ocorre em espanhol quando o objeto está cliticizado (cf. terceiro capítulo), como se vê em (ia). E, em contextos com verbos de três argumentos todos os objetos devem ser clíticos, como em (ib).

- (i) a. Lo instalo Esteban.
(Instalou-o Esteban)
b. Se lo iba a decir el estudiante.
(Ia dizê-lo o estudante)

No entanto, Zubizarreta (1998) e Ordoñez (1998) não limitam a inversão do sujeito em sentenças com verbo transitivo aos casos em que ocorre cliticização dos argumentos internos do verbo.

O sujeito pode estar em posição pré-verbal em um contexto que requer uma interpretação de foco largo, como em (2):

- (2) [F *María* me prestó el diccionario]
(Qué ocurrió?)
(*Maria* me emprestou o dicionário)

Neste caso, a sentença inteira é focalizada e o acento nuclear recai sobre o objeto *el diccionario*. Como o sujeito *Maria* não tem uma interpretação de foco estreito, não há nenhum problema em relação ao fato de ele não estar em uma posição mais à direita na sentença.

Se o sujeito pré-verbal não está em um contexto de foco largo, como ilustra (3a), ou se o sujeito aparece posposto ao verbo, mas seguido por um complemento, como em (3b), ele não pode ser interpretado como foco de informação.

- (3) a. [F **María**] me regaló la botella de vino (no Juan).
(*Maria* me presenteou com uma garrafa de vinho (não João))
b. Me regaló [F **María**] la botella de vino (no Juan).
(Me presenteou *Maria* com uma garrafa de vinho (não João))

Em (3a,b), o sujeito está associado ao traço [+contrastivo], indicado pela negação entre parênteses, e recebe o acento contrastivo. Por esta razão, ele é interpretado como foco contrastivo e a sentença não pode funcionar como resposta a uma interrogativa-Wh. Embora as sentenças em (3) apresentem o sujeito focalizado contrastivamente, este constituinte não ocupa a mesma posição nas duas sentenças. Segundo Zubizarreta (1998), em (3a), o sujeito *María* preenche o especificador de TP, e em (3b), ele preenche o especificador de VP³⁴.

³⁴ Na seção sobre a focalização do sujeito em italiano veremos que para Belletti (2001) a interpretação de um constituinte como foco vem da relação especificador-núcleo com Foc. E, por isso, este constituinte deve estar em uma projeção específica para o foco, FocP. Assim sendo, um constituinte focalizado não deve estar no especificador de VP ou de IP. A autora verifica que o constituinte focalizado pode estar deslocado ou *in situ*,

De acordo com a autora, quando o sujeito aparece antes do verbo ou é seguido por um complemento ou adjunto, ele não pode receber o acento nuclear porque o espanhol, diferentemente do inglês, considera os constituintes desfocalizados realizados fonologicamente “metricamente visíveis” à NSR³⁵. Como vimos no primeiro capítulo, a autora faz uma distinção entre *visibilidade* e *invisibilidade métricas*, afirmando que a NSR se aplica apenas a constituintes que são metricamente visíveis. Se todos os constituintes não focalizados são visíveis para a computação do acento principal em espanhol, o sujeito interpretado como foco de informação somente recebe o acento nuclear se estiver em uma posição mais à direita na sentença. E, isso ocorre quando temos as ordens VS sem adjunto, como em (1a), e VOS, como em (1b), isto é, quando o sujeito é o último constituinte da sentença.

Para que o sujeito interpretado como foco de informação figure como o último constituinte na sentença, Zubizarreta (1998) propõe o movimento-p (*Prosodically Motivated Movement*). Por meio deste movimento, os constituintes desfocalizados se deslocam na sentença deixando a expressão focalizada em uma posição ideal para receber o acento nuclear. No caso de uma sentença VOS, a autora diz que tal ordem é derivada de VSO com o objeto sofrendo movimento (*scrambling*) sobre o sujeito, que permanece no especificador de VP. Neste caso, o objeto é adjungido à esquerda de VP³⁶.

portanto, propõe a projeção FocP interna ao IP para alojar o foco *in situ*. Dessa forma, cada tipo de foco ocupa uma posição específica na estrutura. Por meio da análise de Belletti, observamos que um mesmo tipo de foco não pode preencher posições diferentes na estrutura em uma determinada língua. Segundo Zubizarreta (1998), o foco contrastivo, por exemplo, pode preencher o especificador de IP ou de VP porque não há a projeção FocP em espanhol e é a prosódia que é responsável pela interpretação de um constituinte como foco. Se um certo constituinte recebe acento contrastivo, independentemente da posição que está, ele é interpretado como foco contrastivo. No entanto, se um constituinte é interpretado como foco de informação, ele deve sempre figurar como o último elemento da sentença em espanhol para que receba o acento nuclear via C-NSR.

³⁵ Em inglês os constituintes desfocalizados são considerados “metricamente invisíveis” para a NSR. Dessa forma, o sujeito pré-verbal em (i) recebe o acento nuclear e é interpretado como foco de informação.

- (i) [_F John] ate an apple.
[Who ate an apple?]
(João comeu uma maçã)

A pergunta funciona como um contexto para que se identifique o foco de informação.

³⁶ De acordo com a análise de Belletti (2001), a construção VSO é agramatical em italiano porque o objeto deve verificar o Caso acusativo fora de VP, em AccP, e o sujeito está interferindo na relação entre o objeto e o seu atribuidor de Caso, violando a Minimalidade Relativizada (MR). A autora então propõe que nas línguas românicas em que a ordem VSO ocorre há uma preposição abstrata que atribui Caso ao objeto, permitindo que ele permaneça no interior de VP. Dessa forma, a MR não é violada. No entanto, Zubizarreta (1998) afirma que a sentença VOS em espanhol é derivada de VSO por meio do movimento do objeto sobre o sujeito, sendo que este permanece no especificador de VP. Assim, seria de se esperar, seguindo a análise de

A análise de *scrambling* do objeto sobre o sujeito na ordem VOS também é proposta por Ordoñez (1998), o qual afirma que a adjunção à direita do sujeito que aparece em posição pós-verbal não ocorre por pelo menos dois motivos: não haveria diferença hierárquica entre a estrutura VSO e a VOS, já que nos dois casos o sujeito c-comandaria o objeto; e não teríamos como explicar o contraste entre as sentenças de (4):

- (4) a. Este libro se lo regaló [a cada niño]_i su_i amigo.
(Este livro presenteou a cada garoto seu amigo)
b. * Este libro se lo regaló su_i amigo [a cada niño]_i.
(Este livro presenteou seu amigo a cada garoto)

Assumindo que VOS deriva do movimento do objeto por cima do sujeito, temos a seguinte assimetria: o sujeito c-comanda o objeto em VSO e o objeto c-comanda o sujeito em VOS. Dessa forma, podemos explicar a agramaticalidade de (4b) que ocorre porque o pronome possessivo *su* não é c-comandado pelo complemento quantificado *a cada niño*. Como a relação de c-comando não ocorre, o pronome *su* não pode estar vinculado pelo complemento quantificado. Em (4a), a relação de c-comando entre o pronome e o complemento quantificado se realiza, conseqüentemente *su* é vinculado por *a cada niño*.

O sujeito focalizado está posposto em espanhol devido ao movimento do objeto ou dos constituintes desfocalizados. Este movimento ocorre para assegurar que o sujeito está na posição em que recebe o acento nuclear via a C-NSR. No caso de o sujeito ser interpretado como foco contrastivo, o movimento-p não ocorre, uma vez que não é preciso que o sujeito esteja mais à direita na sentença para ser acentuado. O sujeito, nesta situação, recebe o acento contrastivo e pode figurar em posição pré-verbal, como ilustra (3a), ou estar posposto ao verbo e ser seguido por um complemento, como em (3b).

Belletti, que essa sentença fosse agramatical, pois há um cruzamento de dois DPs, o objeto e o sujeito, o que causaria um efeito de minimalidade. Isso não ocorre porque Zubizarreta não trabalha com a categoria FocP. A autora assume um modelo em que o sujeito não cria nenhuma interferência na subida do objeto e no qual o movimento do objeto e de outros constituintes desfocalizados é realizado para satisfazer a prosódia, não questões relacionadas ao Caso. Dessa forma, a finalidade do movimento é deixar o constituinte focalizado em uma posição que receba o acento nuclear via C-NSR.

4.1.3 O sujeito focalizado no Português Europeu

O PE é uma língua de sujeito nulo que emprega o sujeito em posição final na sentença, nos casos em que ele é focalizado. A análise dos constituintes focalizados no PE, proposta por Costa (1998, 1999), está assentada nos mesmos pressupostos da análise de Zubizarreta (1998) para o espanhol. A focalização no PE é tratada como um fenômeno de natureza prosódica, no qual o reordenamento dos constituintes em uma sentença é motivado para fazer com que o constituinte que é interpretado como foco de informação receba o acento nuclear por meio da C-NSR. Assim como ocorre no espanhol, o PE permite que o sujeito apareça antes do verbo quando toda sentença é focalizada, como no caso de ela responder a interrogativa (5a)³⁷.

- (5) a. O que aconteceu?
b. [_F O João comeu o bolo].

Em (5b), a sentença focalizada constitui um exemplo de foco largo. Por isso, o sujeito não precisa figurar como o último constituinte na sentença.

Em contextos inacusativos o sujeito que veicula informação não pressuposta sem expressar contraste/exaustividade deve estar em posição pós-verbal, como ilustra (6b). A ordem SV não é permitida nos casos em que o sujeito é foco estreito. Esta ordem poderia ocorrer apenas em um contexto de foco largo, como em (5).

- (6) a. Quem chegou?
b. Chegou [_F o João].
c. *_F O João] chegou.

Nas sentenças com verbos transitivos nas quais o sujeito é interpretado como foco de informação, o PE apresenta o mesmo comportamento do espanhol. Neste caso, ocorre

³⁷ Os exemplos do PE foram extraídos de Costa (1998).

um reordenamento na ordem dos constituintes para que o sujeito ocupe a posição mais à direita na sentença, recebendo, assim, o acento nuclear, como em (7d,f).

- (7) a. Quem comeu o bolo?
b. *[_F O João] comeu o bolo.
c. *Comeu [_F o João] o bolo.
d. Comeu o bolo [_F o João].
e. *O bolo, [_F o João] comeu.
f. O bolo, comeu [_F o João].

(7b,e), contrário ao que verificamos no PB, não são sentenças gramaticais no PE quando o sujeito é interpretado como foco de informação. (7c) é agramatical nesse contexto, mas quando responde uma interrogativa-Wh múltipla, como (8b), a ordem VSO é bem formada.

- (8) a. Quem comeu o quê?
b. Comeu [_F o João o bolo].

Em (8b), o objeto também deve ser focalizado porque está no domínio de c-comando do sujeito focalizado. Segundo Costa (1999), além da prosódia, c-comando é crucial para a identificação do foco de informação no PE. Uma expressão que não é informação não pressuposta e que está no domínio de c-comando do constituinte focalizado, deve sair desse domínio para que a sentença seja interpretada corretamente.

Quando o sujeito é interpretado como foco contrastivo, não há necessidade de ele estar em posição pré-verbal. Mesmo em um contexto que envolve contraste /correção, o sujeito focalizado pode estar posposto ao verbo, como em (9b):

- (9) a. Ninguém comeu a sopa.
b. Comeu a sopa [_F o João].

Costa (1998) assume, assim como Zubizarreta (1998), que a categoria funcional FocP, presente no italiano, não é necessária para que o foco seja interpretado no PE. Dessa

forma, descarta qualquer possibilidade de movimento em LF da expressão focalizada, propondo que o rearranjo na ordem dos constituintes na sentença é o suficiente para que um elemento seja interpretado como foco. Neste caso, são os constituintes desfocalizados que sofrem movimento nas sentenças.

Seguindo o rearranjo na ordem dos constituintes, verificamos que o PE apresenta as seguintes combinações sentenciais com seus respectivos constituintes focalizados: SVO – toda sentença focalizada (5b), o VP ou somente o objeto³⁸; VSO – sujeito e objeto focalizados (8b); VOS – apenas o sujeito é focalizado (7d); O#VS – como na anterior, só o sujeito é focalizado (7f).

Na seqüência SVO, o sujeito focalizado recebe o acento contrastivo, c-comanda todo o resto da sentença e preenche o especificador de IP. Se o foco é o objeto, ele recebe o acento nuclear e é interpretado como foco de informação. Em VSO, VOS e O#VS, o sujeito permanece no Spec de VP, a penúltima ordem conta com o *scrambling* do objeto sobre o sujeito. Este movimento ocorre por razões prosódicas, para que o objeto saia do domínio de c-comando do sujeito e não seja acentuado, como ocorre em VSO. Na ordem O#VS, o sujeito está focalizado e o objeto deve ter sido referido previamente no discurso, como em (10b):

- (10) a. Quem é que partiu as janelas?
b. As janelas, partiu o Paulo.

De acordo com Costa (1998, 1999), em PE, somente os elementos topicalizados é que estão deslocados à esquerda na sentença, enquanto os focalizados devem sempre estar mais à direita para que a prosódia possa identificá-los. Seguindo este raciocínio, é possível afirmar que o sujeito só aparece deslocado nesta língua quando estiver topicalizado, como ilustra (11b).

³⁸ Um contexto em que o VP aparece focalizado em PE ocorre quando alguém deseja saber o que uma certa pessoa fez, como vemos abaixo:

- (i) a. O João fez o quê?
b. O João [_F comeu o bolo].

Quando apenas o objeto deve ser focalizado a única ordem possível é SVO, como em (iib):

- (ii) a. O João comeu o quê?
b. O João comeu [_F o bolo].

- (11) a. O Paulo comeu o quê?
b. O Paulo, ele comeu [F o bolo].

A retomada do sujeito pelo pronome, em (11b), é uma evidência em favor de que o sujeito *o Paulo* não pode preencher o especificador de IP neste contexto, esta posição é ocupada pelo pronome. A única posição disponível para o sujeito lexical topicalizado é mais à esquerda na estrutura. Mas, se ele está focalizado, o PE segue a mesma análise do espanhol e permite que o sujeito preencha o especificador de IP (SVO) ou o especificador de VP (VSO, VOS, OVS).

4.1.4 O sujeito focalizado no Francês

O francês não é uma língua de sujeito nulo e, portanto, não apresenta a propriedade de inversão livre do sujeito. O sujeito em francês pode estar em posição pré-verbal (SVO) e ser interpretado como foco de informação, como em (12), diferentemente do que ocorre no espanhol, PE e no italiano.

- (12) [F Jean] a mangé une pomme.
(João comeu uma maçã)
[Qui a mangé une pomme?]

Segundo a análise de Zubizarreta (1998), o sujeito não precisa estar em uma posição mais à direita na sentença em francês porque os constituintes desfocalizados, como *a mange une pomme*, são considerados “metricamente invisíveis” para a computação da C-NSR. Dessa forma, o acento nuclear pode cair sobre o sujeito pré-verbal e a interpretação de foco de informação ser associada a *Jean* em (12).

O sujeito em posição pré-verbal também pode receber o acento contrastivo/enfático e ser interpretado como foco contrastivo, como ilustra (13).

- (13) [F **Jean**] a mangé une pomme (non Pierre)

Zubizarreta afirma que o sujeito preposto em (12) e em (13) ocupa o especificador de IP, o que diferencia o tipo de interpretação do sujeito nestas sentenças é a prosódia. Se o sujeito deve ser interpretado como foco de informação, ele recebe o acento nuclear via C-NSR; se ele deve ser interpretado como foco contrastivo, é acentuado por meio da regra de acento contrastivo.

O sujeito aparece em posição pós-verbal em casos restritos em francês. Como vimos no segundo capítulo, esta língua não dispõe da inversão livre (FI), manifestando um outro tipo de inversão, denominado inversão estilística (SI). Esta inversão requer que a sentença tenha um elemento que a desencadeie, como ocorre em (14a) que dispõe de uma expressão-Wh (*où*) e em (14b) que apresenta um verbo no subjuntivo (*parle/parte*).

(14) a. Le jour où a parlé/est parti Jean.

(O dia quando falou/partiu João)

b. Il faut que parle/parte Jean.

(É necessário que fale/saia João)

O sujeito pós-verbal em SI nem sempre é o foco da sentença. Caso ele seja focalizado neste contexto, o sujeito posposto não ocupará uma posição baixa na estrutura, pois em SI ele é movido para a periferia esquerda da sentença e o IP sofre movimento remanescente para uma posição ainda mais alta no CP. Por isso, o sujeito posposto em francês não deve ocupar a mesma posição que o sujeito que aparece depois do verbo ocupa em espanhol e PE.

4.1.2 O sujeito focalizado no Italiano

A análise de Belletti (2001), que vamos apresentar nesta seção, não está baseada nos mesmos pressupostos da proposta de Zubizarreta (1998), para o espanhol e francês, e de Costa (1998, 1999), para o PE. Como vimos, Zubizarreta e Costa tratam a focalização como um fenômeno prosódico, no qual o movimento dos constituintes desfocalizados ocorre para que o acento nuclear e o focal coincidam na sentença. Diferentemente destes dois autores, Belletti traz o estudo do foco para a sintaxe e, por isso, não concentra a sua análise na

prosódia. Segundo a autora, a interpretação de um constituinte como foco vem da relação especificador-núcleo com Foc, o que faz com que exista uma projeção funcional específica (FocP) para alojar o foco nas sentenças. Dessa forma, em italiano, o constituinte focalizado sofre movimento em direção à categoria FocP, e, quando necessário, os elementos desfocalizados também se deslocam na sentença. Por isso, o sujeito focalizado nessa língua não ocupa nem o especificador de VP nem o especificador de IP, como ocorre em espanhol, PE e francês.

O italiano apresenta a propriedade da inversão do sujeito, pois, assim como o espanhol e PE, é uma língua de sujeito nulo. Em virtude disso, a posição do sujeito interpretado como foco de informação é no final da sentença, como ilustra o exemplo (15).

(15) a. È partito/ha parlato [_F Gianni].

(Chi è partito/ha parlato?)

(Saiu/falou João)

b. ? Ha comprato il giornale [_F Maria].

(Chi ha comprato il giornale?)

(Tem comprado o jornal Maria)

O sujeito em (15a,b) recebe o acento nuclear e veicula a informação não pressuposta. De acordo com Belletti (2001), o sujeito nestas sentenças ocupa uma posição baixa de foco, interna ao IP.

As sentenças (15a,b) também são respostas adequadas a uma pergunta do tipo (16):

(16) Che cosa è successo?

(O que aconteceu?)

Neste caso, toda a sentença (15a) e a (15b) veicula a informação não pressuposta, constituindo, assim, exemplo de foco largo.

O sujeito que aparece em posição pré-verbal, como em (17a), e em posição pós-verbal seguido por um objeto direto, como em (17b), não pode ser interpretado como foco de informação.

- (17) a. [_F **Gianni**] ha risolto il problema (non Piero).
(João tem resolvido o problema (não Pedro))
b. Ha risolto [_F **Gianni**] il problema (non Piero).
(Tem resolvido João o problema (não Pedro))

Em (17a,b), o sujeito recebe o acento contrastivo e é focalizado contrastivamente. Nestes casos, Belletti (2001) afirma que o sujeito assume uma posição alta na estrutura, não pode estar na mesma posição do sujeito interpretado como foco de informação. Dessa forma, o sujeito interpretado como foco contrastivo ocupa o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi 1997). Se o sujeito em (17b) não estivesse em uma posição alta de foco a sentença seria agramatical.

A ordem VSO com sujeito interpretado como foco de informação, como em (18b), não é bem formada em italiano, enquanto a ordem VSPP, como em (18a), é bem formada.

- (18) a. ? Ha telefonato [_F Maria] al giornale.
(Chi ha telefonato al giornale?)
(Tem telefonado Maria ao jornal)
b. * Ha comprato [_F Maria] il giornale.
(Chi ha comprato il giornale?)
(Tem comprado Maria o jornal)

O objeto direto em (18b) é um DP que precisa verificar o Caso acusativo, já o objeto preposicionado em (18a) é um PP que recebe Caso oblíquo da preposição. De acordo com Belletti (2001), o núcleo atribuidor de Caso acusativo está fora do VP, em uma posição mais alta do que a do sujeito pós-verbal (AccP). Por isso, para que o DP *il giornale* verifique o seu Caso em (18b) ele deve sair do VP. Mas, o sujeito pós-verbal *Maria* está intervindo entre o objeto e o seu atribuidor de Caso (Acc). E, se o objeto direto subir para verificar o seu Caso, passando pelo sujeito em FocP, a Minimalidade Relativizada (MR) será violada. Por esta razão, a sentença (18b) é agramatical.

Na sentença (18a), o DP que faz parte do objeto preposicionado *al giornale* verifica o seu Caso dentro do próprio PP, uma vez que a preposição, que é o seu atribuidor, está neste constituinte. Assim, o sujeito não interfere na checagem de Caso do DP *il giornale*. Esta sentença é relativamente bem-formada porque o melhor seria que o sujeito estivesse depois do PP, no final da sentença.

O grau de aceitabilidade da sentença VSO muda em italiano se entre o sujeito e o objeto houver uma pausa, formando a ordem VS#O, como em (19).

- (19) Ha comprato Maria, il giornale.
(Tem comprado Maria, o jornal)

Mas, quando a sentença VS#O é empregada em um contexto interrogativo, como ilustrado em (20), o sujeito apenas é interpretado como foco de informação se houver um clítico relacionado ao objeto, como em (20Ba).

- (20) A: Chi ha comprato il giornale?
(Quem comprou o jornal?)
B: a. L'ha comprato [_F Maria], il giornale.
(O tem comprado Maria, o jornal)
b. * Ha comprato [_F **Maria**], il giornale.
(Tem comprado Maria, o jornal)

A sentença (20Bb), um caso de *emarginazione*, não responde adequadamente à interrogativa-wh, pois o sujeito é focalizado contrastivamente. Em (20Ba), um caso de deslocamento à direita com clítico (CLRD), o sujeito é interpretado como foco de informação. Dessa forma, apenas (20Ba) é uma resposta adequada a uma pergunta como (20A).

Segundo Belletti (2001), o objeto direto preenche o especificador de TopP nas duas estruturas. No entanto, nos casos de *emarginazione*, como em (20Bb), ele ocupa esta posição na periferia esquerda da sentença e nas construções CLRD, como em (20Ba), ele preenche a posição de tópico na periferia esquerda de VP. Neste último caso, o clítico é

alçado para a projeção de Caso. Deste modo, o Caso acusativo é checado e o sujeito não causa interferência.

Se o clítico não está presente na sentença, como em (20Ba), o objeto é quem deve verificar o Caso acusativo. Isto é impossível porque o sujeito causa interferência entre ele e seu núcleo atribuidor de Caso, como já expusemos acima. Neste tipo de sentença, o sujeito deve ser interpretado como foco contrastivo, pois, assim, estará na posição de foco na periferia esquerda da sentença e não causará interferência. Segundo Belletti (2001), a sentença (20Ba) envolve dois processos de topicalização que podem ser vistos em (21):

(21) $[_{TopP} [_{IP} cv_i \text{ ha comprato } cv_j]_k [_{FocP} \text{ Maria}_i [_{TopP} \text{ il giornale } [_{IP} IP_k]]]]$

Seguindo esta derivação, verificamos que o objeto *il giornale* vai para a posição de tópico logo abaixo de FocP, o sujeito pós-verbal se move para o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença, e, por último, o IP sofre movimento remanescente para uma posição ainda mais alta na estrutura, o especificador de TopP acima de FocP.

Quanto à ordem VOS em italiano, Belletti (2001) diz que esta sentença deve ter uma interpretação especial, o verbo e o objeto devem ter sido referidos no contexto anterior, como ilustra (22).

- (22) a. Chi capirà il problema?
(Quem compreenderá o problema?)
b. ?? Capirà il problema [_F Gianni].
(Compreenderá o problema João)

A sentença (22b), embora marginal, responde a pergunta (22a). No entanto, uma sentença que envolve a cliticização do objeto, como em (23), seria uma resposta mais natural para essa pergunta.

- (23) Lo capirà Gianni.
(O compreenderá João)

A sentença que apresenta a ordem VOS, como (22b), é derivada da seguinte forma em italiano: o sujeito interpretado como foco de informação preenche o Spec de FocP na periferia de VP e a seqüência VO sofre o movimento remanescente para o especificador de TopP, logo acima da projeção FocP³⁹.

4.2 A focalização do sujeito no PB

O problema de focalizar o sujeito vem à tona quando o PB, que focaliza o sujeito em posição pré-verbal, é comparado com outras línguas românicas que o focalizam em posição pós-verbal exibindo o fenômeno da inversão livre. A inversão para focalizar o sujeito nestas últimas línguas é atribuída, em geral, à uma tendência de fazer com que o acento nuclear da sentença coincida com o acento focal. Se se assume que, na ausência de focalização, o sujeito se posiciona antes do verbo (em Spec de IP), então faz sentido que a inversão seja necessária: sem inversão, jamais poderia haver coincidência entre os dois acentos.

Por isso, a focalização do sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na focalização do objeto, se este é o último constituinte da sentença. Observando como o objeto é focalizado em (24), vemos que nenhum reposicionamento do objeto é necessário já que ele se encontra na posição natural para receber o acento nuclear da sentença.

- (24) Maria comprou [_F um carro].
(O que Maria comprou?)

³⁹ Segundo a análise de Zubizarreta (1998:137), a ordem VOS que não apresenta o objeto cliticizado em italiano é extremamente degradada porque, ao invés de o objeto sofrer *scrambling* sobre o sujeito, é a seqüência VO remanescente que se move sobre ele. A autora afirma que o movimento-p dos constituintes desfocalizados não é bem sucedido se o que é movido não é um constituinte nu (*bare*), como no caso da seqüência VO. E, por isso, a ordem VOS com o objeto cliticizado resulta em uma sentença plenamente gramatical. No entanto, para Belletti (2001) a degradação de VOS ocorre porque o movimento remanescente de VO é um processo mais custoso do que a cliticização do objeto, e não devido ao fato de questões prosódicas, como movimento-p.

Se, por outro lado, o objeto não é o único constituinte à direita do verbo, ele pode se posicionar no final da sentença para receber o acento nuclear e a interpretação de foco, como exemplificamos em (25):

- (25) A Maria comprou ontem [_F um carro].
(O que Maria comprou ontem?)

Porém, quando o objeto aparece à esquerda do verbo, acabam-se as possibilidades de ele receber o acento nuclear e a ele só pode ser atribuído o acento contrastivo. Neste caso, o foco só pode ser interpretado como foco contrastivo ou exaustivo, como exemplificamos em (26):

- (26) [_F **Um carro**] a Maria comprou (não uma moto).

Podemos dizer que uma língua que focaliza o sujeito em posição pós-verbal reflete a atuação de algum processo desencadeado para fazer com que ele receba o acento nuclear. É isso que se observa nos exemplos do espanhol, do italiano e do PE em (27):

- (27) a. Comió una manzana [_F Juan].
b. L'ha mangiata [_F la mamma].
c. Comeu uma maçã [_F o João].

Sentenças como as de (27) não são naturais no PB, observamos que outra coisa tem que ser dita para explicar o fenômeno e mostrar em quais pontos esta língua se distancia das línguas-irmãs. O sujeito na posição pré-verbal pode ser interpretado como foco de informação, como ilustra (28), o que evidencia que os acentos não precisam coincidir para termos foco de informação.

- (28) [_F O João] comeu uma maçã.
(Quem comeu uma maçã?)

Quando recorremos ao acento contrastivo para focalizar o sujeito no PB, verificamos que o sujeito também pode estar antes do verbo, como em (29):

(29) [_F A Maria] comprou um carro (não a Ana).

Nessa sentença, o sujeito é interpretado como foco contrastivo e a pressuposição é desacentuada.

4.2.1 Como foco de informação

Para focalizar o sujeito como foco de informação, o PB dispõe das estratégias exemplificadas em (30), onde usamos uma pergunta-Wh para assegurar o tipo do foco e um verbo inacusativo para ampliar ao máximo as possibilidades:

- (30) a. Quem chegou?
b. [_F A Maria].
c. Foi [_F a Maria].
d. *_F[A Maria] foi.
e. [_F A Maria] chegou.
f. Chegou [_F a Maria]⁴⁰.
g. Quem chegou foi [_F a Maria].
h. #Foi [_F a Maria] quem chegou.
i. #_F[A Maria] foi quem chegou.
j. #_F[A Maria] que chegou.
k. #Foi [_F a Maria] que chegou
l. #_F[A Maria] foi que chegou.

As formas mais naturais de responder a pergunta (30a) são aquelas em (30b) e (30c) nas quais não se repete o que é pressuposto. Como um dos pontos principais de nosso

⁴⁰ Alguns falantes aceitam esta sentença somente se o sujeito for [- definido], outros se a sentença apresentar um adjunto/quase-argumento em posição inicial.

estudo é a ordem em que o sujeito é focalizado, a resposta em (30b) é pouco esclarecedora. Já a resposta (30c) revela que a posição pós-cópula é uma posição pós-verbal natural para focalizar o sujeito. Em contraste, (30d) revela que a posição pré-cópula não se presta a focalizar o sujeito como foco de informação.

Os exemplos em (30e-l) são pouco naturais como resposta para (30a) por repetirem a pressuposição. (30e-f) mostram que o sujeito pode aparecer antes ou depois do verbo lexical *chegar*. Em contrapartida, quando a sentença contém a cópula *ser*, um verbo funcional, o sujeito apenas pode figurar em posição pós-cópula, como em (30c). Se o sujeito aparece antes da cópula a sentença é agramatical, como em (30d), ou não é adequada em um contexto de pergunta-Wh, como ilustra (30h-l).

(30g-i) contêm sentenças pseudoclivadas das quais apenas (30g), que é uma pseudoclivada ordinária, figura como uma resposta adequada para (30a) tendo em comum com (30c) o foco em posição pós-cópula. As outras duas pseudoclivadas não se constituem em estratégias adequadas para marcar o sujeito como foco de informação. Nossa hipótese para esta assimetria é que as operações que fazem (30h-i) serem sintaticamente distintas da pseudoclivada ordinária (30g) impedem que o sujeito seja lido como foco de informação.

As sentenças em (30j-l) não podem ser empregadas como respostas à interrogativa-Wh (30a). A presença do complementizador *que* em (30j) indica que o foco está na periferia esquerda da sentença e, presumimos que nas clivadas (30k-l) também está. As sentenças (30h-l) constituem-se em estratégias inadequadas para os casos em que o sujeito deve ser interpretado como foco de informação porque o sujeito está no domínio CP. A nossa hipótese é que a operação sintática que torna (30h-l) distintas de (30g) é o movimento do sujeito para a periferia esquerda da sentença. Assim sendo, nos casos adequados de (30) o foco não foi movido para a periferia esquerda.

4.2.1.1 Sujeito pré-verbal

O sujeito focalizado em posição pré-verbal no PB pode aparecer em sentenças com verbos inacusativos, intransitivos e transitivos, como ilustram os exemplos (31-33), respectivamente:

- (31) a. Quem chegou?
b. [_F A Joana] chegou.
- (32) a. Quem telefonou?
b. [_F A Joana] telefonou.
- (33) a. Quem beijou o João?
b. [_F A Joana] beijou o João.

Os exemplos em (31)-(33) mostram que a pressão que faz o sujeito se posicionar depois do verbo em outras línguas românicas não atua com a mesma força no PB onde ele pode permanecer antes do verbo. Nossa hipótese é que esta posição é o Spec de IP, a única posição A pré-verbal, e para dar suporte a ela temos de mostrar que o sujeito não está na periferia esquerda da sentença. Para tanto, consideremos (34):

- (34) a. Quem ontem chegou tarde?
b. Ontem [_F o Pedro] chegou tarde.
c. #_F[O Pedro] ontem chegou tarde.

A inserção de um advérbio como *ontem* entre o sujeito e o verbo em (34c) torna a resposta inadequada para a pergunta (34a). Se o sujeito é lido como foco de informação, o advérbio não pode ser inserido entre ele e o verbo. Caso isso ocorra, o sujeito ocupará uma posição no domínio CP e a sentença não poderá ser empregada em um contexto de pergunta-Wh. Se, por outro lado, o advérbio *ontem* aparece mais à esquerda, como em (34b), indicando que o sujeito está em Spec de IP, a resposta é adequada. Assim, o posicionamento do advérbio e do sujeito contribui para mostrar que o sujeito de informação se encontra em Spec de IP e não na periferia esquerda da sentença.

Não sendo foco de informação, o sujeito pode figurar na periferia esquerda da sentença, como vemos em (35):

- (35) a. O Pedro, ontem ele chegou às duas.
b. Não, [F a Maria] ontem chegou às duas.

Em (35a), o sujeito topicalizado *o Pedro* figura em uma posição na periferia esquerda da sentença. Por isso, não há nenhum problema no fato de o advérbio estar entre o sujeito e o verbo. Coisa semelhante acontece em (35b) onde o DP *a Maria* é interpretado como foco contrastivo, corrigindo a informação de que o Pedro tenha chegado às duas. Generalizando, vemos que o sujeito das sentenças que contêm verbos lexicais pode ser naturalmente focalizado em posição pré-verbal, posição que presumimos ser a posição A de Spec de IP.

Entretanto, como faz notar Miotto (2005), fatos novos surgem para a focalização do sujeito quando o verbo da sentença é *ser*. Neste caso, precisamos distinguir entre sentenças copulares predicativas, como (36a), equativas (36b), pseudoclivadas (36c), clivadas (invertidas) (36d) e aquelas em que a cópula é, por assim dizer, um operador de focalização (36e):

- (36) a. Maria é feliz.
b. O músico é o meu vizinho.
c. Quem cantou foi o músico.
d. O músico foi que cantou.
e. *O músico foi.

Em sentenças predicativas, como (36a), o sujeito é naturalmente focalizado antes da cópula. Assim, (36a) é uma resposta adequada para (36'a):

- (36') a. Quem é feliz?
b. Quem é o teu vizinho?
c. Quem cantou?

Esta é a situação em que uma sentença copular mais se aproxima das sentenças com verbos lexicais (em especial verbos transitivos) no que diz respeito à focalização do sujeito.

Já as copulares equativas exibem um certo grau de afastamento das predicativas porque as primeiras reservam preferencialmente a posição pós-cópula para o foco de informação, embora ainda aceitem um foco de informação antes da cópula. Assim, a resposta preferencial para (36'b) não é (36b), mas (37), com o foco depois da cópula:

(37) O meu vizinho é [_F o músico].

E, por fim, as copulares (36c-e) se comportam de forma a não tolerar que o foco de informação preceda a cópula. Em primeiro lugar, a pseudoclivada (36c) responde a pergunta (36'c), mas o foco vem depois da cópula. Se vem antes, como na pseudoclivada invertida em (38), não teremos uma resposta adequada para a pergunta, pois o foco *o músico* deve implicar contraste ou exaustividade.

(38) [_F **O músico**] foi quem cantou.

Como tal, o foco não estará ocupando a posição Spec do IP matriz.

Em segundo lugar, a clivada invertida em (36d), que tem o foco antes da cópula, também não é uma resposta adequada para a pergunta (36'c) e a razão é a mesma apontada para as pseudoclivadas invertidas. Entretanto, a clivada ordinária em (39), com o constituinte clivado depois da cópula, também não responde adequadamente a pergunta.

(39) Foi [_F **o músico**] que cantou

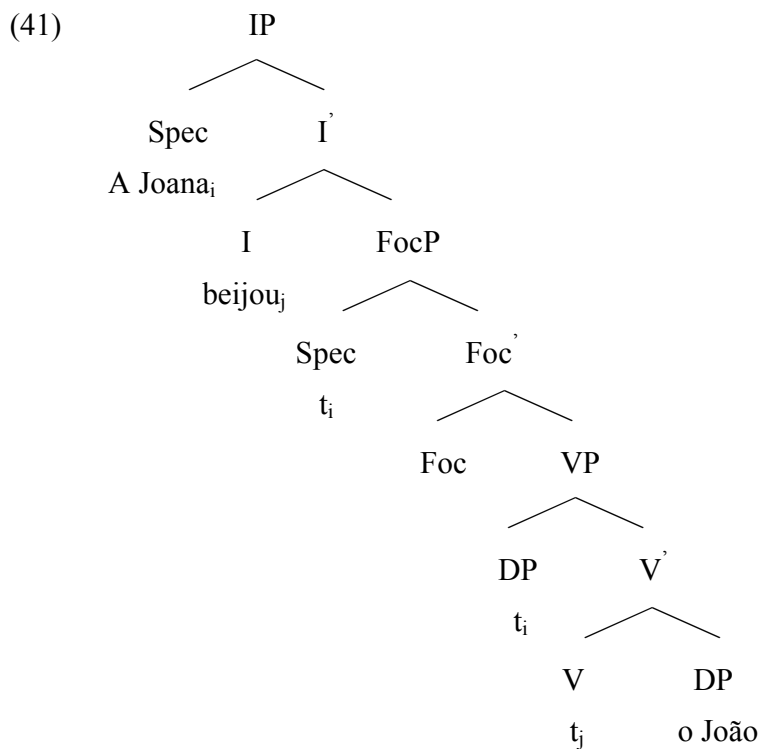
Esta impossibilidade parece ser uma propriedade das clivadas, como vimos no segundo capítulo.

Em terceiro lugar, a sentença copular em (36e) é agramatical com o foco antes da cópula. Para responder a pergunta (36'c) o foco tem que vir após a cópula, como em (40):

(40) Foi [_F o músico].

Generalizando, vamos admitir que a forma de focalização nos três últimos casos (36c,d,e) é diferente da dos dois primeiros porque a cópula que aparece naquelas sentenças tem uma função específica que é (fazer parte do aparato para) focalizar. No caso mais claro de (36a), com certeza a função da cópula é predicar e o sujeito pode ser focalizado em Spec de IP. No caso da equativa em (36b), a dupla possibilidade deve ser creditada à duplicidade de função da cópula, que pode ser especificar ou predicar.

Em resumo, nossa descrição apontou que o sujeito pode ser focalizado antes do verbo finito com todos os tipos de verbo lexicais e com a cópula que não é usada para focalizar. Assumindo que a posição em que o sujeito se encontra é o Spec de IP, vamos dizer que ele se encontra ali para verificar o Caso nominativo em configuração Spec-núcleo. Esta configuração, que não é relevante para o sujeito focalizado em espanhol, italiano e PE, é dominante para a verificação de nominativo no PB. Se, além disso, assumimos que o traço [+foco] de um constituinte vem do fato de ele estar em Spec de FocP e, com Belletti (2001), de este FocP se localizar na periferia esquerda do VP, a derivação de uma sentença como (33b) é representada em (41):



A subida do sujeito para o especificador de IP ocorre porque este constituinte verifica lá a sua função gramatical de Caso nominativo. As sentenças com sujeito de informação pré-verbal satisfazem o critério Foco quando o sujeito passa pelo especificador de FocP e entra em relação com o núcleo Foc. Cabe ressaltar que estamos considerando, conforme Miotto (2003), a posição Spec de FocP interna a IP como uma posição A, pois um constituinte que deve conferir o seu Caso não pode sair de uma posição A, passar por uma posição A' e estacionar em outra posição A. Neste caso, não há necessidade de congelamento do constituinte focalizado em Spec de FocP. A proposta de congelamento criterial de Rizzi (2004) se aplica às posições A', não às posições argumentais.

4.2.1.2 Sujeito pós-verbal

Na seção anterior, mostramos que, quando a cópula é usada para focalizar, o constituinte que corresponde ao foco de informação tem que aparecer depois dela, mesmo que ele seja o sujeito, como repetimos em (42):

- (42)a. Quem cantou?
b. Foi [_F o músico].
c. *_F O músico] foi.

Esta parece ser a única situação em que o Spec do IP encabeçado pela cópula não recebe o sujeito focalizado, ao contrário do que sugerimos em (41). Observe, porém, que o que é considerado sujeito não é sujeito da cópula, mas do verbo de outra sentença. Isto é, no discurso, o constituinte já tem fixada sua função de sujeito (Caso nominativo) e, se ele aparece depois da cópula, isto acontece porque ele é o foco. Deduzimos, então, que a cópula subcategoriza um FocP cujo Spec deve ser ocupado pelo foco. Como o constituinte que aparece ali deve ter todas suas funções gramaticais satisfeitas, mesmo a de nominativo, ele não precisa e não deve subir para o Spec do IP encabeçado pela cópula. Daí a razão de

ele se posicionar exclusivamente depois da cópula. A mesma situação ocorre quando temos uma pseudoclivada ordinária, como em (43b):

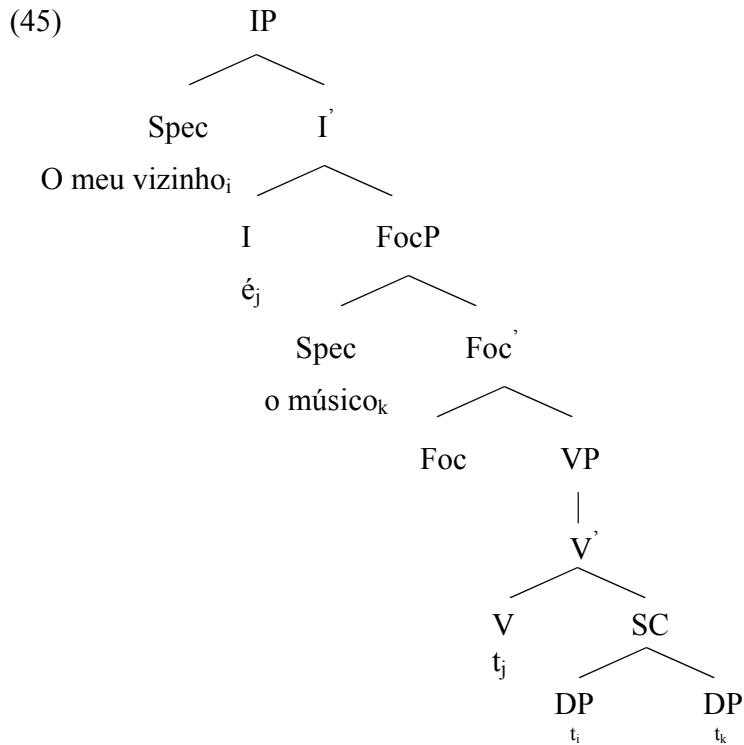
- (43) a. Quem chutou a bola?
b. Quem chutou a bola foi [_F o André].

Em (43b), encontramos um verbo transitivo *chutar* e o sujeito focalizado *o André* em posição pós-verbal. Como a cópula na pseudoclivada ordinária tem a função de destacar o foco da sentença, o constituinte focalizado não deve precedê-la.

Uma situação um tanto diferente é encontrada quando se trata de focalizar, como foco de informação, um dos dois DPs de uma sentença equativa/especificacional, como repetimos em (44):

- (44)a. Quem é o teu vizinho?
b. O meu vizinho é [_F o músico].
c. ?[_F O músico] é o meu vizinho.

Enquanto (44b) responde naturalmente a pergunta (44a), (44c) é uma resposta pouco natural e parece envolver algum tipo de ênfase, desnecessária para a situação. Se admitimos que uma sentença equativa contém uma cópula designada para focalizar e que a cópula seleciona uma SC composta de dois DPs, como fazem Heycock & Kroch (1999), podemos encontrar uma explicação para o fenômeno: dos dois DPs, apenas um tem que verificar nominativo em Spec de IP. O outro DP, se precisa verificar nominativo, o faz como em qualquer sentença copular em que o predicativo “concorda” com o sujeito. Assim, ele adquire a interpretação de foco por estar no Spec de FocP na periferia esquerda do VP, como representamos em (45):



Nas sentenças equativas, é por existir um DP não focalizado que pode verificar nominativo que o DP focalizado deve permanecer após a cópula.

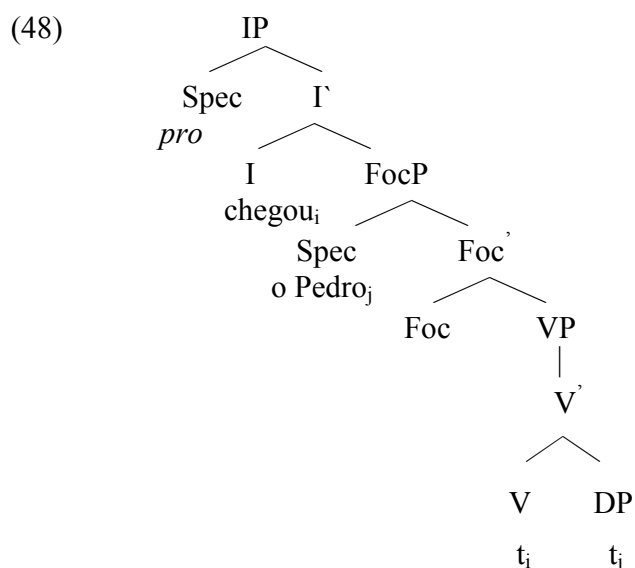
O terceiro tipo de copulares, que é o das predicativas, se comporta como as sentenças que contêm um verbo lexical em que o sujeito pode ser focalizado em Spec de IP, como mostramos em (41). Quando se trata da focalização do sujeito em posição pós-verbal, porém, ela se comporta como os verbos transitivos.

O sujeito interpretado como foco de informação pode aparecer posposto em sentenças com verbos monoargumentais, como em (46) e (47):

- (46) a. Quem chegou?
b. Chegou [_F o Pedro].

- (47) a. Quem telefonou?
b. Telefonou [_F o Pedro].

Em se tratando dos verbos que contêm apenas um argumento, seja o verbo inacusativo ou intransitivo, verificamos que o PB apresenta uma opcionalidade entre manter o sujeito focalizado em posição pré-verbal ou pós-verbal. Se o mantém em posição pós-verbal, a derivação vai ser diferente de (41) em um ponto: o sujeito estaciona no Spec do FocP da periferia esquerda do VP, como representamos em (48):



Como faz Belletti (2001) para o italiano, um *pro* é inserido em Spec de IP e o nominativo do sujeito é verificado à distância. De acordo com Belletti (2003:12), todos os exemplos de inversão do sujeito podem ser analisados como casos de duplicação (*doubling*), com um *pro* não pronunciado movido para a posição de nominativo e uma parte lexical movida para uma posição relevante na periferia de VP. O que diferencia a inversão em línguas como o italiano e o PB é que neste último o *pro* não tem *status* de um pronome pessoal referencial, como ocorre com o italiano que permite a inversão livre do sujeito. No PB encontramos sentenças com a inversão sem ter a concordância verbal, como no exemplo abaixo:

(49) Chegou os materiais.

A falta de concordância entre o sujeito pós-verbal e o verbo mostra que o *pro* em PB tem *status* de pronome expletivo e não referencial.

Quando inserimos um adjunto em uma sentença com verbo inacusativo, como em (50), constatamos que o sujeito também pode ser focalizado em posição pós-verbal.

- (50) a. Quem chegou ontem?
b. Ontem chegou [_F a Maria].
c. *Chegou ontem [_F a Maria].
d. *Chegou [_F a Maria] ontem.

O mesmo fenômeno pode ser visto nas respostas à interrogativa com verbo intransitivo e o adjunto *de trem*:

- (51) a. Quem viajou de trem?
b. De trem viajou [_F a Maria].
c. *Viajou de trem [_F a Maria].
d. *Viajou [_F a Maria] de trem.

A partir dos exemplos em (50) e (51), verificamos que se o adjunto e o sujeito estão à direita do verbo as sentenças são agramaticais, independentemente de o adjunto estar entre o verbo e o sujeito (50b/51b) ou em posição final (50c/51c).

Nas sentenças com verbos transitivos, o sujeito dificilmente aparece em posição pós-verbal. Por isso, ele normalmente é focalizado antes do verbo transitivo em PB, e caso isso não ocorra a sentença é agramatical, como ilustra (52c-e).

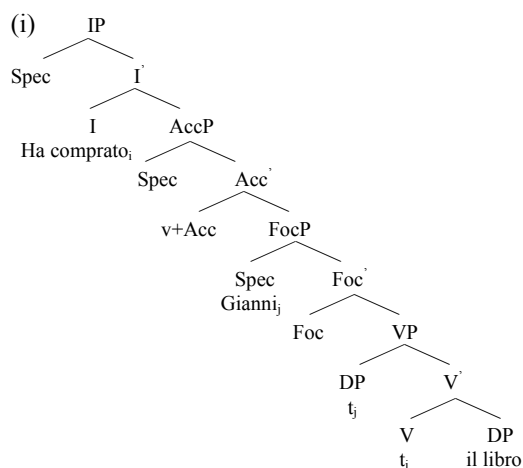
- (52) a. Quem comprou o carro?
b. [_F A Joana] comprou o carro.
c. *Comprou o carro [_F a Joana].
d. *Comprou [_F a Joana] o carro.
e. *O carro comprou [_F a Joana].

O contraste entre (52b) e (52c-e) indica que a sentença com verbo transitivo e posposição do sujeito focalizado é agramatical, independentemente de o objeto estar entre o verbo e o sujeito (52c) ou não (52d) e de ele aparecer no início da sentença (52e)⁴¹.

Afirmamos anteriormente que as copulares predicativas comportam-se como as sentenças em (52) quando se trata da focalização do sujeito em posição pós-verbal. Vejamos as sentenças em (53):

- (53) a. Quem é feliz?
 b. [_F A Maria] é feliz.
 c. *É feliz [_F a Maria].
 d. *É [_F a Maria] feliz.
 e. #Feliz é [_F a Maria].

⁴¹ Belletti (2001) afirma que a agramaticalidade de uma sentença VSO em italiano ocorre questões relacionadas a Caso, uma vez que nesta sentença o sujeito causa interferência na checagem de Caso do objeto. A derivação fornecida pela autora às sentenças VSO agramaticais do italiano pode ser vista em (i).



Em (i), observamos que o sujeito pós-verbal ocupa o Spec de FocP interno à sentença, o verbo e a flexão estão em I acima do foco e o objeto dentro do VP. Este constituinte deve checar o seu Caso acima de FocP, na categoria AccP. Assim, ele tem de se deslocar para aquela posição cruzando com o sujeito pós-verbal. Isto não é possível, segundo Belletti, porque a sentença viola a Minimalidade Relativizada, pois tanto o sujeito quanto o objeto são DPs. No caso de uma sentença VOS em que o verbo e o objeto não são topicalizados, o objeto é quem causa interferência na checagem de Caso do sujeito. Essa proposta não funciona para o PB, pois, como vimos em (50 e 51), uma sentença com sujeito posposto e um adjunto entre ele e o verbo não é gramatical. E, nesse caso, o adjunto não deveria criar nenhum efeito de interferência em relação à checagem de Caso, pois é um PP e não DP, como são o sujeito e o objeto. No entanto, parece que o sujeito não consegue verificar o seu Caso.

Se o predicativo e o sujeito aparecerem depois da cópula, como em (53c,d), ou se o predicativo assumir a posição pré-verbal e o sujeito a pós-verbal, como em (53e), as sentenças não são bem formadas. Os exemplos em (53) revelam que, assim como ocorre com os verbos transitivos, o sujeito apenas é focalizado em posição pré-verbal nas copulares predicativas.

O único contexto em que o sujeito interpretado como foco de informação aparece depois do verbo transitivo ocorre quando temos sentenças apresentativas, cuja informação relevante, não pressuposta, aparece sempre no final. Neste contexto, o locutor nada mais faz do que apresentar alguém, como ilustra (54).

- (54) a. E agora, anima o público, [F o palhaço Biriba].
b. Vai cortar o bife [F o açougueiro].

As sentenças apresentativas foram analisadas por Pilati (2002), conforme verificamos no terceiro capítulo, como contextos de inversão. Segundo a autora, temos três tipos de inversão: a narrativa, como em (55a); a inversão locativa que apresenta um PP locativo em posição inicial, como em (55b); e um contexto de inversão que ocorre quando o operador foco como *só* tem escopo sobre o sujeito, como em (55c).

- (55) a. Abre o placar [F o time do Palmeiras].
b. No shopping da trindade, comem pizza [F os universitários].
c. Só responderam a chamada [F os alunos da primeira série].

Pilati (2002:66) propõe que as sentenças com verbos transitivos ocorrem em contextos apresentativos porque “o verbo e o objeto se combinam e formam uma forma verbal complexa, uma única unidade semântica”. Essa combinação do verbo e do objeto possibilita que o sujeito seja focalizado em posição pós-verbal. O que a autora quer dizer é que a seqüência VO sofre topicalização remanescente interna ao IP, como Belletti (2001) propõe para os casos em que VOS ocorre em italiano.

Levando em consideração o exposto, observamos que o PB se distancia das línguas românicas como o PE, italiano e espanhol, as quais focalizam o sujeito em posição pós-

verbal em sentenças com verbos transitivos, e aproxima-se do francês, visto que essa língua permite a focalização do sujeito posposto apenas quando ocorre inversão estilística. Os dados apresentados neste capítulo corroboram com o fato de que o PB é uma língua *pro-drop* parcial que apresenta inversão do sujeito também de um modo parcial (cf. capítulo 3). Devido à parcialidade da inversão em PB, o sujeito apenas é focalizado em posição pós-verbal quando a sentença contém verbos mono-argumentais ou tem função apresentativa.

4.2.2 Como foco contrastivo ou exaustivo

Para focalizar o sujeito como foco contrastivo ou exaustivo, o PB dispõe das estratégias exemplificadas em (56), onde usamos uma afirmação prévia para assegurar o tipo do foco e um verbo transitivo para mostrar todas as possibilidades:

- (56)
- a. A Joana trouxe o livro.
 - b. Não, [_F **a Maria**].
 - c. Não, foi [_F **a Maria**].
 - d. *Não, [_F **A Maria**] foi.
 - e. Não, [_F **a Maria**] trouxe o livro.
 - f. ?Não, trouxe [_F **a Maria**] o livro.
 - g. Não, trouxe o livro [_F **a Maria**].
 - h. Não, [_F **a Maria**] que trouxe o livro.
 - i. Não, foi [_F **a Maria**] que trouxe o livro.
 - j. Não, [_F **a Maria**] foi que trouxe o livro.
 - k. Não, quem trouxe o livro foi [_F **a Maria**].
 - l. Não, foi [_F **a Maria**] quem trouxe o livro.
 - m. Não, [_F **a Maria**] foi quem trouxe o livro.

Normalmente, quando o falante corrige uma afirmação, ele não repete o pressuposto, corrigindo somente a informação relevante que equivale ao constituinte focalizado na sentença. Por isso, as sentenças (56b-d) são naturalmente empregadas em um contexto de contraste/correção. Mas, como já afirmamos, um dos pontos centrais de nossa

pesquisa é a ordem em que o sujeito é focalizado, portanto, um exemplo como (56b) não contribui muito para este estudo. O contraste entre (56c) e (56d) revela que quando o sujeito é focalizado contrastivamente, ele não pode aparecer antes da cópula na sentença reduzida.

Os exemplos em (56e-g) apontam que, mesmo diante de um verbo transitivo, o sujeito lido como foco contrastivo ou exaustivo pode estar em posição pré-verbal, como ilustra (56e), ou em posição pós-verbal, como em (56f,g). O contraste entre (56f) e (56g) revela que quando o sujeito focalizado está entre o verbo e o objeto, formando a ordem VSO, a sentença atinge um determinado grau de marginalidade. Isto não ocorre quando o sujeito é o último constituinte da sentença, constituindo a ordem VOS. A nossa hipótese é a de que o sujeito focalizado contrastivamente, diferentemente do sujeito lido como foco de informação, ocupa uma posição na periferia esquerda da sentença, mesmo nos casos em que ele aparece depois do verbo.

As sentenças (56h-j) corroboram com a nossa hipótese. A presença do complementizador *que* nestes casos é um indício de que o sujeito não está interno ao IP, mas, deslocado no domínio CP. Ainda que o sujeito esteja depois da cópula na clivada (56i), o complementizador não deixa dúvidas a respeito da posição do sujeito na estrutura. Na clivada invertida (56j) o sujeito focalizado que aparece antes da cópula também está na periferia esquerda da sentença. A clivada e a clivada invertida não são sentenças adequadas para que se identifique outro tipo de foco que não o contrastivo ou exaustivo. Vale ressaltar que o sujeito não pode ser interpretado como foco de informação em nenhuma das sentenças que têm complementizador.

Em (56k), uma pseudoclivada ordinária, o sujeito figura como o último constituinte da sentença. No entanto, o contexto em (56a) requer que o sujeito seja lido como foco contrastivo ou exaustivo. E, a interpretação contrastiva/exaustiva só é compatível com uma posição no domínio CP. As pseudoclivadas invertidas em (56l,m), contrário à pseudoclivada ordinária, podem ser empregadas apenas em uma situação que requer uma interpretação de contraste/correção sob o foco. Quando usadas fora deste contexto, elas não se constituem em estratégias adequadas para marcar o foco.

4.2.2.1 Sujeito pré-verbal

O sujeito pré-verbal interpretado como foco contrastivo pode aparecer em sentenças com verbos inacusativos, intransitivos e transitivos, como mostra os exemplos (57-59), respectivamente:

- (57) a. A Maria saiu.
b. Não, [_F **o Paulo**] saiu.
- (58) a. A Maria correu.
b. Não, [_F **o Paulo**] correu.
- (59) a. A Maria corrigiu os exercícios.
b. Não, [_F **o Paulo**] corrigiu os exercícios.

O sujeito focalizado *o Paulo* nos exemplos em (57-59) recebe o acento contrastivo, diferentemente do acento que recai sob o foco de informação, e por ser interpretado como foco contrastivo não deve preencher o especificador de IP. Nestes exemplos, o sujeito está em uma posição na periferia esquerda da sentença.

O sujeito pré-verbal focalizado contrastivamente pode estar explicitamente deslocado na sentença ou não. O deslocamento explícito ocorre quando inserimos um advérbio entre o sujeito focalizado contrastivamente e o verbo. Neste caso, verificamos que, contrário ao que ocorre nos casos em que o sujeito é interpretado como foco de informação, a sentença é bem formada. Consideremos (60):

- (60) a. O Paulo fez a prova ontem.
b. Não, [_F **a Joana**] ontem fez a prova.

Em (60), o sujeito focalizado *a Joana* figura em uma posição na periferia esquerda da sentença. Por isso, não há nenhum problema no fato de o advérbio estar entre o sujeito e o verbo.

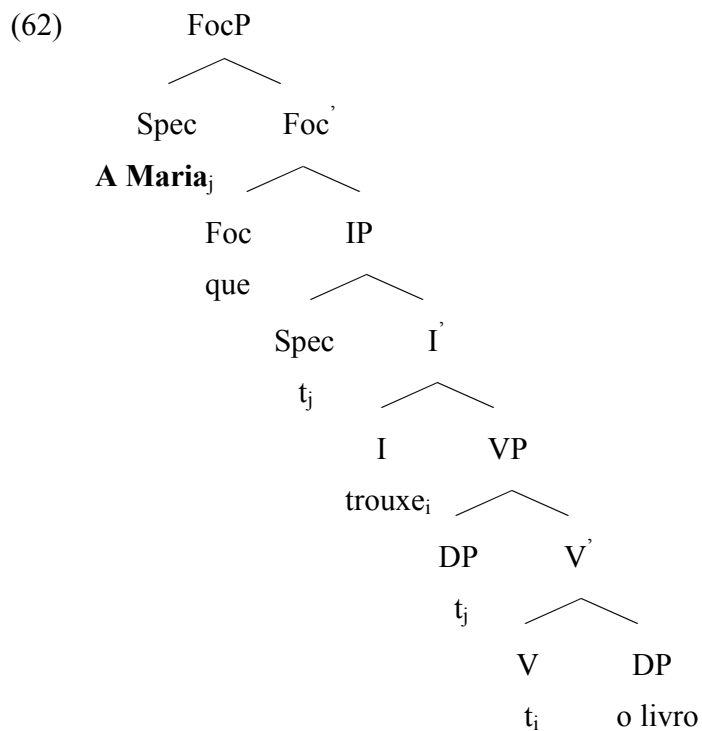
O deslocamento do sujeito também está claro em construções como a sentença SqueVO (56h), a clivada (56i), clivada invertida (56j), e nas pseudoclivadas invertidas (56l,m), as quais são repetidas em (61).

- (61) a. [_F **A Maria**] que trouxe o livro (não a Joana).
b. Foi [_F **a Maria**] que trouxe o livro (não a Joana).
c. [_F **a Maria**] foi que trouxe o livro (não a Joana).
d. Foi [_F **a Maria**] quem trouxe o livro (não a Joana).
e. [_F **A Maria**] foi quem trouxe o livro (não a Joana).

Em (61a-c), o complementizador *que* funciona como um indício de que o constituinte que aparece antes dele está no domínio CP. O que revela que o sujeito focalizado está deslocado nos exemplos em (61d,e) é o fato de que a pseudoclivada é uma sentença equativa cujo predicado é o constituinte focalizado, conforme observamos no segundo capítulo. Em virtude disso, se o foco não segue a sentença relativa (61d) ou está antes da cópula (61e) é porque está deslocado.

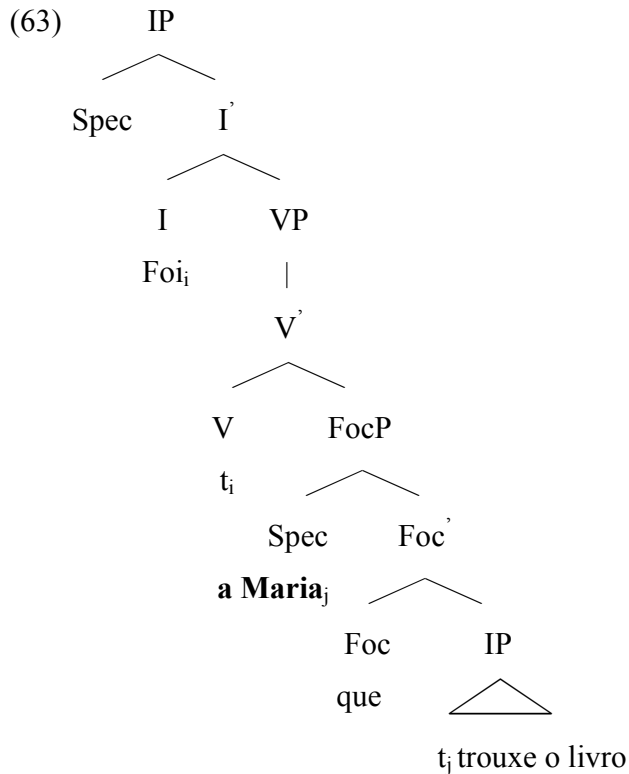
Nenhuma das sentenças em (61) responde adequadamente uma pergunta-Wh como (56a). Isso ocorre porque o sujeito, em tais sentenças, não pode ser lido como foco de informação. O que nos leva a propor que o sujeito focalizado contrastivamente tem de estar no domínio CP, o qual não contém posição disponível para um mero foco de informação.

No caso de (61a,c,e), o sujeito sofre movimento para o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença matriz, como mostra a derivação de (61a) ilustrada em (62).



Em (62), o sujeito em Spec de FocP satisfaz o critério foco quando entra em relação com o núcleo Foc preenchido pelo complementizador *que*, o verbo se une à flexão em I e o objeto permanece interno ao VP.

No caso de (61b,d), o sujeito também é movido para o especificador de FocP, mas na periferia esquerda da sentença encaixada, como verificamos na derivação da clivada (61b) representada em (63):



A única diferença entre (62) e (63) é que na primeira o sujeito está na periferia esquerda da sentença matriz e na última ele figura na periferia esquerda da sentença encaixada, no restante a derivação é a mesma.

O deslocamento do sujeito não está explícito em uma sentença SVO, como nos exemplos em (57-59). Nestes casos, a focalização contrastiva do sujeito pré-verbal é responsável pelo movimento deste constituinte para a periferia esquerda da sentença. Como vimos no segundo capítulo, somente o especificador de FocP no domínio CP está disponível para o constituinte que é interpretado como foco contrastivo. Por isso, a derivação das sentenças (57-59) é igual à derivação (62), mas, sem a presença do complementizador no núcleo Foc. Nenhum movimento remanescente de IP é necessário para derivar a sentença SVO com sujeito focalizado contrastivamente.

Levando em consideração as análises apresentadas no início deste capítulo sobre a focalização do sujeito no espanhol, PE, francês e italiano, verificamos que o sujeito pré-verbal focalizado contrastivamente no PB ocupa a mesma posição que o sujeito pré-verbal focalizado ocupa no italiano. No entanto, outra posição está em jogo no espanhol, PE e

francês. Nestas línguas, o sujeito pré-verbal interpretado como foco contrastivo preenche o especificador de IP (especificador de TP).

4.2.2.2 Sujeito pós-verbal

O sujeito interpretado como foco contrastivo pode aparecer depois do verbo nas sentenças com verbos inacusativos e intransitivos, como em (64) e (65), respectivamente:

- (64) a. O Pedro chegou.
b. Não, chegou [_F **o João**].

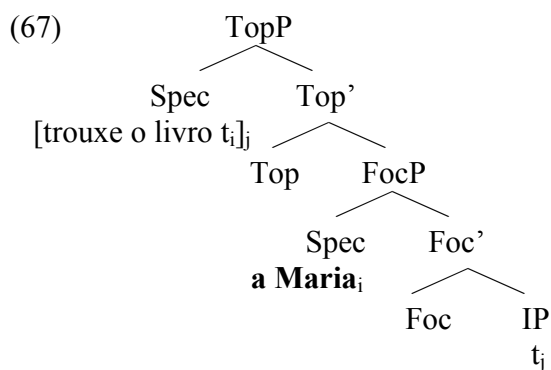
- (65) a. O Pedro telefonou.
b. Não, telefonou [_F **o João**].

E, até mesmo nas sentenças com verbos transitivos, o sujeito focalizado contrastivamente pode estar em uma posição pós-verbal, como em (56f,g), repetidas abaixo.

- (66) a. ?Não, trouxe [_F **a Maria**] o livro.
b. Não, trouxe o livro [_F **a Maria**].

O contraste ilustrado no julgamento de aceitabilidade das sentenças em (66) aponta que o sujeito quando aparece depois do verbo no PB deve estar na posição mais encaixada na sentença, não deve ocorrer entre o verbo e o objeto. A boa formação de (66a,b) pode estar relacionada ao fato de que nestas sentenças o sujeito focalizado contrastivamente preenche uma posição no domínio CP.

Em todas as sentenças em que o sujeito pós-verbal é interpretado como foco contrastivo, ele deve preencher o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença. Neste caso, o que vem antes do sujeito também deve estar em alguma posição no domínio CP para que ocorra a derivação. Consideremos a derivação da sentença (66b):



Em (67), o sujeito *a Maria* se desloca até o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença e, em seguida, ocorre o movimento remanescente do IP para o especificador de TopP acima de FocP.

A focalização contrastiva do sujeito no PB é diferente daquela que ocorre nas outras línguas românicas. No PE o sujeito pós-verbal também pode ser interpretado como foco contrastivo, mas, nessa língua ele não sofre nenhum movimento para a periferia esquerda da sentença. No italiano e espanhol o sujeito pós-verbal só é interpretado como foco contrastivo na ordem VSO. O francês apenas apresenta casos de sentenças com sujeito pós-verbal quando ocorre inversão estilística, caso contrário, o sujeito focalizado está sempre antes do verbo.

4.3 Resumo do Capítulo

As línguas românicas apresentam diferentes formas de focalizar o sujeito. O Espanhol emprega a ordem SVO e VSO para os casos em que o sujeito deve ser interpretado como foco contrastivo. Quando o sujeito é interpretado como foco de informação a única posição disponível para ele é a pós-verbal e a ordem resultante é VOS. Zubizarreta (1998), apresenta uma análise prosódica e assume que os constituintes desfocalizados nesta língua se deslocam na sentença deixando o sujeito para ser focalizado em uma posição mais à direita.

No PE, assim como no espanhol e no italiano, o sujeito interpretado como foco de informação está posposto ao verbo. No caso de o sujeito ser focalizado contrastivamente, ele pode estar em posição pré-verbal ou pós-verbal. Segundo Costa (1998, 1999), a focalização no PE é um fenômeno prosódico que não apresenta movimento do sujeito focalizado para uma posição Foco, como ocorre no italiano. Dessa forma, se o sujeito aparece depois do verbo ele está no especificador de VP, se aparece antes do verbo está no especificador de IP.

O francês, diferentemente das outras línguas românicas, permite que o sujeito pré-verbal seja interpretado como foco contrastivo e como foco de informação. Esta língua apenas apresenta sujeito em posição pós-verbal em contextos de inversão estilística, o que indica que o francês não pode contar com a inversão do sujeito como uma forma de focalizá-lo. Zubizarreta (1998) afirma que essa língua evita qualquer tipo de problema relacionado à focalização do sujeito considerando os constituintes desfocalizados metricamente invisíveis para a atribuição do acento nuclear.

O italiano, assim como o espanhol e o PE, dispõe da inversão livre para focalizar o sujeito. Se este constituinte é focalizado contrastivamente pode estar em posição pré-verbal ou pós-verbal, mas em ambos os casos ele preenche o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença (cf. Rizzi 1997). Se o sujeito é interpretado como foco de informação deve estar sempre em posição pós-verbal, ocupando o especificador de FocP na periferia esquerda de VP. De acordo com Belletti (2001), neste último caso, a seqüência VO sofre movimento remanescente para uma posição acima de FocP.

O processo de focalizar o sujeito no PB está mais próximo do francês do que do italiano, PE e espanhol. O sujeito pré-verbal no PB pode ser interpretado como foco de informação ou como foco contrastivo. Essa língua focaliza o sujeito posposto apenas nos contextos em que a inversão é permitida e nos casos em que a cópula tem a função de focalizar. Quando isso ocorre, o sujeito também pode ser interpretado como foco de informação ou foco contrastivo. A partir disso, verificamos que, se de um lado, o PB se comporta como o italiano, o espanhol e o PE, recorrendo à inversão do sujeito para focalizá-lo, de outro lado, distancia-se destas línguas e aproxima-se do francês, como quando a sentença contém um verbo transitivo e não é apresentativa.

Quanto à derivação das sentenças com sujeito focalizado no PB, observamos que quando o sujeito é focalizado em posição pós-verbal duas derivações são possíveis: se é interpretado como foco de informação, o sujeito ocupa o especificador de FocP acima de VP, se é interpretado como foco contrastivo, o sujeito preenche o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença e o movimento remanescente ocorre. Para tirar a ambigüidade de uma sentença SVO na qual o sujeito pré-verbal pode ser interpretado como foco de informação ou como foco contrastivo, mostramos que apenas no primeiro caso é que o sujeito está *in situ* (Spec de IP), enquanto no segundo caso, o sujeito aparece na periferia esquerda da sentença.

Considerações Finais

Nesta dissertação foi descrito e analisado o modo como o sujeito é focalizado em PB quando aparece em posição pré-verbal e pós-verbal. Primeiramente, definiu-se o foco como o constituinte que veicula a informação não-pressuposta na sentença e a pressuposição como a parte da sentença que veicula a informação partilhada pelos interlocutores em uma situação discursiva. Compatibilizou-se as propostas de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998) e, a partir disso, identificou-se três tipos de foco: o de informação, o contrastivo e o de identificação.

Quanto à relação estabelecida entre foco e prosódia, mostrou-se que o foco de informação recebe o acento via NSR, enquanto o foco contrastivo/de identificação é acentuado por meio da regra de acento contrastivo. Por isso, os acentos relacionados a estes focos são diferentes. Os constituintes desfocalizados são metricamente invisíveis para o cálculo de proeminência prosódica no inglês e francês. Dessa forma, não há espaço para que ocorra um conflito prosódico entre a NSR e a FPR. Em italiano e espanhol não há o recurso da invisibilidade métrica. O espanhol dispõe de *scrambling* e movimento-p, e o italiano emprega o movimento remanescente. O PB, bem como o francês, também apresenta invisibilidade métrica, pois um constituinte que não está mais à direita na sentença pode receber o acento nuclear.

Na seção referente à definição de tópico, identificou-se o tópico como o constituinte que representa a informação já compartilhada pelos interlocutores em uma cena enunciativa. O comentário foi definido como uma predicação que se faz a respeito do tópico. Observou-se que o tópico além de possuir uma função discursiva, desempenha um papel relevante no julgamento do valor de verdade da sentença a qual ele pertence.

Assumiu-se no segundo capítulo que a interpretação de um elemento como foco nasce da relação Spec-núcleo, dentro da categoria funcional FocP, em PB. Como foi tratado de constituintes focalizados que ora aparecem deslocados e ora *in situ*, postulamos que há duas áreas onde a categoria FocP é projetada: uma na periferia esquerda da sentença e outra na periferia esquerda de VP. Uma das razões que não nos permitiu analisar a focalização como um processo de adjunção foi a interdependência encontrada entre o foco e o complementizador. Outro argumento em favor da projeção de FocP nas duas áreas da

sentença foi o fato de que o foco contrastivo e de identificação não pode estar na posição FocP acima de VP, enquanto o elemento com interpretação de foco de informação somente ocupa esta posição.

No terceiro capítulo vimos que o PB é considerado uma língua de sujeito nulo parcial. Por isso, afasta-se das línguas que se ajustam irrestritamente a todas as propriedades do parâmetro *pro-drop*. A inversão do sujeito também é parcial, ocorrendo em contextos específicos. No entanto, vimos que a ordem VS não ocorre apenas com verbos mono-argumentais e NPs indefinidos. As sentenças apresentativas com verbos transitivos e sujeito pós-verbal são bem formadas em PB. Isso fortaleceu a nossa hipótese de que a posposição do sujeito no PB não é tão restrita, como considera a grande maioria dos estudiosos deste assunto, e que, além de Caso, número de argumentos e definitude do verbo, a focalização está em jogo nos contextos em que o sujeito pós-verbal pode ser licenciado.

As línguas românicas apresentam diferentes formas de focalizar o sujeito, conforme observou-se no quarto capítulo. O processo de focalizar o sujeito no PB está mais próximo do francês do que do italiano, PE e espanhol. O sujeito pré-verbal no PB pode ser interpretado como foco de informação ou como foco contrastivo. Essa língua focaliza o sujeito posposto apenas nos contextos em que a inversão é permitida e nas sentenças copulares em que a cópula seleciona o foco. Quando isso ocorre, o sujeito pode ser interpretado como foco de informação ou foco contrastivo. Dessa forma, a focalização do sujeito constitui mais uma evidência para que o PB seja considerado uma língua *pro-drop* parcial.

Quanto à derivação das sentenças com sujeito focalizado no PB, observou-se que quando o sujeito é focalizado em posição pós-verbal duas derivações são possíveis: se é interpretado como foco de informação, o sujeito ocupa o especificador de FocP acima de VP, se é interpretado como foco contrastivo, o sujeito preenche o especificador de FocP na periferia esquerda da sentença e ocorre o movimento remanescente. Para tirar a ambigüidade de uma sentença SVO na qual o sujeito pré-verbal pode ser interpretado como foco de informação ou como foco contrastivo, mostrou-se que apenas no primeiro caso é que o sujeito está *in situ* (Spec de IP), enquanto no segundo caso, o sujeito aparece na periferia esquerda da sentença.

Referências Bibliográficas

- BELLETTI, A. (1988). "The Case of Unaccusatives". *Linguistic Inquiry*, vol. 19. p. 1-34.
- _____. (2001) "Aspects of the low IP area", ms, Università di Siena.
- _____. (2003). "Extended doubling and the VP periphery". www.unisi.it
- BERLINCK, R. (1989). "A construção V SN no português do Brasil: uma viagem diacrônica do fenômeno da ordem". In: F. Tarallo (org), *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas : Editora da UNICAMP.
- BRITTO, H. (1998) *Deslocamento à esquerda – resumptivo, sujeito, ordem SV e a codificação sintática de juízo categórico e tético no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP.
- BURZIO, L. (1986) *Italian syntax: a government and binding approach*. Dordrecht, D. Reisel Publishing Company.
- CARDINALETTI, A. (2001) "A second thought on *emarginazione*: Destressing vs 'Right Dislocation'". In: G. Cinque & G. P. Salvi. (Eds.). *Current Studies in Italian Syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*. North Holland, Amsterdam, p. 117-135.
- CHIERCHIA, G. (2003) *Semântica*. Trad. Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas : Editora da UNICAMP; Londrina : EDUEL.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht : Foris.
- _____. (2000) "Minimalist Inquiries: The Framework". In: R. Martin, D. Michaels, & J. Uriagereka. (Eds.). *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press.
- _____. (2001) "Derivation by phase". In: M. Kenstowicz. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. (1968) *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. (1977) "Filters and Control". *Linguistic Inquiry*, vol. 8, p. 425-504.

- COSTA, J. (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Doctoral dissertation. HIL/Leiden University.
- _____. (1999) *Word Order and Discourse-Configurationality in European Portuguese*. In *Portuguese syntax: new comparative studies*. 94-115.
- DECAT, B. (1989) “Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal”. In: F. Tarallo (org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas : Editora Pontes.
- DUARTE, M. E. (1996) “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP.
- ERECHKO, A. (2002) “Subject-Verb Inversion in Russian”. Klausurtagung des Graduiertenkollegs.
- FIGUEIREDO SILVA, M. (1996) *A posição do sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas : Editora da UNICAMP.
- GALVES, C. C. (1996) “O enfraquecimento da concordância no português brasileiro”. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP.
- HEYCOCK, C. & KROCH, A. (1999) "Pseudocleft connectedness: Implications for the LF interface level". *Linguistic Inquiry*. vol. 30, p. 365-397.
- KATO, M. (1999) “Strong and weak pronominals and null subject parameter”. *PROBUS*, vol 11, nº 1, p. 1-38.
- _____. (2000) “A restrição de Mono-Argumentalidade da Ordem VS no Português do Brasil”. In: C. Miotto, H. M. de Melo Moura, R. Pires de Oliveira, eds., *Fórum Lingüístico*. Vol. 2, nº 2. Florianópolis, Pós-graduação em Lingüística, UFSC.p. 97-127.
- KATO, M. & RAPOSO, E. (1994) *European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions*. Campinas, Ms, Unicamp/UCSB.
- KATO, M. & TARALLO, F. (1993) “The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese”. In: I. V. Koch & B. Schliebe-Lange (orgs) *Linguistik in Brasil*. Tübingen : Niemeyer.

- _____. (1991) "The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese". Paper presented at the XXI LSRL, Santa Barbara. In: W. Ashby (forthcoming) Selected Papers from the XXI LSRL. John Benjamins.
- KAYNE, R. & POLLOCK, J.Y. (1978) "Stylistic Inversion, Successive Cyclicity, and Move NP in French". *Linguistic Inquiry*, vol. 9, p. 595-621.
- _____. (1999) "New Thoughts on Stylistic Inversion". In: A. Hulk & J. Y. Pollock. eds., *Inversion in Romance*, OUP.
- KAYNE, R. S. (1994) *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KISS, Katalin (1998) "Focus Identificational versus Information Focus". *Language*, Vol 74, nº 2. p. 245-273.
- KLEIN, Suzan. (2003) "Foco no Português Brasileiro". In: *Semântica Formal*. p. 125-151.
- KOOPMAN, H. & SPORTICHE, D. (1991) "The Position of Subjects". *Language*. Vol 85, nº 2. p. 211-258.
- KRUG DE ASSIS, C. A. (2001) "Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no Português Brasileiro". Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC.
- LASNIK, H. e STOWELL, T. (1991) "Weakest cross-over". *Linguistic Inquiry*, vol. 22, p. 687-720.
- LEGENDRE, G. (1998) "Optimization in French Stylistic Inversion". Second Workshop on Optimality Theory Syntax. University of Stuttgart.
- LOPES-ROSSI, M. A. (1997) *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português*. Tese de Doutorado – Universidade de Campinas.
- MENUZZI, S. (2000) "That-Trace Effects in Portuguese". In: C. Miotto, H. M. de Melo Moura, R. Pires de Oliveira, eds., *Fórum Lingüístico*. Vol. 2, nº 2. Florianópolis, Pós-graduação em Lingüística, UFSC. p. 13-39.
- MIOTTO, C. (1996) "Wh é que – Wh que". *Anais de Seminários do Gel*. p. 648-654.
- _____. (2001) "Sobre o sistema CP no Português Brasileiro". *Revista Letras*. Curitiba : Editora UFPR, 56, p. 97-139.

_____. (2003) “Focalização e Quantificação”. *Revista Letras*. Curitiba : Editora UFPR, 61, p. 169-189.

_____. et alli. (2004) *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis : Insular.

_____. (2005) “Foco estreito no PB”. *no prelo*.

MIOTO, C. & NEGRÃO, E. V. (2005) “As sentenças clivadas não contêm uma relativa”.

MODESTO, M. (1995) *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo.

OMENA, N. (1978) *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas Formas Variantes em Função Acusativa*. Dissertação de Mestrado – PUCRJ.

ORDOÑEZ, F. (1998) “Postverbal Asymmetries in Spanish”. *Natural Language and Linguistic Theory*. vol. 16, nº 2. p. 313-346.

PAGOTTO, E. (1992) *A Posição dos Clíticos em Português: um Estudo Diacrônico*. Dissertação de Mestrado – Unicamp.

PILATI, E. (2002) *Sobre a Ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB.

PONTES, E. (1987) *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas : Editora Pontes.

REINHART, T. (1982) *Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics*. Indiana University Linguistics Club. Bloomington. *Philosophica* 27, special issue on Pragmatic Theory.

_____. (1995) *Interface strategies*. Research Institute for Language and Speech Utrecht University.

RIZZI, L. (1982a) *Issues in Italian Syntax*. Foris Publication, Dordrecht.

_____. (1996) “Residual verb second and the Wh-criterion”. In: Belletti, A & L. Rizzi (eds) *Parameter and functional heads*: 63-90. New York, Oxford, University Press.

_____. (1997) “The fine structures of left periphery”. In: L. Haegeman (ed) *Elements of Grammar*: 281-337. Kluwer Academic Publishers.

_____. (2004) “On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects”.

ROBERTS, I. (1996) “O português brasileiro no contexto das línguas românicas”. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP.

SALVI, G. P. (1988) “La frase semplice”. In: L. Renzi (Ed.). *Grande Gramática Italiana di Consultazione*. Vol I, capítulo 1. Bologna : Il Mulino.

SPORTICHE, D. (1988) “A theory of Floating Quantifiers and Its corollaries for Constituent Structure”. *Linguistic Inquiry*, vol. 19, n. 3, p. 425-449.

TORRES MORAES, M. A. (1996) “Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil”. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP.

VOTRE, J. & NARO, A. (1989) “Mecanismos Funcionais do Uso da Língua”. *D.E.L.T.A.*, vol. 5, n ° 2, p. 169-184.

_____. (1992) “Mecanismos Funcionais do Uso da Língua: função e forma”. *D.E.L.T.A.*, vol. 8, n ° 2, p. 285-290.

ZUBIZARRETA, Maria L. (1998) *Prosody, Focus and Word Order*. MIT Press.